

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

FONTES, Joaquim Rubens. *Pelos caminhos e vilas do chapadão*. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério. (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, no Curso de Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000. 126 p.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Professor Doutor José Carlos Santos de Azeredo

Professor Doutor Alcmeno Bastos

Professora Doutora Ana Maria Alencar

Professor Doutor José Maurício Gomes de Almeida

Defendida a Dissertação.

Conceito:

Em:

PELOS CAMINHOS E VILAS DO CHAPADÃO

Joaquim Rubens Fontes

(Curso de Mestrado em Literatura Brasileira - Letras Vernáculas)

Dissertação de Mestrado em Literatura
Brasileira apresentada à Coordenação
da Pós-Graduação da Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro. Orientador: Professor Doutor
Godofredo de Oliveira Neto.

Faculdade de Letras da UFRJ

1º Semestre de 2000

A

Marisa,
Rubens Filho,
Luís Fernando e
Carlos Henrique

pelo apoio e incentivo.

II

Agradecimentos

- À minha família,

por tudo.

- Aos professores da Faculdade de Letras, especialmente os professores

José Carlos Santos de Azeredo,

Alcmeno Bastos,

Ana Maria Alencar

e José Maurício Gomes de Almeida,

que nos deram a honra de participar desta apresentação.

- Aos professores da Universidade Santa Úrsula,

pelo incentivo.

- À Administração da Universidade de Uberaba (UNIUBE),

que nunca nos faltou com seu apoio.

- Aos funcionários da Secretaria da Pós-graduação,

pela atenção e carinho.

- Aos funcionários das bibliotecas da Faculdade de Letras,

da Academia Brasileira de Letras

e do CCBB,

pela atenção com que sempre nos atenderam.

- Aos colegas e amigos que apoiaram.

- E todo reconhecimento ao Professor Godofredo de Oliveira Neto, que com

seus vastos conhecimentos e contagiante entusiasmo nos orientou e conduziu.

SINOPSE

Apresentação. A importância de Palmério como romancista e as razões da pesquisa.

Objetivos do trabalho. *Vila dos Confins*, relatório oficial transformado em romance.

Uma construção diferente: várias histórias embutidas no enredo principal. A atividade política, o sistema eleitoral corrompido à força de dinheiro, de favores e de armas.

Chapadão do Bugre: atuação dos coronéis, dos jagunços e dos batalhões volantes. O sistema político do início da República e seu funcionamento, especialmente no sertão. A tipologia das personagens e o cuidado na reprodução do discurso sertanejo. Mário Palmério – escritor, educador, político, viajante, diplomata e homem de seu tempo.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 - INTRODUÇÃO | 4 |
| 2 - LEITURA DAS OBRAS | 13 |
| 2.1 – VILA DOS CONFINS | 13 |
| 2.1.1 – Apresentação | 13 |
| 2.1.2 – Resumo | 16 |
| 2.1.3 – Discussão e análise | 29 |
| 2.1.3.a – Construção por níveis | 33 |
| 2.1.3.b – A colocação espacial..... | 37 |
| 2.1.3.c – Tratamento do tempo | 39 |
| 2.1.3.d – Linguagem literária versus regionalismos | 41 |
| 2.1.3.e – A construção dos personagens | 50 |
| 2.1.3.f – Ponto de vista e envolvimento do narrador | 58 |
| 2.1.4 – Conclusão/parecer | 65 |
| 2.1.5 - Notas | 72 |
| 2.2 – CHAPADÃO DO BUGRE | 77 |
| 2.2.1 - Apresentação | 77 |
| 2.2.2 - Resumo da história | 79 |
| 2.2.3 – Discussão e análise | 85 |
| 2.2.3.a – A estrutura..... | 85 |
| 2.2.3.b – A colocação espacial..... | 86 |
| 2.2.3.c – Tratamento do tempo | 87 |
| 2.2.3.d – Linguagem literária versus regionalismos | 90 |
| 2.2.3.e – A construção dos personagens | 97 |
| 2.2.3.f – Ponto de vista e envolvimento do narrador | 104 |
| 2.2.4 – Conclusão/parecer | 105 |
| 2.3 – SEMELHANÇAS DE PLANO, ESPAÇO E LINGUAGEM | 108 |
| 2.4 – ANÁLISE FINAL | 110 |
| 3 – CONCLUSÃO | 112 |
| 4 - BIOGRAFIA DO AUTOR | 115 |
| 5 - NOTAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 119 |
| 6 - BIBLIOGRAFIA | 120 |

I. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho está ligado à magnitude da obra de Mário Palmério, à sua importância para a literatura nacional e, a par disso, ao descobrimento de vasta região do Estado de Minas Gerais, revelada em seus romances.

Desde sua origem humilde, na pequena cidade de Monte Carmelo, no sertão de Minas, passando por uma formação pouco regular, até a criação de uma universidade no Triângulo Mineiro, três eleições para a Câmara dos Deputados, a investidura na Embaixada do Brasil em Assunção, no Paraguai, e a eleição para a cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, Palmério sempre mostrou talento ímpar, garra insuperável, profundo amor à natureza e fé inabalável nos destinos do país e da humanidade. Muitos dos quadros de seus romances mostram a vida calma e feliz na roça ou na cidadezinha do interior, encantando o leitor, que pode ouvir a sinfonia dos passarinhos (“a filhotada de sofrês que ele já vira, na mesma hora que chegara à fazenda, saraivando de cantigas novas o pé de figueira-de-folha-miúda do curral...” – VC, p. 102), o canto do galo (“O canto do galo índio solou cheio, melodioso, dentro da noite clara.” – VC, p. 98), o berro nostálgico do gado, sentir o perfume das flores silvestres, do mato coberto de orvalho, ou o gosto de frutas nativas, colhidas no próprio pé, e desfrutar a calma do poente, vendo o sol a procurar abrigo detrás das montanhas. Seu amor à pescaria é quase uma fixação, assim como a admiração pelo trabalho dos boiadeiros, vencendo distâncias que o berrante não pode alcançar.

Mas Mário Palmério tem fé e espírito crítico, porque conhece a natureza humana, sabe de suas fraquezas e idiosincrasias, e sabe da influência do meio e das necessidades na formação do caráter (“...o caso ocorrido depois de ter ele matado, tão corretamente, o Miliano na sala do Hotel de Seu Isaltino.” - CB, p. 287), que só assim podia compreender os crimes, a desonestidade, a falsidade e a corrupção dos homens. Assim era Palmério, um homem profundamente desapontado pelo abandono do governo ao interior, ao campo, à agricultura, à Amazônia, que tanto amava e defendia, chegando a viver quase oito anos num barco na região. Algumas imagens recorrentes em suas obras mostram com nitidez o espanto do autor, sua tristeza ao constatar o desprezo preconceituoso dos governantes para com o homem distante

dos centros de decisão. E reclama maior atenção dos poderes constituídos para o problema da miséria no interior; para a deficiência da educação nas pequenas cidades e na zona rural; para a pouca valorização do trabalho agrícola; para a jagunçagem praticada abertamente, uma instituição característica dos primeiros tempos de sua região, a serviço dos coronéis; para a grilagem e a usurpação de terras, na lei ou na força; e para as falhas e injustiças do processo eleitoral que, como deputado, repetidas vezes denunciou na Câmara (Nota 1). Em resumo, há sempre coronéis prepotentes impondo sua vontade à população. São políticos desonestos, enriquecidos através da corrupção e da pilhagem, que se amparam na força de um exército de capangas para amedrontar os eleitores que não se rendem às suas ordens, nem se vendem ou se deixam subornar com favores.

Vila dos Confins nasceu exatamente de um relatório sobre a ocorrência de fraudes eleitorais no interior de Minas, que o Deputado Palmério (PTB/MG) apresentou à Câmara para subsidiar o projeto de alteração do sistema eleitoral, conforme sua própria confissão.

Mas Mário Palmério é aqui um escritor, não um escrevente, para retomar a distinção estabelecida por Barthes (1970, p. 31).

O romance reúne casos, histórias e lendas passadas ou contadas na região – como a caçada da onça, a pescaria do surubim, o boi devorado pela sucuri, o sofrimento causado pela maleita, a paixão do criador pelo gado zebu, etc. –, algumas possivelmente verídicas, que mostram um pedaço da vida do interior, os limites do habitante das pequenas cidades e a experiência de um político no sertão, a comandar o partido numa eleição municipal. São narrativas que prendem o leitor por sua beleza, pela emoção que transmite, pela linguagem carregada de cor local, com tonalidades imprevistas, com homens e bichos se confundindo nos mistérios da terra, na insana luta pela sobrevivência. Mas a linguagem é simples, própria do meio e adequada à descrição das paisagens e dos fenômenos do sertão. ("O homem fala a língua de seu meio, de sua profissão." - Almeida, 1985, p. 24).

Vila dos Confins surpreendeu o público e os meios literários, mostrando a vida de um recanto do interior, com a valorização do regionalismo, repisando os mesmos chapadões de Bernardo Guimarães, de Affonso Arinos e de Guimarães Rosa, mas, coerente com os novos

tempos, a denúncia dos métodos políticos é bem humorada e carregada de novidades. O velho e deserto chapadão, sem perda de sua mágica, recebe as invasões da técnica moderna, com a chegada do avião, do jipe, do telégrafo, da dinamite, do trator, das armas de repetição, etc.

Ambientado na mesma região do primeiro romance de Palmério, *Chapadão do Bugre* conta a vida de José de Arimatéia, pacato dentista ambulante, que se perde pela paixão por uma menina da roça. Põe todos seus sonhos na noiva, e sua vida se transforma inteiramente ao saber que foi traído por ela com o filho do patrão. A ofensa não se comporta em seu código moral, acendendo-lhe justificada revolta, que o leva a reagir como verdadeiro homem, matando o rival e perseguindo a traidora para lavar a honra em seu sangue. Após o crime, certo de que será caçado pelos capangas do poderoso fazendeiro, pai da vítima, foge desesperado, indo acoitar-se em outra cidade, onde se alista no esquadrão de jagunços e matadores profissionais de grande coronel que domina toda a região, até ser destruído pela Volante de Captura, mais tarde.

Numa linguagem simples, recheada de regionalismos, de termos pouco divulgados na cidade grande, mas com cheiro de mato e sabor de terra, Palmério denuncia os sindicatos do crime a serviço do coronelato, a leniência dos poderes regionais, a exploração do trabalhador que se esfalfa na lavoura, e a ineficiência das leis eleitorais.

Trata-se de uma obra recreativa e traz pesquisa de linguagem num estilo sóbrio, autêntico e sua característica primordial é a da renovação. (Alves, 1972).

Começando a escrever tarde – Palmério já tinha 40 anos ao dar à luz, em 1956, a *Vila dos Confins* -, tomou gosto pela Literatura, dedicando-se de coração e alma, mas não passou de duas obras publicadas, embora tenha deixado inéditas pelo menos outras duas anunciadas: *O morro das sete voltas* e *Atanásio ou Confissões de um assassino perfeito*, cujos originais se encontram em Uberaba, sob a guarda da família, que se recusa a editá-las, o que pode ser considerado inestimável prejuízo para as letras nacionais.

Mário Palmério conhecia grande parte do Brasil, principalmente Minas Gerais, onde nasceu e viveu por muitos anos; o Rio de Janeiro, quando foi deputado federal por doze anos; Mato Grosso, onde tinha uma fazenda; o Amazonas, em que viveu por oito anos num barco; e São Paulo, onde morou, enquanto trabalhava num banco e completava os estudos. E, além de

tudo isso, viajou muito e deu palestras em todas as regiões. Era um apaixonado pelo sertão de Minas, pela região do Triângulo Mineiro e do Noroeste do Estado, onde viveu, onde trabalhou, onde fez política, e que consagrou em suas obras, inclusive na monografia apresentada como estagiário da Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro, em 1955 (*O núcleo central brasileiro (Região centro – leste)*). Era um conhecedor da terra, de suas qualidades, de suas fraquezas e potencialidades; sabia identificar cada uma das serras, com as florestas que as cobrem e os animais que as povoam e que podem ser caçados; conhecia o nome de cada árvore, sabendo recomendar as melhores madeiras para a construção de cercas

Os postos de aroeira rachada se alinhavam no mesmo prumo e na mesma altura, chanfrados a machado no topo. Os fios de arame farpado – coluna por quatro, certinha, militar – se enfiavam, ora por dentro ora por fora de cada um dos esteios da posteação caprichosa. Serviço de gente! (p. 187),

para a confecção de barcos

Com o canoão de mangue-verdadeiro acorrentado ao tronco carouento do solteiro pé-de-pato, os dois pescadores continuavam em silêncio. (p. 351),

para a construção de casas, etc. Conhecia os rios

O rio Pretinho, mais estreito que o Urucanã, mas de igual fundura, percorria o mesmo tipo de terreno arenoso e solto. (p. 376),

O corgo dos Moreiras desembocava no rio Urucanã, bem menos de meia légua acima do porto dos Confins. Barra estreita, escondida no meio das folhagens e touceiras de barranco. (p. 349),

podendo dizer os pontos onde transbordavam, onde ficavam os melhores pesqueiros

E no fundo? Ah, no fundo! Lá estão eles, os peixes de couro, grandalhões e bigodudos: mandijubas e cascudões; pacamãos, feiosos e sempre taciturnos; surubins, abotoados, jaús. Preferem o chão lamoso, contentando-se com as sobras do banquete. (p. 353),

e qual a forma mais adequada

Paulo ajeitou outro torete de muçum no anzolão. Perfeita, aquela enguia preta e encontradiça em qualquer brejo ou resfriado dos rios do Sertão dos Confins. (p. 53),

e a melhor hora de pescar

Com o sol a pino, Seu Gerôncio, peixe de responsabilidade não vem no anzol. Hora boa é de manhãzinha, até às nove; e lá pelas quatro, até à noite. Boa

mesmo é quando o sol começa a se esconder, derretendo-se no rio, tingindo a água de cor-de-rosa. (p. 355);
 experiente criador e negociador de gado, sabia as origens, as qualidades e os defeitos de cada raça

Gado há, e bastante. Quase tudo ainda gado de antigamente, o ordinariíssimo pé-duro. Progridem, todavia, algumas zonas, resultado da cruzada do zebu. O gir, o nelore e o guzerá melhoram: pé-duro e curraleiro viram mestiço, mestiço vira meio-sangue, meio-sangue vai virando aos poucos um gadão de muita caixa e peso, zebu inteirado, de cupim, barbada e gavião. É só não desanimar, que o cruzamento compensa. (p. 9),
 como adaptá-la às fazendas da região, como criá-la e tratá-la, e qual a melhor época de vender o rebanho; conhecia a fundo o falar dos habitantes, expressão por expressão, que usa com naturalidade, como legítimo nativo; e conhecia os homens

É muita gente vivendo nos Confins. Gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova: homens, mulheres, criançada. Gente igualzinha à de toda parte, morando na roça e na cidade. (p. 9),

participava de suas vidas, partilhava de seus anseios, de seus sonhos, de sua força e lealdade, de suas ambições, de sua coragem, da disposição para o trabalho ou de sua negligência e preguiça

O senhor pode achar graça. Pode até pensar que estou querendo apenas ser-lhe agradável. Mas vou-lhe dizer a verdade: sou tão roceiro, tão sertanejo, tão fazendeiro quanto o senhor. Só que o senhor conseguiu fazer tudo isso, fincou toda esta madeira, realizou o seu sonho. Eu ainda ando como o senhor andava nos seus tempos de peão de boiadeiro... Mas o diabo é que me botaram nas mãos, quando eu era menino, caderno e livro, em vez de uma boa vara de ferrão. Sentaram-me em banco de escola em vez de me montarem em pêlo num poldro sem costeiro. Meteram-me um freio água-choca nos queixos e me puxaram de rastro para um caminho que não era o meu... (p. 218).

Tem opinião firmada sobre o sertanejo, que julga um homem imaginoso, engraçado, contador de estórias, mas negligente por natureza.

Assim também acontece com a raça do caboclo. É baixo: não sabe viver no meio de gente honesta. Perdão de Deus, até na amigação desrespeita a irmandade. Donde a parecença da filharada: tudo de carinha chupada, cabelinho ruim de milho encruado, orelha já em forquilha para enganchar o toco do cigarro de palha.

E cuspinhando de lado, de esguicho, que nem mijada de sapo. Cambada! (p. 183).

Os tipos que aparecem em suas obras são únicos e bastante característicos do sertão, tirados de pessoas conhecidas, identificadas e referidas por todos, como o Xixi Piriá:

O sol o conhece. A areia é sua velha amiga, a caatinga também. Não há mina-d'água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada. Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira. E nenhum cachorro de fazenda lhe nega lambidas de intimidade, quando ele chega. (VC, p. 15).

Não lhe passa despercebida a instituição da jagunçagem, dos verdadeiros exércitos de matadores profissionais a serviço dos coronéis, seus códigos e valores, lavando com sangue a honra ultrajada, nem a hipocrisia dos magistrados encarregados de distribuir a justiça. É todo um mundo novo, cheio de surpresas, que Palmério nos revela, surpreendendo a cada página. Tanto que, freqüentemente, o leitor desavisado se apanha identificado com algum jagunço – especialmente com José de Arimatéia, o herói de *Chapadão do Bugre*, torcendo pelo sucesso de seus crimes, das atrocidades que pratica. Ninguém pode permanecer isento ouvindo as histórias que conta. Sua matéria-prima é a existência humana, trabalhando a matéria-prima das experiências - próprias e estranhas - de forma sólida, útil e única, confirmando a afirmação de Walter Benjamin: “O grande narrador se enraizará sempre no povo, antes de mais nada nas suas camadas artesanais.” (Benjamin, 1980, p. 69).

Não se pode esquecer a capacidade de Mário Palmério de se incorporar ao meio, de participar da vida do povo para partilhar de seus sonhos e problemas. Só assim se pode compreender a grandeza de sua produção artística quando, servindo como embaixador no Paraguai, compôs polcas e guarânias, tornando-se um dos mais admirados e queridos compositores daquele país vizinho. Por muito tempo, algumas de suas composições lideraram a lista das músicas mais ouvidas e seus discos e fitas foram os mais vendidos, como *Saudade*, *Noche de Assuncion*, *Vanidosa*, *Tarde de Carrera*, *No digas no*, etc.

A letra de *Saudade* é um canto de amor e nostalgia:

Si insistes en saber lo que és saudade,

Tendrás que antes de todo conocer,
Sentir lo que es querer, lo que es ternura,
Tener por bien un puro amor, vivir!

Despues comprenderás lo que es saudade
Despues que hayas perdido aquel amor
Saudade es soledad melancolia,
És lejanía, és recordar, sufrir!

(Discurso de posse do Sr. Tarcísio Padilha na ABL, a 13/06/97 – In: *Discursos Acadêmicos*, vol. 27, p. 145).

Mas Palmério sabe que apenas a matéria-prima e o desejo de realizar uma obra de arte não bastam ao artista para alcançar seu objetivo. É preciso muito trabalho, esforço para conseguir transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma:

A emoção para um artista não é tudo; ele precisa também saber tratá-la, transmiti-la, precisa conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções com que a natureza - esta provocadora - pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte. (Fischer, 1971, p. 14).

O surgimento de *Vila dos Confins*, em 1956, foi um acontecimento celebrado pelos meios culturais. Mas Palmério tomara a estrada da literatura em momento pouco propício, exatamente quando Guimarães Rosa (*Grande Sertões: Veredas* é do mesmo ano), que já desfrutava de nome nos meios intelectuais, começava a deslumbrar o mundo inteiro, galgando todos os degraus do sucesso, até irmanar-se aos maiores, como Machado de Assis, Alencar, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, etc. Assim, o sucesso de *Vila dos Confins* foi meteórico: brilhou muito forte, para ser logo ofuscado. E Mário Palmério só voltou a ser destaque em 1965, com o grande êxito de *Chapadão do Bugre*. Uma consagração nas letras nacionais, que veio para durar, provando assim que

o poeta é na verdade o assunto do livro, a sua substância e o seu senhor, o seu servidor e o seu tema. E o livro é na verdade o sujeito do poeta, ser falante e conhecedor que escreve no livro e sobre o livro. (Derrida, 1971, p. 28).

Mineiro como Palmério, embora de outra parte do Estado, a paixão por suas obras é bem antiga, desde o início dos anos sessenta, quando da primeira leitura de *Vila dos Confins*,

que lembrava em cores vivas os trabalhos da infância na fazenda da família, a luta política travada pelos coronéis da cidade, a grande influência do vigário local e, sobretudo, os casos de caçadas, de pescarias, da sucuri pegando o boi, do João Fanhoso com hora errada, e até das doenças endêmicas, que tanto apavorava a população. Foi imediata a identificação com o mundo do sertão dos Confins, a admiração pela técnica empregada, pela linguagem característica, pelas personagens construídas (ficção ou realidade?), pelos assuntos tratados e, acima de tudo, pelo reconhecimento do mundo interiorano, cheio de saudades. A admiração foi tão grande, que o livro foi o presente escolhido para o aniversário do próprio pai, que leu com sofreguidão, releu muitas vezes e não se cansava de discutir as histórias.

Pretende-se neste trabalho analisar a produção literária de Mário Palmério sem, obviamente, elaborar um estudo sociológico do tipo tainiano, a exemplo do que faziam os primeiros críticos literários no Brasil, como Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Interessa-nos, isso sim, a técnica literária do autor mineiro.

A interpretação e a análise dos romances em apreço se darão no sentido texto – teoria, sabendo-se, sim, que tal interpretação nunca será a definitiva, como afirma Eagleton:

Ao aplicarmos um código ao texto, podemos verificar que ele sofre revisão e transformação no processo de leitura (...) Esse processo dialético é, em princípio, infinito. (Eagleton, 1988, p. 133).

2 - LEITURA DAS OBRAS

2.1 – VILA DOS CONFINS

2.1.1 – Apresentação

Vila dos Confins, primeiro romance de Mário Palmério, foi publicado pela Livraria José Olympio Editora, em 1956, com prefácio de Rachel de Queiroz. Para o presente trabalho foi tomada como base a primeira edição, com eventuais consultas à edição mais recente, a 22ª, ambas publicadas pela José Olympio.

O livro retrata ao vivo e a cores um pedaço da vida do interior de Minas Gerais, o caráter do povo do sertão, seus hábitos, seus sonhos, uns poucos pecados e as peripécias da primeira eleição no município denominado Vila dos Confins, presumidamente localizado no sudoeste do estado de Minas.

Obra típica da literatura regionalista, onde casos e lendas da imaginação popular, ou criados pela inspiração do autor, convivem com fatos reais, com acontecimentos marcantes da vida da comunidade. E tudo teve origem no relatório sobre fraudes eleitorais apresentado à Câmara pelo deputado Mário Palmério, sobre o trabalho de acompanhamento, por determinação de seu partido político, o PTB, das primeiras eleições, em 1952, para a prefeitura de quatro municípios da região sob sua influência política. ("*Vila dos Confins* nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance". Alves, 1972).

Pereirinha tinha razão. Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa. Bastava a conivência do escrivão eleitoral para se inundarem as seções de eleitores-fantasma. (p. 320).

Importante registrar que, menos de dez anos antes da publicação de *Vila dos Confins*, ou seja, em 1949, um trabalho de Victor Nunes Leal denominado *Coronelismo, enxada e voto* (Nota 2) fazia profundo estudo sobre o funcionamento do sistema eleitoral no sertão, registrando como fatos institucionalizados a corrupção, as fraudes, o nepotismo, a troca de favores e o uso da violência para a manutenção do poder, das terras e do mandonismo. Era como funcionava e, segundo a professora Celina Vargas do Amaral Peixoto (“Coronelismo,

enxada e voto”. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 10/02/2000), pouca coisa mudou no mecanismo eleitoral do sertão do Brasil, que continua a exigir elevadas quantias para o financiamento das despesas de confecção dos documentos, para o transporte, para o alojamento, para as refeições, para a roupa e até para o chapéu, que muitos eleitores ainda fazem questão de usar, dinheiro que apenas os novos coronéis podem dispor. E o próprio Palmério, em discurso feito na Câmara, na defesa das reformas da legislação eleitoral afirma que:

Todos nós sabemos que o eleitor recebe a cédula nos currais eleitorais. É posto numa condução, vigiado pelo cabo eleitoral, entra nas filas das sessões (sic) eleitorais vigiado pelo cabo eleitoral, e a única hora em que se sente liberto para atuar, em que ninguém é testemunha de seu gesto, é na cabina... (DCN de 16/06/62, p. 3278).

A este trabalho, porém, importarão apenas os aspectos literários do romance, que será estudado e analisado tão-somente como obra de arte, como ficção literária da melhor qualidade, capaz de conquistar a admiração e o respeito do público e da crítica e de abrir a seu criador as portas da Academia que, ao acolher o novo membro, estava simplesmente reconhecendo-lhe os méritos de acabado artista, de profundo conhecedor da alma do homem do sertão, dos costumes interioranos, da vocação e dos pecados do caboclo e, acima de tudo, de seu linguajar.

Que não se perca de vista, outrossim, que, para a análise literária – a que nos interessa no presente estudo - há no romance um autor implícito, que não se confunde com a pessoa do autor. Como escreve Todorov (1977, p. 308):

(...) desde que o narrador é representado no texto, devemos postular a existência de um autor implícito ao texto, aquele que escreve e que não se deve em caso algum confundir com a pessoa do autor em carne e osso: apenas o primeiro está presente no livro.

Tarefa insana seria comparar *Vila dos Confins* a outras obras da literatura regionalista nacional, principalmente de autores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Cândido de Carvalho, Affonso Arinos, Bernardo Guimarães, Dionélio Machado, etc. Sem a preocupação de fazer juízo de valores, o romance de Palmério se

distancia dos demais por revelar características bastante específicas e uma estrutura em tudo diferente.

Outra qualidade de *Vila dos Confins* é a forma utilizada pelo autor para relatar os problemas político-eleitorais do sertão, ao tempo em que, paralelamente, conta diversas histórias, ou lendas, de sua região, como a pesca do surubim, a caçada da onça, a tragédia do boi apanhado pela sucuri, os ataques da maleita, a velhice do galo, o comércio do gado, a função dos mascates, a esperteza do urubu roceiro e outras mais, tudo enlaçado ao enredo principal, mostrando a capacidade do sertanejo para superar todas as dificuldades.

Um romance rural ou agrário, no qual a narrativa comanda a ação e onde, por outro lado, o elenco de tal forma se mistura com a paisagem que o personagem às vezes deixa de ser uma figura humana para ser um acidente geográfico, um rio, um animal por vezes, a própria paisagem quase sempre. Assim não pouco freqüentemente se perde ele num fácil costumismo, onde as coisas prevalecem como que radicalmente sobre os seres. Entretanto, não deixa de ser uma das qualidades fundamentais do seu romance admirável sentido da paisagem, essa crença como que azoniniana, de que o homem é feito da paisagem. (Portella, 1957).

O romance revela os problemas enfrentados pelo homem do sertão, em determinada época, com seu falar próprio, com sua cultura bem característica, cheio de fé, de esperança e de coragem de viver. Pela vasta gama de assuntos abordados, *Vila dos Confins*, a exemplo dos romances de Affonso Arinos, de Guimarães Rosa e de Euclides da Cunha, oferece matéria para o estudo de diversas ciências, como a Sociologia – a quem desejasse levantar os costumes do sertão; a Lingüística – aos pesquisadores do falar regional; a Ecologia – pela quantidade informações sobre a fauna e a flora do sertão de Minas; a pecuária, no Triângulo Mineiro; a biografia do autor, etc. É um pedaço da vida do interior, recortada com arte e competência pelo autor, que não pode nem deve prescindir de qualquer elemento para dar autenticidade e valorizar sua obra. Já Euclides da Cunha, em resposta a José Veríssimo, que acusava *Os sertões* de excesso de termos técnicos, escreve que “o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano.” (citado in Rabello, 1983, p. 182).

Nossa proposta, entretanto, é, como já escrito, de procurar manter esse trabalho circunscrito aos aspectos literários da obra, analisando-lhe a construção, os recursos utilizados, sua adequacidade e os objetivos alcançados. Nada mais. “A única coisa que pode nos falar sobre o romance é o romance.” (Muir, p. 7).

2.1.2 – Resumo

Após o prefácio de Rachel de Queiroz, descobridora e apresentadora do autor, há uma introdução, onde o próprio narrador procura assegurar credibilidade à história, apelando ao testemunho de personagens, que faz passar por pessoas reais, como o Pe. Sommer ("a pessoa mais abalizada daqueles fundos, no dizer geral"), o prof. Elias Fragoso, o comerciante Jorge Abdala, etc. e descreve o espaço geográfico da narrativa, compreendendo o sudoeste mineiro e o Triângulo, regiões que limitam com o estado de Goiás.

Começando na Serra dos Ferreiros ou na margem esquerda do rio Urucanã, findando no Ribeirão das Palmas ou no espigão mestre da Serra dos Papagaios, o fato é que o Sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais. (p. 7).

É neste espaço que nasce o novo mundo, um mundo ficcional, mas com uma vegetação bastante característica, com uma população própria e uma cultura bem diferente das demais. São descritas as qualidades das terras, a flora natural, as culturas, os animais e a cidade, preparando-se o cenário para os personagens que vão sendo apresentados.

Profundo conhecedor da região, a cujos aspectos geográficos, topografia, geologia e principais culturas dedicou muitos estudos, conforme se comprova pela monografia apresentada ao encerramento do estágio na Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro, em 1955, Mário Palmério faz verdadeiro documentário sobre a geografia, os rios, as matas, a vegetação, as lendas e o comportamento do povo confiniano, que consagra em sua ficção. Tal o cuidado do autor, que lembra Euclides da Cunha na primeira parte de *Os sertões*.

A história propriamente dita se inicia em linguagem quase poética, buscando alcançar a sensibilidade do leitor para o primeiro personagem apresentado: Xixi Piriá. Tratado com simpatia e carinho e realçado pelos hábitos e a indumentária estranhos ao meio, o mascate é

aceito pela comunidade como provedor de muitas de suas necessidades. Conhecido e estimado, tem assento à mesa de todos os fazendeiros, mas sua descrição é bem diferente da de outros personagens, que serão conhecidos e exaltados pela masculinidade, pela força e pela coragem.

Apesar do papel secundário que desempenha na história, Xixi é personagem alegórico, por representar o traço de ligação entre o sertão e o mundo civilizado, quer distribuindo bens e produtos, quer transportando mensagens e notícias. Modesto e miúdo, irá agigantar-se ao final, transformando-se em legítimo herói.

Outro personagem – o Deputado Paulo Santos, protagonista da história, mostrará o sacrifício do político em campanha pelo interior, convivendo com as pessoas mais humildes, mais necessitadas, e enfrentando o desconforto e as doenças do sertão. Como líder político habituado à conviver com o povo do interior, é por seu intermédio que o narrador faz a análise dos costumes do lugarejo, das práticas eleitorais, das influências sociais, e critica a negligência e a preguiça do caboclo (“Preguiça até de ter curiosidade.” - p. 182), e aprova ou desaprova certos costumes. Jorge Turco é outro personagem alegórico: um estrangeiro de origem ignorada, homem instruído, amante dos livros, que trocara a luneta da ciência pelo comércio do sertão. João Soares, um elemento típico da terra, é o candidato a prefeito apoiado pelo Deputado Paulo Santos contra os desmandos dos coronéis e dos donos do poder. De educação modesta, mas de grande sabedoria prática, tem profundo respeito pela ética e pela moral. Perderá a eleição. Chico Belo, seu adversário como candidato da situação, é o coronel rico, que domina a cidade, onde sua vontade é a lei e seu dinheiro a esperança de sobrevivência para muitos eleitores. O Gerônimo, barqueiro, muito puro e amigo de Paulo, a quem leva às pescarias, transporta através do rio, e com quem se solidariza nos momentos difíceis.

Armado o palco e apresentados os artistas, são feitos os lances iniciais da história, que falará dos costumes do sertão mineiro, da maneira simples do povo, de suas tradições, contará casos de seu dia-a-dia, de seus trabalhos e diversões, como as pescarias às margens do Urucanã, as caçadas, as conversas sem fim à porta do armazém, e relatará as peripécias de uma eleição municipal numa cidade do interior.

Designado representante do partido para acompanhar as primeiras eleições em três municípios recém-emancipados em sua área de atuação, o deputado Paulo Santos volta à cidade, que conheceu alguns anos antes e onde fizera muitas amizades, e se multiplica para resolver os problemas dos correligionários, para organizar a chapa partidária e para controlar o diretório. Nessa azáfama, no meio de tantas dificuldades, sonha com as alegrias de uma pescaria e não dispensa o convite do balseiro, livrando-se dos assuntos políticos. Na pescaria, tudo é feito com técnica, desde a preparação do material e a coleta das iscas, até a escolha dos melhores pontos e a hora de tomar a cachaça. Mas o mais importante é libertar-se dos grilhões da consciência civilizada, das preocupações do dia-a-dia, poder manter uma conversa descontraída à beira do rio, ficar assim à toa no barco, pensando na vida, imaginando coisas e sonhando. Ao final, o deputado consegue pegar um grande surubim, de quase "dois metros e bem mais de três arrobas", tendo de lutar por mais de uma hora para trazê-lo para o canoa. O peixe é preparado por Ambrosina na venda do Jorge Turco e servido como festa para os companheiros.

Ao outro dia, os políticos saem em viagem de campanha, tendo de enfrentar a travessia do Urucanã, a estradinha enlameada e a falta de recursos sertão adentro. Passam pela casa de Gerônimo, onde tomam um café bem forte para enganar a fome e Paulo presenteia a afilhada com uma nota das grandes: "- Tome, Ritinha, compre um vestido novo. Nesse você não está cabendo mais..." (p. 65).

A viagem serve para que se discutam os problemas partidários, para a escolha dos candidatos que completarão a chapa e para se falar das traições ocorridas. À chegada, Paulo se assusta com a pobreza do lugarejo, uma vila sem nenhum recurso ou conforto moderno:

Se a Vila dos Confins dava aquela primeira impressão de pobreza, o Carrapato lembrava miséria e abandono. Difícil topar, naquele fim de mundo deserto, coisa mais triste e mais sem vida. (p. 73).

Faz parte da democracia ouvir todos os eleitores, mesmo os mais pobres, os mais afastados e os mais esquecidos, que também eles têm problemas, também eles têm direitos e também eles dependem da administração pública para a solução de muitas de suas dificuldades.

Nenhum candidato pode ignorar quem quer que seja, deixar de ir a seu encontro, deixar de levar-lhe uma palavra de esperança, de procurar saber de suas necessidades e reivindicações e de compartilhar de suas lutas. É o sacrifício do político, que tem de conviver com a pobreza de seus eleitores, com a miséria, com as doenças, com o cão com cara de besta a dormir à porta, com os anuns e com a febre, que chega para derrubá-lo. Levado para o quarto, o deputado é obrigado a suportar a maleita, a febre, o mal-estar, os marimbondos, a lagartixa com cabeça de feto de jacaré, os mosquitos, a réstia de sol fazendo desenhos na parede, os caipiras ignorantes, a curiosidade das crianças, o falatório das mulheres e até as lembranças tristes de outros doentes menos afortunados, que não conseguiram se livrar das seqüelas da febre. Na falta do sobrinho, acamado sem poder trabalhar, Aurélio – um velho boiadeiro aposentado, que agora se dedica inteiramente a ajudar a política de Paulo Santos - se vê obrigado a assumir o comando das conversas, para não desagradar o pessoal da vila.

Enquanto convalesce da maleita, deplorando a sorte, Paulo recebe visitas e tenta fazer política, mas se sente constrangido, aborrecendo as pessoas que o cercam, e quer voltar à Vila, para acabar o tratamento. Mas um fazendeiro, Seu Sebastião, e a filha – Maria da Penha, uma moça bonita e prestativa, entretanto, decidem levá-lo para a Fazenda do Boi Solto, ainda mais para dentro do sertão. Paulo reluta, discute, faz tudo para evitar a viagem, mas acaba cedendo à vontade dos amigos, deixando que apenas Pé-de-Meia continue a trabalhar em nome do partido, alistando eleitores, ensinando a votar e fazendo-lhes a cabeça para que apoiem os candidatos de sua indicação.

Na fazenda de Seu Sebastião, o deputado Paulo Santos se recupera, assistido por Maria da Penha, pelos amigos e os correligionários. O conforto do alojamento, o ar puro da roça, o cuidado e o carinho da moça, e as pescarias e as distrações na conversa com os amigos fazem renascer-lhe o ânimo. As crises se tornam menos violentas e mais espaçadas e a febre quase desaparece.

Uma das visitas mais festejadas é a do Pe. Sommer, o alemão que é pároco da cidade, que conta suas aventuras pelo sertão, as lendas do aluvião do Morro Redondo, da Mina Velha

fechada pelos índios que devastaram toda a vila, matando os aventureiros, e a caçada à onça, um dos pontos altos da história.

Bem no meio da noite foi que a bicha saltou – e caiu sobre o jumento! O pobre arrebentou o sedenho e disparou alucinado pelo cerradão afora com a assassina montada na cacunda. (p. 111).

Nequinha Capador, comerciante de gado e boiadeiro de fama bastante conhecida pelas façanhas realizadas no tempo em que era grande fazendeiro, é outro que chega, vem à procura de pastagens para o rebanho comprado na região, trazendo novas histórias, como a do boi Lontra, que deu origem à criação do zebu e à paixão pela raça em Uberaba e toda a zona do Triângulo Mineiro. E Paulo se surpreende com a notícia trazida por Xixi Piriá, da presença do amigo Raimundão, explorando alguns aluviões nas proximidades.

As histórias agora são de mineração, da luta do garimpeiro na busca do ouro e de pedras preciosas. Quando a sorte lhe sorri, o mineiro alcança a riqueza do dia para a noite, despertando a inveja dos companheiros e atraindo a cobiça de milhares de aventureiros, que chegam de todas as partes em busca da fortuna, do que resulta o nascimento de muitos povoados, a construção de vilas e o crescimento de arruados, dando origem às cidades. Mas nem todos têm a mesma sorte, que poucos são recompensados, e quando a produção começa a decair, a minguar e se esvaír, quando o sonho vai terminando, também os aventureiros pouco a pouco vão desaparecendo, arribando para outras plagas à procura de fontes mais promissoras, partindo em busca de novas ilusões, deixando para trás tudo abandonado, tudo desfeito, menos a esperança, que é a única coisa que leva consigo, junto com a ambição de fazer fortuna.

Vício louco! Os dentes caem, o cabelo cresce, as costas encascam assadas ao sol. O morrote de cascalho peneirado encorpa, fica alto demais, desajeitado. Que tem isso? A gente começa outro, roça mais uma braça de barranco, corta mais galho e mais folha, e faz outro jirau. (p. 147).

Acompanhando a vida da fazenda, assistindo ao trabalho de Maria da Penha, Paulo acaba picado pela abelha do desejo, sente-se atraído pela fazendeira e quer se encontrar a sós

com ela, para desfrutar de sua intimidade, para ouvir seus casos e confidências. Mas com a casa cheia, tanta gente na fazenda, a constante presença de visitas, isso não será possível.

Queria-o com Maria da Penha, desejava conversar com ela, descobrir-lhe os segredos, merecer – quem sabe? - as suas confidências. Impossível, porém, enquanto os outros continuassem na fazenda, a oportunidade de um encontro a sós. (p. 149).

Discretamente, porém, procura tocar no assunto com o Xixi Piriá, que parece gozar da amizade da casa, e o mascate lhe fala do passado da moça, do insucesso de seu casamento, da morte suspeita do marido e dos boatos espalhados pelo povo. De tudo Xixi está a par, por haver partilhado com a família de todos os acontecimentos. Apaixonado, Paulo quer encontrar uma maneira de ficar com ela, talvez em seu quarto, depois que todos houverem se recolhido. Sabe dos riscos, da loucura de tal aventura, mas, mesmo assim, está disposto e, alta noite, fica a passear no terreiro, juntando coragem para a façanha, quando, de repente, a vê surgir na janela, fresca em sua camisola, e sente que, afinal, chegou a hora de agir, não pode mais hesitar. Está pronto para tudo, caminhando em direção à janela da amada, mas é justamente nesse momento que ecoa pelas quebradas da fazenda o berro triste e desesperado do boi apanhado pela sucuri, acordando todos na casa e no campo. A história da sucuri é outro dos momentos mais altos do romance. Para a professora Maria Helena Frota, em sua tese de doutorado, o urro do boi, despertando toda a fazenda e impedindo os planos do casal, funciona como uma "visão profética do destino de Paulo em relação ao namoro". (M. Helena Frota, 1988, p. 15).

Frustrada a aventura amorosa, Paulo é chamado de volta à realidade, e se põe a pensar na insensatez das palavras de Maria da Penha: "Vou deixar a porta do meu quarto encostada; à noite, depois que os outros se deitarem, você vem..." (p. 166). Seria amor de verdade ou apenas o desejo passageiro de uma mulher solitária? E, analisando os fatos, vê outros ângulos de sua aventura, tomando consciência da indignidade que estivera por praticar, abusando tão cruelmente da hospitalidade de Seu Sebastião, que o recebera com tanta amizade e não vacilara em aceitar seu convite, quase uma intimação, para fazer parte da chapa de João Soares, concorrendo à vice-prefeitura. Um sacrifício que poucos se disporiam a fazer. E mais, Paulo

se assusta de imaginar o risco corrido, ao refletir sobre a forma como fora salvo do escândalo, e decide se afastar de Maria da Penha, pelo menos por algum tempo.

E continua o trabalho pelo interior do município, procurando as pessoas que acredita que possam contribuir para o partido, possam ser importantes para a campanha pela prefeitura. A caminho da fazenda do Neca Lourenço, junto com os companheiros da legenda, faz uma parada na venda do Fiico, onde Xixi Piriá fica para prosseguir no seu comércio ambulante. Na despedida, Paulo presenteia o amigo com um punhal de prata, que trouxera para o Pe. Sommer, mas que já não mais lhe será dado:

- Isto não é presente para mim, Dr. Paulo! O senhor está brincando... Isto não é arma, é jóia de muito preço. Não mereço, não, de jeito nenhum... (p. 181).

A prenda é, de fato, apenas uma jóia, mas que valerá como arma fatal na luta contra o gigante Filipão, no final do romance. Representará o poder da civilização contra a força bruta.

Ao chegar à fazenda, a caravana é recebida com festa por Seu Neca Lourenço, lisonjeado pela visita de gente tão ilustre, a quem conta as lutas no início da vida e as peripécias enfrentadas para a compra da fazenda. Para evitar as manobras do ex-proprietário, Pedrinho Belo, que queria passá-lo para trás, deixando de cumprir o contrato firmado de entrega do imóvel no prazo acertado, da mesma maneira que sempre fazia, seu Neca teve de usar de astúcia e coragem. Contando com a força política e a riqueza da família, o mal-afamado coronel costumava faltar com os compromissos, apelando depois para a justiça, causando grandes prejuízos aos negociantes menos avisados. Alertado por amigos e preocupado com os riscos a que se havia exposto, Seu Neca decide agir por conta própria, apelando para a violência a fim de obrigar o espertalhão a cumprir a palavra empenhada.

A ocasião era aquela: antes que o safado pudesse mexer com um dedo, meti-lhe a garrucha em cima do umbigo e falei baixinho, mandando-o entrar para dentro da casa. E contei-lhe a história da onça: que velhacaria daquelas ele não fazia comigo... (p. 210).

Para o partido, o apoio de Seu Neca é indispensável, pelo prestígio que desfruta em toda a região e pelos eleitores que tem na fazenda e nas redondezas, votos essenciais para a

vitória, e Paulo o convence a participar da chapa unionista, como candidato a vereador. Falando-lhe das dificuldades que poderão advir se o município continuar dominado pelos Belos, dos prejuízos para os fazendeiros que não fazem parte das relações do rinhento coronel, e das vantagens de se colocar o João Soares na prefeitura, o Deputado consegue a estusiástica adesão de Seu Neca.

Do lado dos adversários, porém, para obtenção do apoio oficial do governo a sua eleição, o Coronel Chico Belo vai à Capital do Estado (a viagem é simultânea às aventuras vividas pelo Deputado Paulo Santos e já havia sido iniciada à página 28, do capítulo 2), onde enfrenta um choque cultural. Observando os costumes da cidade grande, todas as formas de conforto, de progresso, a maneira inteligente e despachada dos habitantes, o Coronel Chico Belo compreende quão modesta e insignificante é sua condição de vida no interior, quase selvagem, e sente inveja. Mas só tem em mente o próprio bem-estar, que em nenhum momento pensa no povo, nas pessoas que deixara para trás, vegetando sem assistência no sertão. Junto com o Osmírio, filho do chefe político de Santa Rita, antiga sede do município, o Coronel é levado à Secretaria pelo deputado Azambuja, onde são recebidos com atenção pelo titular. A conversa, naturalmente, é sobre a política estadual, sobre as reivindicações e traições de alguns companheiros, e a necessidade de se continuar respaldando os atos do governador. Mas o Secretário logo cuida de excluir o Azambuja das discussões, livrando-se de sua intermediação, para tratar dos assuntos diretamente com os políticos do interior. Derrotado, humilhado e sem forças para enfrentar o poder do governo, o deputado Azambuja é obrigado a se afastar, deixando os visitantes à mercê do adversário, que trata de conquistá-los com elogios e promessas, inclusive convidando a conhecer sua casa, à noite. O Coronel se deslumbra com o luxo da residência do chefe, com a fartura e com o número de convidados, comparando mais uma vez aquela vida de regalos a sua luta no interior, lamentando não haver estudado, não haver se preparado convenientemente para fazer parte do grupo dos eleitos. O Secretário faz pressão, exige apoio total dos companheiros e quer para si próprio todos os votos dos Confins, fechando-se um acordo vantajoso para ambas as partes. "E um aperto de mão entre homens de nossa categoria vale mais que selo de educação e saúde." (p. 245).

À volta do Chico Belo e Braulino, trazendo o novo delegado militar, a vida na Vila se agita, alvoroçando a oposição, que sabe que terá de redobrar os esforços na campanha. Mais tarde, dando cumprimento aos termos do acordo, o Secretário faz uma visita aos correligionários na Vila, para conhecer o município, apoiar o candidato do partido e assegurar seus votos nas eleições gerais já marcadas. E, como o manhoso urubu roceiro, o experiente político cuida de se resguardar, se reunindo apenas com os companheiros de maior força, como a escolher os pousos mais altos e seguros, para estar a salvo de eventuais perigos ou afrontas da massa.

Os urubus, como os políticos, nunca atacam sozinhos e desguarnecidos, voam em bando por proteção, avaliam com precisão o poder da arma de fogo, "esperam pelo bezerro recém-parido" para, então, "descerem em vôo rasante sobre a presa", obedecendo, além do mais, ao código de sua instituição. (Frota, p. 16).

Perplexos com a movimentação avassaladora dos adversários e sem contar com o apoio do deputado Paulo Santos, que prossegue no trabalho pelo interior do município, os opositoristas se assustam com a virada indicada pelas primeiras defecções no partido, anunciadas pelo Carrilho e pelo professor Elias, e as pressões do representante do governo sobre outros correligionários. Quase em pânico, pedem o retorno imediato do chefe.

Paulo é forçado a voltar às pressas, preocupado com a deterioração da situação, com as desavenças em outros municípios de sua influência, com o medo dos companheiros de partido e com o frustrado atentado na serra do Corrente, cuja autoria é atribuída a um dos capangas de Chico Belo e o alvo seria inquestionavelmente ele próprio, o deputado. Em pouco tempo, todo o esforço de muitos meses, a esperança da construção de um futuro melhor para o povo da Vila, de livrá-lo da dominação dos velhos coronéis, tudo parecia ir se desfazendo, se perdendo ante a inércia e a impotência dos unionistas.

A coisa se complicara: sem saída mesmo, nenhuma providência útil, capaz de reerguer o moral dos correligionários da Vila; o tempo curto... (p. 270).

Paulo sente que não pode mais continuar inerte, assistindo parado às manobras dos adversários, que é chegada a hora de contra-atacar, e faz planos. Quando intimado a comparecer à delegacia para prestar depoimento ao novo delegado militar, num flagrante desrespeito à sua situação de parlamentar, subvertendo-se a ordem, reage à altura, fazendo com que o ambiente se feche.

- Olhe aqui, sargento: diga lá ao seu capitão que não se meta a besta comigo. Não sou empregado dele nem recebo ordens de polícia. E vão dando meia-volta os dois, depressa, que estou de pouca prosa hoje. Ande! (p. 283).

A situação se agrava, caminhando para um trágico desfecho, pela intransigência das partes. Ninguém aceita ceder um milímetro, recuar um passo, todos querem derrotar o adversário, sem pensar nas perigosas conseqüências da disputa. O Pe. Sommer, como estrangeiro e alheio às disputas, é o único que ainda se mantém tranqüilo e busca conciliar os ânimos, procurando encontrar uma saída para superação da crise, mas são poucos os recursos a seu alcance, que ninguém ouve suas palavras, ninguém aceita seus conselhos. À noite, quando maior é a ansiedade e a situação se torna mais crítica, Paulo decide viajar a Santa Rita, acompanhado apenas do tio, para exigir providências do juiz de direito. Tudo entretanto não passa de um projeto formulado pelo deputado, de uma jogada de alto risco para tentar mudar o jogo. Sozinhos, altas horas da noite, no silêncio da mata do Corrente, simulam novo atentado, baleando a própria camioneta e fazendo com que as suspeitas todas apontem outra vez na direção de Filipão, o capanga predileto de Chico Belo. Tudo é feito com tanta perfeição, que ninguém, nem de longe, suspeita da armação.

Em Santa Rita, antiga sede do município, ao tomarem conhecimento da história contada por Paulo e Aurélio, da nova emboscada armada contra eles, povo e autoridades se juntam para se solidarizar com o deputado, repudiando o suposto atentado. E, diante da gravidade da situação, o juiz de direito, Dr. Braga, decide assumir pessoalmente o comando da eleição na Vila dos Confins, ordenando todas as providências para garantir a tranqüilidade e a lisura do pleito. Com tal objetivo, afasta as pessoas suspeitas de envolvimento, desarmando o esquema montado pelos situacionistas e levando o desânimo às hostes belistas, que, sentindo-se

desprestigiadas e precisando recuperar o controle da situação, vão procurar o juiz, em busca de diálogo, tentando reconquistar seu apoio.

- O município vive dias anormais; não fui eu o culpado, Seu Dr. Osmírio... A nação está de olhos fitos em nós, depois da barbaridade do crime cometido contra um parlamentar da República. Meu dever é presidir o pleito com honradez e o máximo de segurança. Não vou estragar meus trinta anos de magistratura. Proteste, recorra, se quiser. (p. 325).

Forças da Aeronáutica chegam para controlar a cidade, enquanto o delegado civil nomeado por Chico Belo é afastado e posto em campo, à caça de Filipão, que continua desaparecido.

No dia da eleição, todos os mesários são trazidos de Santa Rita, pessoas da confiança do juiz, e cumprem rigorosamente a rotina prevista em lei, enquanto, às portas da cidade, os soldados da Aeronáutica impedem a quebra da ordem, tumultos e propaganda partidária.

A Vila está em festa, a população toda, em roupas domingueiras, vai chegando e se dirigindo ao centro de reunião do respectivo partido, onde cabos eleitorais treinados controlam e orientam o procedimento de cada um. Todos os eleitores, mesmo os da cidade, exigem condução do partido para comparecer às seções eleitorais.

No quartel dos unionistas, Paulo se assusta com informações trazidas por Seu Néelson sobre os estragos ocorridos em sua jurisdição, onde muitos eleitores foram subornados pelo inimigo. Ainda assim, o deputado procura manter elevado o moral dos correligionários, falando com esperança na vitória. Graças às medidas implantadas pelo juiz de direito e à severa fiscalização dos partidos, o pleito transcorre normalmente, sem nenhuma alteração da ordem.

No dia seguinte às eleições, a Vila volta à normalidade, sem o movimento político, sem as forças federais, que tão logo terminada a tarefa retornaram às suas bases, com muita gente viajando a Santa Rita, para assistir às apurações. Com a consciência aliviada pelo dever cumprido, Paulo aproveita para descansar e recuperar as forças despendidas.

Apenas a compra de títulos não se pudera evitar. O remédio seria comprar também, como o fizeram os liberais, mas onde o dinheiro para atochar no

eleitorado do Chico Belo, a quinhentos, a conto de réis por cabeça? Pobre do João Soares... (p. 347).

Ao final da tarde, Paulo vai pescar no Urucanã com o Pe. Sommer, onde lhe conta a verdade sobre a tocaia da mata do Corrente, e é repreendido pelo reverendo, que o julga tão falso e mentiroso como o próprio Chico Belo.

À noite, junto com os companheiros que não quiseram ou não puderam ir para Santa Rita assistir às apurações, o deputado visita a casa do padre, que os recebe com hospitalidade, proibindo tão-somente as discussões políticas. Para a tarde do outro dia, Paulo tem muitos compromissos, inclusive um encontro marcado com Maria da Penha.

- Você pode vir, a tia mora sozinha... entre pela portezinha do fundo do quintal... tem perigo não: espero você na janela do quarto, pegado à escada da cozinha... (p. 384).

A cidade inteira aguarda com ansiedade o resultado das eleições, que só à noite deverá ser conhecido. Paulo acompanha até o porto Antero e o Padre Sommer, que embarcam na canoa do Gerônimo, pesadona, levando o gado de Nequinha. Elegante, de vestido novo, Ritinha também vai atravessar o rio na barca do pai. Tudo parece calmo, até a metade do rio, quando se ouve o barulho do pessoal que volta de Santa Rita, comemorando a vitória. Os foguetes, cada vez mais numerosos, estouram bem perto, assustando o gado na embarcação, que enfurecido arrebenta as amarras e tenta fugir, levando para o rio tudo o que encontra pela frente. De vestido vermelho, Ritinha é arrastada nos chifres do novilho zebu de Nequinha, caindo nas águas, onde ambos são devorados pelas piranhas. Antero e Nequinha também caem no rio, mas são salvos heroicamente pelo Pe. Sommer.

Melancólico fim de festa para os amigos de Paulo, mas a vida continua. Xixi também está de partida, de volta a seu trabalho, e faz uma parada na venda do Fiico, para conversar e descansar um pouco, sentado num caixote, a balançar as perninhas curtas no ar. Surgido ninguém sabe de onde, chega o Filipão, eufórico com o resultado das eleições, mandando servir uma rodada de aguardente, para comemorar a vitória do partido do patrão. Todos tomam a aguardente, exceto Xixi, que se recusa, alegando problemas de saúde, e tenta explicar ao

empregado do Chico Belo. Em vão! Rodando o chicote, o perigoso jagunço não aceita as desculpas do mascate e ainda ofende o pobre coitado.

- Isso! Vão bebendo, negrada! – gozava alto o Filipão. - A farra depois vai ser no Boi Solto, Seu Xixi Piriá! Vou dar uma sova no velho, e daqui a pouco estou dormindo gostoso com a cadelinha da tua Maria da Penha... Sei que tu é apaixonado por ela, mas ela não te liga, não. Tu vai ficar por aqui mesmo, caído de porre, vomitando pinga, seu bostinha de cachorro... (p. 404).

Dominado pelo ódio, completamente alucinado, Xixi se revolta com o insulto e, desesperado, armando-se de coragem, atira o copo de aguardente aos olhos do inimigo, cegando-o por um momento, do que se aproveita para saltar-lhe ao pescoço, pendurar-se a seus ombros, furando-o com o punhal que Paulo lhe dera. Num instante, o perigoso jagunço cai por terra, mergulhado numa poça de sangue, enquanto o mascate, botina enlameada de sangue, triste por ver revelado seu segredo, retoma a estrada, perdendo-se na caatinga sem fim.

Xixi Piriá. Lá vai ele... É grande, e corpulento – beleza mesmo de cabocão! A luz da lamparina saía toda pelo escancarado da porta da venda do Fiico, e ia bater-lhe em cheio nas costas, recortando-lhe a sombra no chão limpo do terreiro. Sombra que se espichou até ao pé de cagaiteira da cerca de pau deitado, que se estendeu além da porteira do corredor, e que se esvaeceu no imenso da noite – da noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim. (p. 406).

2.1.3 – Discussão e análise

A narrativa de *Vila dos Confins* é feita ora na terceira pessoa, por narrador onisciente, que conhece profundamente bem o espaço onde se passa a história, sabe da vida e dos pensamentos de cada personagem, e conduz o enredo em direção ao clímax:

Não, Paulo não suportava mais o abafamento daquele quarto sem ar. A boca visguenta, amargosa, a preguiça de conversar, de pensar na proposta a fazer a Pé-de-Meia. Antipatia do próprio sujeitinho metido a importante, antipatia do Nenzinho, do Carrapato, do pessoal da cozinha, da política... (p. 93),

e depois às ilações

Nem isso a maleita permitia; a maldita deixava a língua pastosa, um ranço ruim que demorava a acabar. Um dia inteiro inutilizado. (p. 94),

ora por algum personagem, mais freqüentemente por Paulo Santos, como *alter ego* do narrador principal (ou do próprio autor),

Mas Paulo sabia que era verdade. Se fosse cisma do Antero, ainda vá. João Soares, porém, era incapaz dum exagero e, além disso, vira com os próprios olhos a porroca cortada de propósito e derrubada no meio da estrada, a batida de foice no mato, o amassado dos ramos onde o jagunço amoitara, atrás do pé de ipê. Tocaia, mesmo. Num sertão daqueles, lugar de criminoso fugido e gente ruim, o caso não era o primeiro. Botar a culpa em quem? Como responsabilizar os bandidos dos chefes liberais? A polícia, comandada pelo Capitão Otávio, nomeado delegado militar pelo Chico Belo e, ainda por cima, irmão do Alcindo da Coletoria... O cínico do Carvalhinho montado na Secretaria dos Negócios do Interior, manobrando a justiça, comandando a força pública, fazendo e desfazendo... (p. 271),

Outros personagens, como Nequinha Capador, Neca Lourenço, Padre Sommer, etc. também têm voz na narrativa, variando a perspectiva ou a experiência narrada.

- Sem confiança em si ninguém consegue matar onça, Da. Penha. Qualquer vacilação é morte certa. A fera percebe a menor distração e adivinha o mínimo sinal de medo nos olhos do caçador. Por isso é que a gente tem de entrar sozinho na loca. Companheiro, só mesmo muito treinado, senão desvia a atenção da gente. (p. 122).

Mas não se deve perder de vista as fronteiras entre a *onisciência* e a *limitação*, já que o narrador pode ocultar informações por engano ou propositalmente, as paralipses de que nos fala Genette. (1983, p. 96).

Os cortes para mudança de foco, de espaço, de tempo, etc. são naturais, colocados sempre ao fim dos eventos narrados, sem objetivo de aumentar artificialmente a tensão.

Mostrando domínio da técnica literária, o autor inova na construção do romance, usando de conhecimentos extraídos de outras ciências, como a Matemática (o uso de níveis, da mesma forma usada nas expressões matemáticas, com parênteses, colchetes e chaves – assim, as

histórias da onça, da sucuri, da maleita, etc. estão num plano geral, dentro de outro nível superior, o relato da eleição, e, finalmente, as dificuldades da vida no sertão, a luta pela sobrevivência, que seria o ponto principal da obra), como a Geografia (descrevendo paisagens, acidentes geográficos, qualidades da terra, o desenho das bacias hidrográficas, etc.), como a Sociologia (falando dos tipos humanos da região, de sua cultura, de sua forma de viver, de se distrair, etc.), como a História (a introdução do gado zebu na região do Triângulo Mineiro), etc.

A primeira constatação a ser feita é sobre a composição, ou estrutura da narrativa, que surpreende o leitor que procura definir o tema, o assunto ou o enredo da obra, bem como a função do espaço, do tempo e das relações entre os diversos elementos. É que, apesar da maior atuação do deputado Paulo Santos, certamente o protagonista do romance, *Vila dos Confins* oferece momentos onde a luz vem de outros personagens, como o Xixi Piriá:

Xixi Piriá. Lá vai ele... E grande, e corpulento – beleza mesmo de caboclão! A luz da lamparina saía toda pelo escancarado da porta da venda do Fiico, e ia bater-lhe em cheio nas costas, recortando-lhe a sombra no chão limpo do terreiro. p. 406),

o Padre Sommer:

Nem na igreja, em dias de sermão, Pe. Sommer encontraria ouvintes mais atentos. Nuvens de chuva cobriam o céu da fazenda, escurecendo a sala de jantar. O caçador gesticulava, ora agachado, ora deitado no assoalho, ilustrando a narração. Continuava a história, sem que ninguém mais o interrompesse. No lusco-fusco da sala, os olhos azuis do padre chispavam. (p. 118),

Maria da Penha:

Mas não foi preciso que Paulo se decidisse. Maria da Penha chegou à janela, recortando-se-lhe o perfil da camisola branca no retângulo escuro do quarto. Movia a cabeça, correndo os olhos pelos currais e pelo pastinho de marmelada onde a tropa de mulas continuava fuçando. Além, o pasto ralo de jaraguá, o tronco de peroba caído perto do rego-d'água, a brasinha do cigarro. Viu Paulo e o seu aceno, porque lhe respondeu com demorado sinal da mão erguida. (p. 154),

Chico Belo:

Sim senhor! Ali estava ele, Coronel Francisco de Oliveira Belo, em plena Capital do Estado. Hospedado em hotel de luxo, apartamento com rádio, telefone. Barbeiro no quarto – era só pedir à telefonista – com massagens, cremes, toalha quente. Manicura, também: moça conversadeira, velhaca. Ficaram de prosa um tempão, enquanto ela lhe cortava as unhas. Não tivesse aquele encontro marcado com o Dr. Carvalhinho, e iria convidá-la para um cinema. Mas tinha tempo - telefonava, depois. (p. 236),

a sucuri:

A sucuri não se afoba. Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito – natureza dela... O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-e-encolhe são artes já treinadas e que nenhum sofrimento lhe dão. Ao outro, sim, que o ar rareia nos bofes e o sangue escorre dos beiços rasgados - e a vontade fraqueja, e a força não lhe obedece mais. (p. 158)

o galo João Fanhoso:

O galo velho olhou de novo o céu. Mudou de galho, pesadão, ajudado pelo bico e pelas asas. Custou, mas se ajeitou no outro poleiro mais alto, de visão melhor. Lua crescente, lindeza de pedaço de lua clareando toda a fazenda do Boi Solto. (p. 99).

Ao aventurar tão grandes inovações, numa arte em que estava iniciando, o autor tinha consciência do preço de tal ousadia, que não iria passar ilesa. E o custo de tal audácia foram as observações da crítica, apontando defeitos que, apesar de sérios, não desmereciam sua técnica. Um desses defeitos anotados pela crítica foi a perda de coerência em certos momentos, quando o romance vacila e o romancista parece indeciso, retardando quadros ou precipitando desfechos. Seria talvez o excesso de inserções e descrições que retardam a narrativa de fatos importantes, como o acidente com a barca do Gerônimo

Já não se via o sol. Lusco-fusco, o dia morre-morrendo por detrás da restinga de mato. Hora de a passarada se reunir nas grimpas da ramaria, e de se recolherem os casais de arara, de papagaio e de tucano. Taralhando, escandalosos sempre, passavam eles, os barulhentos. (p. 392);

a história da Mina Velha, incluída no relato do Pe. Sommer,

Já nos bons tempos de Fr. Norberto, era antiga, muito antiga, a história da Mina Velha. E hoje, muito mais ainda, pois o dominicano quase não enxerga mais – velhinho de cabeça branca, um fiapinho de gente. Memória de anjo, porém, a do frade: cabeça séria, respeitada. Tanto que o próprio Coronel Medrado, do Estado-Maior do Exército e chefe da Grande Expedição do Oeste não passava sem conversar com aquela santa criatura, ouvindo-lhe os utilíssimos conselhos. (p. 107),

que toma bem duas páginas, antes da caçada da onça; ou o resultado da eleição, que só é informado no capítulo seguinte:

E ele, Filipão, escondido nas furnas, passando fome, levando vida de bicho, com a soldadesca soltada no seu rastro... Mas o patrão ganhara! Por pouco – oito votos só de diferença – mas vencera! (p. 400).

Ou, ainda, o destino de Maria da Penha, de Xixi e de outros personagens importantes. Mas não raro o próprio crítico apresenta a justificativa para a falha apontada, como no caso do Professor Eduardo Portella, que esclarece que: "Isto porque a estrutura romanesca de *Vila dos Confins* é, freqüentemente, violentada na sua disciplina.". E explica, poucas linhas adiante: "Um livro que é romance, mas é também uma série de crônicas, ou uma descrição minuciosa de uma eleição em cidade do interior de Minas Gerais, onde os problemas eleitorais se misturam com os dramas da região." (Portella, 1957). Ou como faz Rubem Braga:

É fácil prever para esse livro um êxito duradouro, embora não tenha o mínimo toque lírico ou romântico; ele nasce clássico. Não do ponto de vista literário, porque, embora surpreendente para um principiante, não deixa de ser um principiante, não deixa de ter aquele indefinível toque de amadorismo." (Braga, Diário de Notícias, 16/12/56).

Ou, ainda, como Joaquim M. Carvalho (*A Tribuna*, de Santos, 07/10/72), que afirma: "Mas um livro que só sabe bem no português com que foi escrito, com essa capacidade que tem a língua portuguesa de se transplantar e refazer-se quase como linguagem nova", para afirmar logo a seguir que "*Vila dos Confins* é um romance plurivalente, daí o seu fascínio e o seu êxito."

2.1.3.a – Construção por níveis

A composição, ou estrutura, do romance é constituída de estratos ou níveis, guardando semelhanças com fórmulas matemáticas, nas quais o autor era professor. E, como na Matemática, ocorrem os níveis de primeira instância - demarcados pelos parênteses; os de segunda, limitados por colchetes; e os de nível mais elevado, que seriam grafados dentro de chaves.

Assim, o estágio mais elevado da *Vila dos Confins* seria a história do homem do sertão, a enfrentar os mais terríveis problemas de sobrevivência num ambiente hostil. Este herói é representado por Xixi Piriá, um humilde mascate da roça, tão fraco e pacífico, a conviver com toda a sorte de perigos, vítima das mais diversas doenças, condenado pela falta de recursos, pelo desamparo dos governantes, e com tantas dificuldades, mas que, nos momentos de crise, cresce e se agiganta, para vencer os mais amedrontadores inimigos.

O romance começa falando justamente de Xixi Piriá, que é descrito com amizade e simpatia e apresentado como figura conhecida de todos, muito estimada, isenta de defeitos e ambições. Até os cães e as porteiras da estrada o reconhecem e gostam dele como pessoa de casa. Xixi transitará ao longo de toda a história, mas sem o brilho de protagonista, sem levar consigo nenhuma carga de emoção, agindo apenas como auxiliar do deputado Paulo Santos e dos amigos, que precisam dele por toda parte. De desempenho limitado, como simples coadjuvante, um anti-herói, com suas fraquezas e imperfeições, jamais chega a se apresentar como um homem verdadeiro, no sentido de macho, uma vez que não tem mulher, nem namorada, nem amante, nem vícios, não gosta de pescar, de caçar ou de cavalgar, e está sempre mais interessado em assuntos femininos, como modas e aviamentos, e preparado para discutir com as senhoras. Sua atuação, entretanto, ganhará importância ao final, quando crescerá, luzindo como verdadeiro herói, defendendo a honra dos amigos e a dignidade da mulher amada – Maria da Penha, a quem idolatra no silêncio de seu coração. Cabe-lhe, no desfecho da obra, vencer o "Golias", isto é, abater o facínora Filipão, não com a funda de Davi, mas com o

punhalzinho de prata que ganhara do amigo deputado. É o crime em legítima defesa da honra, ou, pelo menos, em defesa de seu segredo de amor, da paixão que carrega escondida no peito.

- Vou dar uma sova no velho, e daqui a pouco estou dormindo gostoso com a cadelinha da tua Maria da Penha... Sei que tu é apaixonado por ela, mas ela não te liga, não. (p. 404).

Cumprida a amarga missão, recebido o batismo, tudo muda e se torna diferente para o herói: o sol desaparece por detrás do morro da Bruaca; o borralho quente da areia se refresca com as chuvas, fazendo renascer o verde dos campos e trazendo um exagero de passarinhos e de perfumes nas flores desabrochadas; o mundo perdido da caatinga se transforma num jardim. E ele, Xixi, o herói "ganjento e pilantra", se torna grande e corpulento, reconhecido e invejado por sua coragem, pela força e bravura para enfrentar os inimigos. Mas já não tem mais o passinho ligeiro, nem a alegria de brincar com a própria sombra, partindo triste e desencantado, deixando para trás a preciosa mala de seu comércio, ao perder-se no imenso negror da noite:

Mas carregava na alma um peso qualquer. A mesma elegância na roupinha de brim amarelo, vincada a ferro; a mesma chiqueza no lenço do bolsinho do jaquetão, a mesma pilantrice na gravata de pinguinhos vermelhos em fundo amarelo de ipê. E o chapéu tombado de banda... Mas havia tristeza nos olhinhos de quati fincados na cara miúda do porquinho-da-índia. (p. 398).

É a luta do homem civilizado contra a força bruta, vencida pela inteligência do mais fraco, armado apenas de um punhal que recebera de presente - uma alegoria do poder da razão e do direito, representado pela pregação feita pelo deputado Paulo Santos, a combater as injustiças e os desmandos dos coronéis. Como a temível jaguarana, Filipão tinha o poder de matar, até o povo aprender usar a razão como uma zagaia para derrotá-lo.

Em um nível imediatamente abaixo, é mostrada a luta da civilização contra o primitivismo, do progresso contra a força bruta, da democracia contra a violência, a caminhada do homem rumo à civilização. E o herói agora é o deputado Paulo Santos – homem educado, afeito às discussões importantes, acostumado a tratar com pessoas gradas – a desafiar a força

dos velhos coronéis, representados pelos Belos e os Rochas, dispostos a tudo para manter o poder sobre a região.

Paulo trabalha para educar o povo, orientando os companheiros de partido, buscando alternativas para romper os grilhões impostos pelas dinastias mais atrasadas, em busca de incluir a cidade no mapa da civilização.

Não senhor, não consta das cartas. Município novo, recém-emancipado, mas com prefeitura e câmara de vereadores já em funcionamento. (p. 10).

O deputado sacrifica o conforto da capital, muitas horas de descanso, gastando o dinheiro do próprio bolso e expondo a saúde no cumprimento da sagrada missão, do sacerdócio que abraçou. Enquanto isso, o adversário, muito mais poderoso econômica e politicamente, busca o auxílio do governo estadual, empenhado na conquista dos votos do interior, de força política para fazer as nomeações de interesse partidário, da força policial para intimidar os contendores, e do dinheiro público, para subornar as autoridades e comprar a consciência do pobre e menos instruído.

João Soares não se iludia. A luta contra o Chico Belo ia ser difícil: o coronel era vaidoso, rico – podia gastar à vontade. Dinheiro não faltava também aos Rochas, tão interessados naquela eleição como o próprio Chico Belo, ou mais ainda, por causa da candidatura do Dr. Osmírio a deputado estadual. Algum candidato a federal, também - ou o Azambuja ou outro qualquer – a entrar com a sua cota... E o Governo! Esse, então, valia muito mais que todo o dinheiro do Chico Belo, dos Rochas, dos candidatos a deputado: o Alcindo a cometer os maiores abusos na Coletoria; o delegado militar – mais hoje mais amanhã, o homem apareceria com o destacamento – as nomeações, o intendente a manobrar como bem entendia o dinheiro dos impostos e as verbas do Estado e da União, o Juvêncio a controlar, como juiz de paz, todo o movimento eleitoral no cartório... E a pressão, as ameaças, a jagunçada dos Belos... (p. 67).

A batalha é árdua, a vitória uma utopia, quase impossível. O herói tem consciência das dificuldades a enfrentar, mas não arrefece o ânimo, e apenas se preocupa pelo destino dos companheiros, no caso de eventual fracasso:

Fora ele, Paulo, quem metera aquela idéia na cabeça do companheiro, quem o estumara a candidatar-se a prefeito... E Antero, e o Tinoco, e o Seu Sebastião do Boi Solto? E o Nenzinho, e o Jorge Turco? E todos os outros que toparam a luta contra o chefe do lugar? Se Chico Belo ganhasse, aonde iriam parar os amigos? Política do interior não é política de centro grande - em que os adversários se abraçam e esquecem ofensas... (p. 216).

Tem bem claro na consciência o destino que espera pelos companheiros, se perderem a eleição, do quanto haverão de sofrer com a vingança do Chico Belo, que não era de perdoar os inimigos. E é por isso que Paulo luta tanto, que trabalha tanto, que não hesita em lançar mão de todos os meios, até dos que a ética não recomendaria, mas...

Nada é suficiente para evitar a catástrofe, representada pela derrota na eleição, por apenas oito votos, e pela morte de Ritinha, querida de todos, e do bezerro azulego, que sustentava as esperanças de ressurreição de Nequinha Capador, de seu sonho de voltar aos dias de glória e de fartura.

Dentro dos níveis anteriores, num patamar que podemos considerar mais baixo, o enredo evolui em várias direções, com muitos casos contados, com explicações ou, simplesmente, ligações, com descrições e exposições.

Nos trinta e um capítulos do romance, ocorrem histórias quase independentes, verdadeiros contos intercalados, onde se alternam os narradores, mudam a ótica, o tempo e o espaço das ações, mas cuja unidade é garantida pela atuação dos personagens. E os personagens são verdadeiros semideuses, capazes de enfrentar as hostilidades do inimigo, da natureza, da vida, porque:

Nos confins de Mário Palmério não há lugar para o anjo decaído, invectiva da realidade do homem híbrido: meio Deus, meio demônio, pois toda a trama narrativa baseia-se no desafio pelo poder manifesto em suas formas antagônicas: todo desejo é um desejo de morte, sendo o desafio o ingrediente da heroicidade. (Frota, p. 17).

2.1.3.b – A colocação espacial

A natureza é a grande protagonista de *Vila dos Confins* e uma das razões do próprio livro (Nota 3). Se tudo é ficção, ou ficcionado, já que o romance foi feito a partir de um

relatório oficial, a geografia entretanto é verdadeira, descrita com detalhes por um grande conhecedor. Sim, porque Palmério não só nasceu e foi criado na região como amava profundamente sua terra e a estudava com entusiasmo e sempre que possível procurava divulgá-la. Prova bastante é a já referida monografia apresentada ao encerramento do estágio na Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro, em 1955, denominada *O núcleo central brasileiro (Região centro-leste)*. O trabalho em tudo lembra a descrição feita por Euclides da Cunha na primeira parte de *Os sertões*, pela quantidade de dados levantados, pela qualidade das estatísticas compulsadas, pela imensa bibliografia trabalhada, pela profundidade das análises efetuadas, pelos vários ângulos abordados, como a fisiografia, a população, a produção e a distribuição.

Todos os aspectos são estudados, discutidos e analisados, com conclusões aprovadas pelo Conselho Julgador da ESG.

A sub-região do Planalto das Vertentes funciona como divisor de águas dos principais formadores do São Francisco e do Rio Grande. É um planalto constituído de rochas arqueanas, com pequenas faixas de áreas sedimentares da calha sanfranciscana. O Rio Grande marca seus limites, ao sul, recebendo pela margem esquerda os afluentes que modelam o relevo, sendo o principal canalizador de águas da sub-região. Nascendo no Alto do Mirantão, na Serra da Mantiqueira, numa altitude de 1.900 metros, depois de um curso de 1.306 km junta-se ao Parnaíba, no bico do Triângulo Mineiro, defronte da ilha dos Três Estados, formando o rio Paraná. Nos últimos 611 km do curso inferior serve de limite entre os Estados Minas Gerais e São Paulo. Perfaz o total de 143.000` km² o total de sua bacia. Há que destacar, entre as cachoeiras do Rio Grande, a do Marimbondo, que faz parte de um conjunto de quedas e saltos de considerável potência hidráulica. (p. 21).

Mário Palmério, no particular, seguiu as pegadas de Euclides e Graciliano, já demonstradas por Antônio Cândido ao se referir a esses dois últimos autores:

Euclides tomou o sertanejo e deu ao seu drama faíscas de epopéia. Graciliano esbateu-o no ramerrão das misérias e dramas, e o fez irremediavelmente doloroso. (Cândido, 1956, p. 56).

Palmério conhece as estradas do sertão de Minas Gerais, andou por todas elas, pode informar onde cada uma começa e onde termina, sabe o cheiro da poeira de cada trecho e o nome do dono de cada armazém, de cada botequim à sua margem. Como também conhece os rios, viu suas enchentes, sabe as fazendas que cortam, já pescou em todos e pode indicar os melhores pesqueiros, as iscas mais adequadas e o tipo de anzol mais conveniente, e tem intimidade bastante para chamar cada peixe pelo próprio nome. Conhece a flora – uma paixão herdada de sua mãe! Sabe a que espécie pertence cada árvore, de onde vieram suas mudas, quais as melhores culturas, como devem ser feitas e a estação mais propícia para o plantio e a colheita. As criações, ele as conhece também: os passarinhos, as aves, os bichos do quintal ou da floresta, o gado que dá mais lucro, como criá-lo, quando castrá-lo e como fazer para engordá-lo mais depressa (ver nota 4). Já andou por todos os campos, relacionou-se com seus proprietários, e sabe o nome de todas as vilas e arruados

Na literatura brasileira, Mário Palmério é uma exceção. Ele não pegou a zagaia para matar a onça como o padre alemão da *Vila dos Confins*, não viu a sucuri pegar o boi pelo focinho - mas conviveu com essas realidades, em sua natal Uberaba, em sua fazenda em Mato Grosso (*Diário Comércio & Indústria*, São Paulo, 07/08/71).

É o próprio autor que revela (*Diário da Noite*, Recife, 31/07/71): “Eu quis relatar o que conhecia de ver e sentir no interior de Minas.” E também diz a Roberto de Godoy (Suplemento literário do *Estado de São Paulo*, de 08/10/72, n. 793:)

Eu nasci fazendeiro sem terra. Meu pai foi Juiz de Direito, nunca teve um palmo de chão. Minha mãe também não tem nenhuma origem fazendeira. Mas eu nasci com esta paixão pelo sertão. Sempre cacei muito, pesquei muito, sem predileção especial por nada, mais pelo contato homem-animal, homem-mata, homem-sertão. Procurei sempre conhecer estas zonas e regiões. E o que pude ver vi e registrei. Gosto muito da vida lá do mato. Tenho paixão por isso. Talvez seja essa explicação do por que me detenho mais no sertão.

Etevaldo Dias (*O Jornal*, 10/04/68) afirma que:

Desde pequeno aprendeu as coisas boas que uma casa bem alta e bem grande de fazenda ensina. As pescarias, as caçadas, a escola, os políticos, os compadres, o

sertanejo, o boiadeiro, tudo isto povoou a infância de Mário Palmério e disto ele se aproveitou bastante, e tão bem, quando gerou o seu primeiro filho literário: a *Vila dos Confins*.

E Afonso Ávila (*O Estado de São Paulo*, 09/03/57) também realça:

Ele ostenta com excessivo colorido e detalhes o domínio sobre a fauna de seus rios, domínio mais de amor do homem originariamente integrado aos hábitos de ribeirinho, que propriamente do artista que explora e esgota seu motivo.

E ainda no *Diário da Noite*, de São Paulo (Edição matutina de 27.05.70):

Já é bastante conhecida a sua atração pela vida agreste e, em conseqüência, pela aventura que ela sempre encerra. Para o romancista, os campos significam um pouco mais do que um cenário e um tema para a sua ficção. É o seu mundo preferido, sua aventura, sua fuga, sua integração na própria harmonia íntima.

2.1.3.c – Tratamento do tempo

Outra força do romance de Mário Palmério é o tratamento dispensado ao tempo, em todos os diversos ângulos: o tempo da escrita, o tempo da escritura, o tempo histórico, o tempo da leitura, os *flash-backs*, etc.

Palmério conhece a importância do tempo e sabe usá-lo para colorir a narrativa e para impressionar o leitor. Assim é que, logo na Introdução, adota o presente para apresentar o espaço, para fazer as descrições: os Confins eram, e possivelmente ainda são, assim:

... hoje, grande parte nas mãos de um paulista afazendado ali. (p. 8 – O advérbio se refere ao tempo da escrita ou da leitura de hoje ou de qualquer época?)

Casa de platibanda nova, de esquina, pintada de pouco. Segundo as últimas notícias, já se amontoa à porta... (pp. 9-10 – se amontoa quando da escrita da ocorrência dos fatos, quando da escrita do romance, ou será que ainda estão lá, sempre que o livro for lido?)

Rua mesmo, uma só: começando na igreja e acabando no cemitério, tal e qual a vidinha do povo que mora lá. (p. 23 - usa o presente porque ainda é verdade – com certeza no tempo da escrita do romance).

Também no primeiro capítulo, a narrativa é feita no tempo presente, para dar confiabilidade à história contada. Até porque os assuntos tratados são as aventuras de Xixi Piriá, o herói que haverá de se consagrar no final do romance:

Mas alguém cruza aquelas lonjuras. E cruza sozinho, a mala nas costas. Quem será? (p. 15 – tempo da escritura),

Xixi Piriá é caprichoso: estica, primeiro, o oleado na mesona de uma tábua só de cabriúva; começa, depois, a enfileirar as meadas de lã e de seda: - Olhem: perpétua, turquesa, pavão; jacinto, laranja, celeste..." (p. 16).

Após a apresentação do personagem, entretanto, assume o imperfeito, como tempo da narrativa:

O sol castigava. A areia do chapadão virara poeira de mica: cinza de fogo branco, fogo quente de verdade. (p. 20).

O deputado vinha para ficar até às eleições, e ia correr o município de ponta a ponta. (p. 21).

A história segue a ordem cronológica, exceto quando do relato da viagem do Coronel Chico Belo à Capital, referida nos capítulos 17 a 20, que quebra inteiramente a seqüência:

O povoado andaria agitado com a chegada do Chico Belo e do novo delegado militar. (p. 214).

Os unionistas já haviam lançado candidato e esperavam o Deputado Paulo Santos para iniciarem a campanha pelo município. (p. 221 - desde o cap. 2, à p. 23, já foi anunciada a presença do deputado Paulo Santos na Vila e o lançamento da candidatura do João Soares à prefeitura. No capítulo - 16, p. 213, Paulo havia viajado e estava hospedado na fazenda do Neca Lourenço).

Inexiste, entretanto, preocupação de marcar o tempo, de precisar a data dos acontecimentos. Se, porém, isso acontece algumas vezes é por mera exigência da narrativa:

Quando o deputado acordou, passava das nove. (p. 33).

Paulo consultou o relógio de pulso: nove horas e pouco. (p. 167).

Seriam mais ou menos dez horas quando Paulo e Aurélio chegaram à boca do mato. (p. 293).

As referências ao tempo - seja às horas, às partes do dia, às estações do ano, são feitas para justificar algum acontecimento ou simplesmente para marcar a evolução dos fatos:

Anunciava-se o primeiro domingo de dezembro, data marcada pela Justiça Eleitoral do Estado para a realização das primeiras eleições do novo município da Vila dos Confins. (p. 313).

Época boa para trazer outra vez o Rufino seria em outubro, novembro, começo das primeiras chuvas, logo que as águas principiassem a amarelar. (p. 355).

Mas amanhã a gente já vai dormir sabendo do resultado; não adianta ficar fazendo mais contas. (p. 369).

Da chegada do deputado Paulo Santos à Vila até o final da história passam-se mais ou menos 45 dias, mas o tempo não flui em ritmo regular. Às vezes, são semanas que correm, outras dias, e mais comumente horas. Há grande variedade de momentos focalizados, que tanto podem se referir à manhã, como à tarde ou à noite. É nesta porém que ocorrem as grandes conquistas, como a da onça pegando o jegue, a da pesca do surubim, a da sucuri apanhando o boi, etc. Os acontecimentos matinais, porém, são sempre mais reais, mais comuns e produtivos, como a reunião com o pessoal do diretório na venda do Jorge Turco, as viagens ao interior, a organização para as eleições, etc.

2.1.3.d – Linguagem literária e regionalismos

Para falar de problemas regionais, no espaço próprio do sertão de Minas, com personagens da mesma região, seria natural que Palmério adotasse o registro regional, a verdadeira linguagem do povo retratado, como forma de preservar a autenticidade e o coloquialismo dos diálogos.

“Matas beira-rio: justafluviais, define-as...” (p. 8).

Mas é danada de pegajosa, doutor... (p. 46).

Dourado que não é vida! (p. 51).

Maleita dava em todo o mundo e ninguém sofria *vertigens* por causa dela. (p. 87)
(na 21ª. edição está *sapitucas*, p. 60).

Raçador assim, nunca vi. (p. 137).

O cujo é um boi curraleiro, erado de nove anos, boi vermelho-churriado, vareiro de corpo e pinheiro de chifre, ex-boi de guia de uma boiada de carro igualzinha, que o dono era homem de posse e de gosto. (p. 155).

Esmóido de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas. (p. 159).

E você debaixo do balaio – emendou o Aurélio. (p. 208).

E acuando novidades, irrequieto. (p. 382).

E o faz com competência e conhecimento, num falar habilmente controlado, sem as deformações e exageros que caracterizam a linguagem matuta, e sem concessões a solecismos ou violências às regras da gramática, até porque - não se pode esquecer, o romance foi, em suas origens, um relatório oficial.

O escritor apareceu de repente, e talvez mesmo sem que o quisesse. Desejando pôr a Câmara Federal a par dos acontecimentos verificados em sua região quando da época das eleições, organizou relatório minudente com material colhido pelas andanças no interior. O relatório porém, evoluiu, transformando-se em artigos, e depois, no romance *A Vila dos Confins*. É um livro que põe a descoberto a história do coronelismo e dos vícios que adulteram o pronunciamento popular. (Ébion de Lima, p. 529).

Tudo é chamado pelo verdadeiro nome. Embora às vezes esse nome não coincida com o que está registrado nos manuais de Biologia ou de Botânica, é porém exatamente o nome que está na cultura do povo, no dia-a-dia dos habitantes (nota 4). Plantas, peixes, pássaros, animais, utensílios domésticos ou de pastoreio todos são designados pela palavra adequada, e, numa entrevista mais tarde, o autor se justifica, dizendo que:

O caso de *Vila dos Confins* é diferente. Era mais uma reportagem de uma vida que eu conhecia muito bem, de maneira que as palavras estavam sempre presentes, os locais presentes. (MP em entrevista a Ary Quintela, DN, 1974).

A linguagem palmeriana é naturalmente produto da vivência, do dia-a-dia do homem do interior, da convivência no campo e nas pequenas cidades, o que evidentemente valoriza ainda mais a obra, assegurando maior credibilidade às construções.

Se palpita boa forma, a peneira tira a dúvida; e, se informou bem, o homem arrancha. (p. 146).

Como filho da roça, que fez as primeiras letras numa cidade pequena e desenvolveu seus estudos no centro mesmo do sertão de Minas, Palmério teve oportunidade de conhecer, de conviver com tudo, de pesquisar, de verificar de se apossar daquele saber. Mas estudando as características do sertanejo, vendo nele muito mais do que aspectos exóticos e sem perder o respeito a sua cultura. E, como sempre fazia, anotava tudo, estudava com atenção, experimentava e, quando precisava usar, estava sempre bem equipado. Este, aliás, sempre foi seu método de trabalho, chegando a causar espanto a quantidade de dados coletados, como ocorreu quando de sua volta do Amazonas, onde esteve a levantar material para outro romance.

Mário Palmério não é um vernáculo por estudo, por assimilação de outros autores vernáculos. É um vernáculo porque se pôs a caminhar pelos sertões de seu Triângulo Mineiro, pelas caatingas que circundam Monte Carmelo, onde nasceu, ou Uberaba, onde viveu anos. Caminhava e ouvia o povo. Também se sentia povo. O seu dicionário foi aprendido nas origens, folheando pessoas, caboclos, sertanejos, homens que ruminam mais silêncios do que diálogos, mas quando falam então falam de verdade. Vão diretamente às coisas, sem rodeios ou atalhos. (Montezuma de Carvalho, 1972).

Tal método de pesquisa, porém, não deve ser tido na conta de deficiência ou de negligência do romancista, de uma limitação de seus conhecimentos e interesses culturais, não, porque Palmério também gostava de ler e sabia selecionar seus autores, como Romain Rolland, Kipling, Hemingway, Aquilino Ribeiro e muitos outros. E lia com espírito crítico, analisando

tudo que lhe caía às mãos, e fazendo anotações. É assim que conhece os recursos da estilística, que sabe dispor com elegância, como, por exemplo, nessas descrições:

Terra boa mesmo, coisa escassa: mancha ou outra de massapé roxo, de primeiríssima, como as invernadas do Batista, as furnas da família Belo (hoje, grande parte nas mãos de um paulista afazendado ali) e a mataria das vertentes da Serra do Fundão. E afora as baixadas de terra preta do pessoal dos Correias – gente especial, a Correiamã... (pp. 7-8).

Lavoura, lavoura mesmo, por ora nada: meia quarta de arroz aqui, litrinho ali de feijão comum; milho, cana e mandioca; e, lá uma vez na vida, um canteirinho de algodão. (p. 8).

Corrutela de lugar, a Vila: a igreja, um punhado de casas de adobo e de telhas, e uma porção de ranchos de taipa e folha de buriti. Rua mesmo, uma só: começando na igreja e acabando no cemitério, tal e qual a vidinha do povo que mora lá. (p. 23).

O uso de imagens, de figuras, de metáforas fortes e expressivas é notável. Apenas que tão integradas ao contexto, tão bem colocadas, que chegam a passar despercebidas ao leitor comum, ou numa leitura mais apressada:

De longe, o jacaré acendia as brasas dos olhos japoneses. (p. 26).

...e em toda aquela imensidão que se alargava lá em baixo. (p. 25).

O vento crescia, começando a enrugar o lombo enluarado do rio, arrepiado de escamas agora... (p. 27).

Lá fora, era apenas a água malhando rija nos telhados e aquele piano de brinquedo que a goteira tocava, tocava sem parar, martelando numa nota só. (p.31).

A isca caiu na água, com aquele som molhado e fofo: tibum! Silêncio, escuridão. Suaves, vinham chapinhar no lombo da canoa as maretas do rebojo. O sumidouro como que dormia, nas profundezas, um sono pesado: arfava, em cadência, levantando e abaixando o bote de tamboril num balouço macio. (p. 47).

Já parafusei a cabeça, inventei explicações, mas até hoje nem eu nem ninguém descobriu a razão da coisa. (p. 65).

E sorriera, e arqueara, provocante, as meadas de linha de seda preta das sobranceiras. (p. 152).

O caipira veste a cara que sempre usa por ocasião das velhacadas: cara séria, tristonha, de doente crônico. (p. 337).

Também a ironia é explorada com frequência, num tom jocoso, sem contudo qualquer agressividade:

... aquele outro magrinho que chegava – atrasado decerto pelo enfiar da botina nova e pela laçada da gravata dum amarelo horrível – todos esperavam. (p. 75).

Acho que ficaram estremevidos comigo... (p. 212 - Refere-se aos Belos, seus tradicionais inimigos).

E ainda há quem insista, quem abuse dele, quem persiga povo tão piedoso assim! (p. 184 - fala dos caboclos, que fazem dia santo todo dia porque não gostam de trabalhar).

Grande e integérrimo juiz, o Dr. Braga! (p. 309).

Com a finalidade de conquistar o apoio do leitor, faz grande uso de “exageros”:

botara-o nos cafundós da mata do Gronga, a mais de quinhentas léguas de distância, a fazer e esparramar família pela redondeza... (p. 89 – a três mil quilômetros de distância, não seria bem nas proximidades do Carrapato!).

Boa cidade, Santa Rita. Movimentada, bares abertos à noite, gente andando na rua, de madrugada. Caminhões chegavam e saíam, enlameados. (p. 298 - Movimento de madrugada de segunda-feira, em uma pequena cidade do sertão, no início dos anos cinquenta!).

Num minuto a camioneta estava rodeada de gente... (p. 298 – talvez ainda houvesse algum frentista acordado).

De grande riqueza vocabular, sabe explorar a repetição como elemento para aumentar a força da linguagem:

Nada – torra nenhuma, urubu nenhum, bolha nenhuma, nenhum defeito.
Pedra puríssima, diamante da melhor água. (p. 173).

Acabou ferrando no sono – e ferrou bem ferrado mesmo, longe do Neca, longe da Da. Maria, do João Soares, do tio Aurélio. (p. 197).

Passa homem, passa mulher e menino, passa boi, cavaleiro passa. (p. 261).

A linguagem varia de acordo com o tipo do personagem a que se refere, servindo para caracterizá-lo. Assim, ao falar de Xixi Piriá, trata-o com carinho:

Xixi Piriá abriu a mala – cheiro bom de sabonete! Enfiou a mãozinha sardenta por dentro do amontoado de guardados e trouxe o pacotinho de papel cor-de-rosa: (p. 18).

Gerôncio ouvia com aquela atenção engraçada:... (p. 62).

Ao falar do urubu roceiro, usa a onomatopéia para exacerbar o espírito do leitor:

Há tipos que respondem com fedorento arrotto de desprezo. (p. 262).

Vai-se embora o negro-preto, voando barulhento que nem máquina de trem de ferro subindo ladeira custosa, fluque-fluque, fluque-fluque. Bicho excomungado! (p. 262).

O autor não faz concessões à gramática, nem nas descrições, nem na fala do narrador principal ou de algum personagem, mesmo os que são apresentados como tendo menor grau de instrução. As exceções ocorrem apenas no uso e na colocação de pronomes átonos, que é bem brasileira, como, por exemplo, na conversa de Seu Bento com o Xixi Piriá - "Me embrulhe ela de novo" (p. 19). A linguagem coloquial é usada com frequência, mas sempre trabalhada pela pena do artista.

Homem jeitoso e sem preguiça, esse um. (p. 9).

- 'tarde, Seu Bento! O senhor não morre tão cedo... Lá em-vinha caminhando, lá em-vinha banzando: (p. 17).

Bicho chega ao barranco, assunta, assunta, bebe água, assunta outra vez, e vai-se embora. (p. 147).

Tanto que até se ofende se alguém lhe pede adjutório – que seja maneiro, à-toinha, o serviço: o santo não perdoa, fica afrontado, castiga. (p. 184).

Era hora de sol quente, e o bicho estava dentro de casa, no bem-bom, todo sem-vergonho e frescoso... (p. 196).

Vem vindozinho o cardume, distraído, avoadado – família de pacu-prata. (p. 374).

Novos empurrões, novos com-licenças, novos muito-obrigados. (p. 386).

Seu Sinésio da Cachoeirinha estava pelo mais-hoje-mais-amanhã. (p. 389).

- Mas o diacho da egüinha, Seu Isé... A bicheira no rabo apanhou má feição... (p. 398).

Antônio Houaiss (1958, p. 156) apresenta grande número de exemplos de expressões do que denomina “dialetal universalista” usadas por Palmério, sem, contudo, contaminar a linguagem canônica, afirmando que:

Nessa operação, repitamos, difícilima de conjugar o canônico com o dialetal, o escritor sai-se quase sempre airosamente, numa prova a mais de que a sua vivência amorosa do meio não desnatura seus dons de observação realista, no plano lingüístico, nem o impede de nos dar um quadro honesto e universal dessa realidade.

A professora Maria Helena observa porém que: "Na linguagem palmeriana o registro lingüístico falseia a linguagem coloquial..." (Frota, p. 13). Assim, ao observador menos acostumado com o falar sertanejo, podem surgir dúvidas entre o coloquialismo (linguagem distensa, mas de uso nacional. Aurélio Buarque de Holanda define: “Coloquial: Relativo a, ou próprio de colóquio. Diz-se do estilo em que se usam vocabulário e sintaxe bem próximos da linguagem cotidiana”) e o registro local (expressões próprias do falar da região, "traduzindo um regionalismo muito característico de nossa terra e de nossa gente" - Vasconcellos, 1968), como, por exemplo, no uso de algumas expressões regionais:

- preço de uma novilha de sobre-ano! (p. 20 – registro local).

Perdedeira de gado como a deste ano, nunca vi! Quer um de-palha? (p. 28 - coloquialismo).

...e um negrão alto, descalço, camisa vendendo farinha. (p. 78 – registro local).

Pai-d'Égua - um garimpeirão grandalhão e corajudo (p. 116 - coloquialismo).

Urro pavoroso, quando o tio esmagou a diversão do boi, com o olho do machado servindo de macete. (p. 154 – registro local).

O cujo é um boi curraleiro, erado de nove anos... (p. 155 – registro local).

Desinsofrimento azanga negócio... (p. 184 – registro local).

Tipão graúdo, apaideguado, mostrando a peitaria cabeluda ... (p. 191 - coloquialismo).

Desengordava o correntão, perdendo caixa; esmagriçava-se o córrego, desafogando o capim-navalha das beiradas, voltando à pequenez. (p. 350 – registro local).

Para a crítica, a linguagem usada por Palmério é de caráter eminentemente popular, reconhecendo o meticuloso cuidado do artista nos pormenores descritivos, o esmero e a propriedade vocabular. O autor trabalha com elementos da fala simples do povo, transportando para os livros o que a língua nos legou em seus primórdios, revivendo palavras, resgatando expressões, locuções inteiras refletidas na maneira de sentir as coisas da vida. Volta, com naturalidade e graça, aos longínquos matizes do idioma, à tradição do vernáculo.

Léguas e léguas dessa tristura de cerrado feio, espinhento e seco. (p. 8).

Nos campos pragueja a caça miúda das perdizes, codornas e nhambus (p. 10).

O porto está de grito do arraial... (p. 12).

...e bateu, depois, a binga luxenta. (p. 18).

... tenho uma coisa aí dentro que é bem perigoso ser para um tal de Seu Bento Correia... (p. 18).

Insofrido, insofrido... (p. 20).

Pe. Sommer gostava mas era de soverter no sertão – ele, o Crispim e a cachorrada onceira. (p. 30).

Está aí um pessoalão. (p. 33).

Colosso de terra puba (p. 37).

...tinham ido desviar a água na cabeceira do corguinho. (p. 37).

Daqui ao Carrapato é chão que não é vida. (p. 65).

O roceiro lavou as mãos, a lamparina queima claridade dobrada, de bom pavio novo. (p. 90).

Se palpita boa forma, a peneira tira a dúvida; e, se informou bem (se o resultado foi positivo), o homem arrancha. (p. 146).

Viaja escoteiro, que a tralha é leviana e a esperança ele a carrega amoitada no coração. (p. 148).

A lua enorme – apenas ainda um pouco amassada de um lado – clareava toda a fazenda... (p. 150).

Quase que o pobre deita com as cargas de uma vez. (p. 369).

Interessante observar a ocorrência de alguns termos estranhos ao falar urbano usados tanto por Palmério como por Affonso Arinos, com idêntica acepção. É o caso de expressões como – escoteiro (registrada por Aurélio como: Só, desacompanhado. Aquele que viaja sem bagagem) – encontrada em *Vila dos Confins* (“Viaja escoteiro, que a tralha é pouco e de peso nenhum.” – VC, p. 146), e positivo (encontrado no dicionário de Aurélio como brasileirismo, para indicar: mensageiro, portador, indivíduo encarregado de determinada missão), (“tem-se de mandar buscar a certidão por um positivo de confiança.” VC, p. 92) e em *Os jagunços* (“Era o “positivo”, que tinha sido despachado pelo capataz da boiada, no encalço de João Joaquim.”),

p. 160 e “Eles estavam, por assim dizer, escoteiros, porque o burro de canastrinas tinha uma carguinha de nada para macho tão valente”, p. 194).

Outra observação importante, que vale tanto para Affonso Arinos como para Palmério é a diferenciação entre os termos boiadeiro (Aurélio: Tocador de boiada. Capataz de gado. Comprador de gado para revenda. Marchante) e vaqueiro (Aurélio: Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum), que revelam uma gradação notável. Boiadeiro é o dono dos bois, é o fazendeiro, pessoa de posses. Vaqueiro é o pião, o condutor de gado, o homem que mexe com as vacas no curral, que tira leite, que trabalha com elas.

...um boi a mais ou um boi a menos não é o que vem tirar o sossego nem arruinar os cálculos de um boiadeiro. (VC, p. 161).

Hoje, era o boiadeiro mais forte da zona, com os bancos do Governo escorando os negócios dele... : (VC, p. 237),

...e foi beber o leite cru e quente que espumava no balde do vaqueiro. (VC, p. 162).

A faca lampejou duas vezes no ar, vibrada cegamente, e o vaqueiro, investindo para o povo que ia cercando, bradou: - Abre, senão eu rasgo!” - (*Os jagunços*, p. 179).

- Acabe! – exclamou o boiadeiro. – Vamos com isso depressa! Eu já sei que tive algum prejuízo. (*Os jagunços*, p. 194).

2.1.3.e – A construção dos personagens

Os personagens da *Vila dos Confins* parecem surgidos da vida real, com algumas qualidades, uns tantos defeitos e muitas tensões. São pessoas do interior, gente simples, comum do dia-a-dia, conhecida e estimada pelos amigos. Entretanto, nenhum é mostrado de corpo inteiro, nenhum tem vida interior verdadeira, que Palmério os apresenta apenas de perfil, voltados para a trama que desenvolvem. Sabe-se muito pouco do passado de Paulo Santos; de Maria da Penha, apenas as lendas e boatos; do Xixi, que guardava uma paixão oculta; do Chico Belo, que afogava suas frustrações.

Ocorre, às vezes, do narrador misturar personagens e animais, juntando tudo num único sentimento:

...quando o mascate chegou, já lá estavam os dois, fazendeiro e cavalo, pensando na vida – lombeiros, lombeiros, na sombra do pau. (p. 17).

I. Deputado Paulo Santos

Sem descrição física e com muito pouco de seu passado. É apresentado como político sério, ainda jovem – provavelmente na faixa dos 35 anos, bem nascido e com razoável cultura. Presumivelmente solteiro, sem indicação de qualquer compromisso.

Simpatiza por Maria da Penha, mas é dissuadido a levar avante o namoro pelas histórias do Xixi, do Antero e de outros.

Tem paixão pela pesca e gosta de conversar com os amigos, detestando apenas dar trabalho ou preocupação a alguém: ao sofrer o ataque de maleita no Carrapato, fica deprimido pelos aborrecimentos causados aos companheiros. Também se constrange de aceitar o sacrifício dos amigos que o querem agradar, especialmente de Jorge Turco, que faz questão de lhe ceder a cama:

O deputado Paulo Santos fumava ainda no catre de ferro esmaltado - riqueza de cama aquela, importante no meio de tanto baú, caixote e sacos de mantimento. Atravessados no quarto, por cima daquele mundo de coisas em desordem, as duas redes, de João Soares e Aurélio. Antes houvesse esticado uma delas debaixo da laranjeira toranja do quintal! Mas Jorge Turco se ofenderia na certa: uma desfeita, se o deputado enjeitasse aquele luxo de cama e preferisse a rede de seda de buriti. (pp. 23-24).

Sua grande preocupação é pensar no que acontecerá aos companheiros, caso percam a eleição:

E se perdessem aquela política? Ele, deputado federal, terminado o pleito voltaria para o Rio, ia cuidar da sua vida... Mal nenhum lhe podia fazer o Chico Belo – mas, e aos outros? Ainda não era o prefeito, e já mandava e desmandava. Com o pai do Antero, fora aquela barbaridade do pasto dos frades... (p.36).

Leal aos amigos, como político, tem comportamento ilibado, importando-se realmente com o bem-estar do povo.

O deputado cumprira com as suas obrigações: nada poupava em auxílio dos amigos da Vila dos Confins; inutilizara as bandalheiras do Carvalhinho; a pressão policialesca do Capitão Otávio, a força federal liquidara-a de vez; as velhacarias do Juvêncio, Dr. Braga pusera-lhes fim, comparecendo à entrega dos títulos e cobrando processos de alistamento sumidos pelo sonso do juiz de paz; as chicanas do Osmírio, o Pereirinha – ah! o leão do Pereirinha! – desmontara-as, obrigando o metido advogadozinho a desenlear outras. Fiscalização como aquela, nunca mais! (p. 347).

Paulo não leva adiante a aventura amorosa com Maria da Penha para não trair a confiança de Seu Sebastião (“Uma judiação, uma indignidade, abusar da hospitalidade dele, aproveitar-se da falta de juízo da filha.” - p. 166), embora uma vez chegasse a esquecer a amizade e quase sucumbisse à tentação, sendo salvo no momento exato pelo berro apavorante do boi apanhado pela sucuri, e de outra, pela tragédia da barca. O único senão de sua conduta é a simulação do atentado na mata do Corrente, que mudou o ambiente da eleição, mas não lhe mudou o resultado.

Aborrece-se com a derrota na eleição, e mais ainda com a morte de Ritinha.

Eu procurei pintar o dr. Paulo de uma maneira que retratasse os políticos que eu vi atuando lá na região. (MP em entrevista a Ary Quintela. DN, 1974).

II. Xixi Piriá

Tem papel fundamental na história, que abre e fecha. Personagem diminuto, passa quase despercebido no início, para se agigantar ao final, quando derrota o monstro Filipão.

Exemplo da figura do vendedor ambulante, ou mascate, muito popular no sertão, onde atua como supridor de mercadorias e como elemento de ligação, levando e trazendo recados e correspondências, relacionando pessoas e culturas. É por seu intermédio que se fica sabendo quem foi que nasceu, quem morreu, quem vai se casar, quem está doente ou esperando filho, etc. E é o único, também, com que contam as senhoras para lhes fornecer os figurinos mais atualizados, as revistas da moda, para saberem o que se está usando nas grandes cidades, onde

se compram as melhores mercadorias e quem as faz. Ninguém fica noivo ou se casa sem as alianças trazidas por ele; todas as jóias são compradas em sua mão, assim como os canivetes, cordões, cintos, remédios, linhas para bordar, etc.

O Xixi Piriá é dos seus personagens mais coerentes; e ele o apresenta com um entusiasmo e uma ternura contagiantes. (Portella, 1957).

É recebido com amizade em quase todo o sertão, onde "vai comer à cozinha" tendo lugar à mesa de toda dona de casa, tratado como pessoa da família.

Talvez pelo seu porte reduzido ("...um porquinho-da-índia mesmo, penteado, os olhinhos espertos" - p. 100), ninguém jamais o viu como um homem de verdade, como uma pessoa de brios, capaz de ter sentimentos e de lutar por eles. Sua paixão por Maria da Penha, curtida e repisada, bem guardada em seu peito, só é revelada ao final. Cabe-lhe, entretanto, vencer o "Golias" no desfecho da obra, matando o perigoso Filipão, com o punhalzinho de prata que o deputado lhe dera de presente.

Cumprida a amarga missão, o herói vai embora triste, sem ânimo mais para brincar com as sombras de seu próprio corpo:

Mas carregava na alma um peso qualquer. A mesma elegância na roupinha de brim amarelo, vincada a ferro; a mesma chiqueza no lenço do bolsinho do jaquetão, a mesma pilantrice na gravata de pinguinhos vermelhos em fundo amarelo de ipê. E o chapéu tombado de banda... Mas havia tristeza nos olhinhos de quati fincados na cara miúda do porquinho-da-índia. (p. 398).

III. Chico Belo

Símbolo do atraso e do conservadorismo, é a representação alegórica do mal. Luta contra o progresso, contra as idéias novas e contra a democracia, para conservar o prestígio, para não perder o poder. Seus valores são inteiramente ligados ao interesse pessoal, seus olhos não vêem senão o próprio domínio, e não se constrange pelos escândalos passados no avião, no elevador do hotel, na sala do Secretário, nem de trair o amigo e companheiro deputado Azambuja, que o apoiava. Dois tapinhas no ombro dados pelo Secretário bastaram para fazê-lo esquecer tudo. Para manter o comando do município, precisa vencer as eleições, não importa

como nem a que preço, tem o apoio do governo do Estado, tem os cargos a distribuir, tem prestígio para influenciar, tem os capangas para amedrontar e tem o dinheiro para comprar os mais resistentes. Algumas características do coronel merecem ser notadas por serem universais entre os políticos da espécie: usa a força, ao arripio da lei, para impor sua vontade; só admira os poderosos, os que lhe são superiores e lhe podem fazer favores; tem o dinheiro, nem todo conseguido de forma honesta, e não se importa de usá-lo para alcançar os objetivos pretendidos; sabe subornar e invadir o território alheio.

Mas o Coronel Chico Belo não é feito apenas de defeitos, que não sobreviveria por muito tempo. Tem carisma e sabe comandar. Quando a situação lhe fica desfavorável, quando todos os amigos estão amedrontados, sem saber o que fazer, o Coronel ainda tem forças para exercer a liderança e capacidade para reanimar os companheiros e controlar o partido, salvando-o da derrota que lhe seria fatal.

Mas os liberais suportavam calados a provocação: o Governo voltara-se contra eles, Dr. Carvalhinho abandonara-os... Chico Belo, porém, não pensava assim. Provou que não pensava quando o Carrilho lhe levou as cópias dos dois despachos – o cínico teve a coragem de ir até à porta da venda do Jorge Turco! Chico Belo leu e releu o telegrama do Governador. Cercavam-no, num abatimento de fazer dó, o Alcindo, o Braulino, o Intendente Gouveinha e outros chefes liberais. O coronel não deu o braço a torcer: - Eu bem sabia! Conheço muito esse oficial... Fui apresentado a ele no palacete do Dr. Carvalhinho: homem de confiança do Secretário... A troca foi pro forma. Ora, quem havia de ser – o Idôneo! Meu companheiro de pif-paf... (p. 312).

IV. Maria da Penha

São poucas as personagens femininas em *Vila dos Confins* e sua importância é bem restrita. A principal é Maria da Penha, que também tem pouca influência nos acontecimentos, não possui o condão de alterar o próprio destino, ou qualquer passo da história, pois que seu papel é apenas amenizar a aspereza da luta e alegrar a rudeza da vida.

Herdeira de grande fortuna, sua vida é cercada de lendas e mistérios. Já viúva, aos 21 anos, ninguém tem certeza das circunstâncias da morte de seu marido, sendo mesmo levantadas

suspeitas de sua culpa. De certo, apenas, o fato de que tinha o poder de estigmatizar aqueles com quem se envolvia. “E a menina era geniosa, mimada, criada sem mãe.” (p. 151).

Inteligente e esperta, ajuda o pai na administração da fazenda, sabe receber as visitas e tem capacidade de se controlar nas circunstâncias mais adversas, no que mostra algum traço da Capitu, de Machado de Assis.

- Vou deixar a porta do meu quarto encostada; à noite, depois que os outros se deitarem, você vem...” E com tanta naturalidade que, quando Xixi Piriá voltou, a encontrou à janela da sala fazendo escorrer para a seringa o líquido azulado da ampola. Nem o respirar mais agitado, nem o mais leve crisar dos dedos quando segurou o músculo do braço e espetou ali, de um golpe só, a agulha... (p. 166).

O desejo sexual reprimido não vê limites, trazendo-lhe muitos problemas e fazendo com que avance sobre todos os que se aproximam, ainda que de condição social inferior. “Louca, inteiramente louca, aquela mulher! (p. 165). Quer o amor de Paulo, luta por ele, faz planos e chega a oferecer-se impudicamente, mas não consegue concretizar o encontro. Frustra-se outra vez.

V. Padre Sommer

Outro personagem marcante, o elemento mais íntegro do romance. O reverendo gosta de caçar e de pescar, não medindo sacrifícios para uma excursão ao interior da floresta com esse objetivo. Mas tem a alma pura, sem vaidades, sem ambições ou paixões, e, amante da justiça, convive com todos os paroquianos, independente do partido político. Grande contador de histórias, é figura ímpar na Vila, "O padre Sommer, mais caçador do que padre, sempre desguaritado, perdido de quando em quando, pelas cabeceiras do ribeirão das Palmas..." (C. Motta Filho, discurso de recepção ao sr. Mário Palmério na ABL, p. 239).

É com muito respeito e admiração que o narrador fala do Padre Sommer, cujo comportamento só merece elogios.

Entardecia quando Pe. Sommer atravessou o rio, aproveitando uma das viagens da balsa. Vinha desculpar-se: não podia ir até à barrinha do córrego dos

Moreiras. Esperava um chamado a qualquer hora. Seu Sinésio da Cachoeirinha estava pelo mais-hoje-mais-amanhã. (p. 389).

Somente ele, o padre, tem moral para discutir com ambos os lados, tentando evitar que a situação se deteriore, para impedir que ocorram muitas mortes, após os incidentes envolvendo o deputado e o sargento da polícia. É ele, o reverendo, quem vai à Coletoria, por diversas vezes, procurar dissuadir o capitão de tomar qualquer medida drástica, e ainda volta depois à venda para conversar com Paulo e seus amigos, para acalmar os ânimos.

- Desde que soube da tocaia no mato do Corrente, Paulo, previ tudo isso. Conheço essa gente – e conheço você também. Não tenho nada com isso; meu dever é outro, muito diferente: é procurar evitar que a política deste lugar degenera em desgraça. Continuarei rezando, pedindo, implorando. Mas estou vendo as coisas perdidas. (p. 288).

VI. Secretário Carvalho de Meneses

Único elemento estranho à comunidade da Vila, além do Deputado Paulo Santos, que veio para se integrar. A presença do Secretário serve para convalidar o poder dos coronéis comandados por Chico Belo e para realçar a posição de apoio do governo com relação às questões do interior.

O Secretário exerce uma influência perniciosa sobre o homem do campo, manobrando recursos públicos e usando da força do cargo para subornar pessoas e para angariar prestígio, através de nomeações e promessas, tudo com a finalidade de vencer as eleições e se perpetuar no poder. Como o velhaco urubu roceiro, cujo aparecimento transtorna os fazendeiros, a chegada do Secretário à Vila dos Confins provoca o pânico daqueles que lutam para desarraigar os corruptos do comando do município. Inescrupuloso, falso e demagogo, o Secretário Carvalho de Meneses sabe empregar o discurso estereotipado do político sem caráter para pressionar os companheiros:

Um momento: antes de qualquer resposta, estou no dever de lhes comunicar que represento o Governador nesta entrevista e que tudo o que conversarmos aqui deve ficar rigorosamente entre nós... (p. 238).

Não sou eu, é ele, é a direção do nosso partido que faz absoluto empenho na minha candidatura a deputado federal. Verdadeiro sacrifício para mim, que já ando mas é necessitado de deixar a vida pública. (p. 241/242).

VII. Nequinha Capador

Personagem lendária, retratando o aventureiro do sertão, o boiadeiro que vive à mercê do jogo do mercado, fazendo fortuna fácil, que não é capaz de segurar. Toda a riqueza que consegue obter ele a perde no jogo ou nos bordéis, e depois volta para, mais uma vez, tentar se recuperar, amparado no nome construído, nas histórias que ficaram.

- Naqueles tempos de sertão, Paulo, sujeito medroso não chegava a branquear a barba. Melhor a fama de bandido que a de água-mole. Quem fraquejasse, virava cruz de beira de estrada..." (p. 133).

Conhecedor do gado, passa a vida a correr o interior à procura dos melhores rebanhos, e descobre o novilho azulego, herdeiro do lendário Lontra, que tem tudo para alcançar o sucesso e a glória. Aposta nele, causando inveja aos amigos, mas outra vez a sorte lhe falta, porque o bezerro morre no naufrágio da barca, na primeira travessia.

VIII. Aurélio

Verdadeiro coadjuvante. Coloca o passado, sua experiência de vida, sua força, seu poder de argumentação, tudo a serviço de Paulo, o sobrinho ilustre, e de seus companheiros de partido. Não tem aspirações, nem vaidades, só quer ser útil, servir e participar. Ao perceber a doença de Paulo no Carrapato e a frustração dos amigos, assume o comando da situação e resolve animar a conversa, arranjando um parentesco distante de sua família com a dona da casa:

- Severino do tronco do tio Honório! O velho esparramou um familião, lá na mata da Gronga. Sim, senhora, prima Alzira, você é próxima. Pequenezza de mundo: gente nossa, Paulo, neste Sertão dos Confins! (p. 76).

Era assim, sempre dando uma ajuda ao sobrinho, arranjando-lhe uma saída honrosa. Amigo de todas as horas.

O tio era assim. A história do parentesco com a Alzira fora invenção dele, para puxar assunto. Que mal havia? O tal do tio Honório, Aurélio inventara-o bem remoto, irmão do bisavô - e irmão apenas por porte de pai; botara-o nos cafundós da mata da Gronga, a mais de quinhentas léguas de distância, a fazer e esparramar família pela redondeza... (p. 89).

Somente uma vez Aurélio pensa em si, ou se preocupa com a família. É quando o falso atentado na mata do Corrente ganha dimensões nacionais:

Só estou preocupado com a Maroca e a família, coitados, lá em Amburana. Nem depois de velho parei de lhes dar cuidados... (p. 305).

IX. Neca Lourenço

Protótipo do fazendeiro empreendedor, do lavrador que venceu pelo próprio esforço e que sabe administrar o patrimônio adquirido. Tem bastante dos coronéis, como o espírito de liderança, a força de comando, a ambição de riqueza e de poder, mas conserva vivas as lembranças de sua origem e o respeito aos mais humildes, desde que honestos e trabalhadores. "Tipão graúdo, apaideguado, mostrando a peitaria cabeluda e dum gordo socado, rijo. Só de calça de pijama e bota." (p. 191). Traz o orgulho de sua raça e não faz concessões aos que não querem trabalhar, que procuram vencer sem esforço.

- Meu pai era capataz de boiadeiro, seu deputado. Já nasci montado em pêlo, tocando tropa. E puxei ao meu avô, homem calejado da vida, muito observador e muito prático. O velho só abria a boca para dar bom conselho ou ensinar regra verdadeira. (p. 198).

2.1.3.f – Ponto de vista e envolvimento do narrador

O autor conhece e explora eficientemente as variações do foco narrativo, ora usando da onisciência da terceira pessoa

Não, Paulo não suportava mais o abafamento daquele quarto sem ar. A boca visguenta, amargosa, a preguiça de conversar, de pensar na proposta a fazer a Pé-de-Meia. (p. 93),

ora penetrando na consciência dos personagens, sejam pessoas ou animais

Quem seria aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira? Tipo diferente, escovado: óculos, barba feita... Quem seria, santo Deus? (p. 34).

Como o romance é construído em vários níveis, com muitas personagens contando casos, o foco vai sendo alterado conforme a cena apresentada e a iluminação proposta.

A Introdução é feita na terceira pessoa, por narrador onisciente – mas participante, ou pelo menos envolvido (Deputado Paulo Santos). E inicia o primeiro capítulo, procurando disfarçar a onisciência, revelando indecisão quanto ao quadro que vai mostrar, quanto ao personagem:

Mas alguém cruza aquelas lonjuras. E cruza sozinho, a mala nas costas. Quem será? (p. 15),

mas volta à onisciência, agora porém usando a técnica cinematográfica de aproximações e distanciamentos:

Lá vem ele! E ganjento, pilantra: roupinha de brim amarelo... (p. 15).

Lá vem ele! (p. 16).

Debaixo do sol, por cima da areia, vinha vindo o Xixi Piriá. (p. 17).

Xixi Piriá. Lá vai ele: chapéu tombado de banda... (p. 20).

Vindo daquelas bandas, o barulho só poderia ser do caminhão de creme... (p. 21).

Lá se vai de novo o Xixi Piriá. (p. 21).

Para, mais à frente, penetrar na consciência do personagem, revelando-lhe os pensamentos:

Mas o sol está quente demais, e o jatobá, à beira da estrada, é uma tentação de sombra. Um cigarro na fresca não bota ninguém mais pobre... (p. 17).

A seguir, já está na mente de outro personagem, de Seu Bento Correia, que focaliza o mascate:

Quem tinha mesmo razão era Iaiá do seu Lucas: - É um amor de criatura, o Xixi Piriá! (p. 18).

Mas volta para a consciência de Xixi:

Vontade de pousar a mala na sombra da lixeira – solzão desgramado! – e esperar pelo automóvel, tirar a dúvida... (p. 21).

No capítulo 2, assume quase inteiramente a consciência do protagonista, Deputado Paulo Santos, que é o observador mais próximo do leitor:

Aleixo Telegrafista... Rufino... Tatá... companheirada especial! Bons tempos, aqueles: as grandes pescarias do começo das águas... (...) E agora, a maldita política! Nem mal acabava uma eleição, inventavam outra... (p. 27).

Padre gozado! Meses e meses sumido, só voltava à Vila dos Confins com as chuvaradas. Conversa, aquela história de viagem paroquial! (p. 30).

Quem seria aquele chaleira, alinhado e maneiroso no meio da gente barbuda e secarrona da Vila dos Confins? (p. 34).

Mas, meu Deus, onde vira, antes, aquele sujeitinho de óculos e de casimira, tão saliente lá na venda? (p. 35).

Não; pescarias como aquelas, nunca mais. A turma dispersara-se, impossível reunir de novo a mesma companheirada. (p. 44).

A partir de então, vai mudando de ponto de observação, ora da terceira pessoa, ora da consciência de algum personagem ou animal. O capítulo 8 exemplifica bem sua técnica. Primeiro, assume o pensamento do galo João Fanhoso:

E imaginem quem! Dois porcarias nascidos ontem. E o fim seria a cegueira, as pernas escarangadas, a caduquice provocando o desprezo e o escárnio geral. Desgraçado fim! (p. 98).

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco - esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo. (p. 99).

Depois, do João-de-Barro, despertado às desoras pelo canto do galo esclerosado:

E aquele galo caduco vinha acordá-lo fora de horas, a ele que recolhera morto de canseira, o corpo doendo, agitado pelo medonho susto que lhe pegara o bandido do tucano! (p. 99).

Mais à frente, do João-Grande, o filósofo jaburu:

Mas que o galo índio estava doido, isso estava; ou, então, completamente caduco. (p. 100).

No capítulo 9, o jogo é completo: a narrativa começa na terceira pessoa, por narrador onisciente, passa pela consciência de Paulo:

Logo lhe veio à lembrança Maria da Penha, e pensou em barbear-se, arrumar-se melhor. (p. 104),

e volta à terceira pessoa. Na página 107, faz um *flash-back* para contar a história do aluvião do Morro Redondo, a Mina Velha nas nascentes do rio do Caracol, que é como justifica a excursão do Pe. Sommer por aquelas bandas e as histórias que vai contar.

Já nos bons tempos do Fr. Norberto, era antiga, muito antiga, a história da Mina Velha. E hoje, muito mais ainda, pois o dominicano quase não enxerga mais – velhinho de cabeça branca, um fiapinho de gente. (p. 107).

Após o enxerto, volta ao tempo da narrativa, para relatar a viagem do sacerdote, mas, agora, contada pelo próprio padre.

- Eu já tinha andado por aquelas bandas, no garimpo do Jucurutu, na nossa fronteira norte, do lado de cá do Caracol. Para que vocês tenham idéia do que é aquilo, eu lhes conto que o garimpo vive de sentinela armada dia e noite. Mesmo assim, vez ou outra aparece um infeliz esmagado a pau, com as bordunas deixadas sobre o cadáver, em sinistra advertência. Armas terríveis, as tais:

pesadas e duríssimas, enrijadas ainda mais ao fogo... Agora voltei disposto a chegar até às nascentes. (p. 109).

À frente (p. 114), retorna ao narrador principal, mas prossegue falando da viagem, contando como o jumento foi apanhado pela fera e referindo a caçada do monstro, mas logo é novamente o personagem quem conta.

Um jumento, por mais magro que seja, é sempre um jumento – e, pelo menos por uma semana, a onça-preta, de bucho cheio, não iria arriscar-se a assaltar o acampamento. Mesmo assim, os animais de sela foram amarrados no meio do roçado que o padre mandou foçar, bem iluminados pelas duas fogueiras. E ninguém pegou direito no sono, apesar da marcha-forçada da viagem. (p. 114).

O clímax da narrativa ocorre quando o caçador adentra à toca para enfrentar o animal e, aí, é o próprio personagem quem conta, contagiando o leitor com as emoções vividas no interior da caverna:

Então a provoqueei: avancei mais um passo, mais outro, e desviei o meu olhar dos olhos dela... Foi então que a onça riu. (p. 127)

a reação da jaguarana é semelhante à de um ser humano:

Onça é assim: ri mesmo, mal percebe no caçador qualquer sinal de vacilação. Ri e vem. Pobre animal... (p. 127).

Também o capítulo 11, quando o boi foi pego pela sucuri, mostra grande variedade de focos. No início, é Paulo que pensa em Maria da Penha:

Não, aquilo era uma idéia estúpida, uma aventura impossível. Maria da Penha não iria arriscar-se assim, tomar a iniciativa de forçar um encontro àquela hora da noite... (p. 152).

E agora? Todos os receios se apagavam. Era preciso ir, nada o continha mais. (p. 154).

Logo a seguir, é o episódio do boi carreiro pego pela sucuri. Primeiro é a cobra que, como um ser pensante, prepara a emboscada:

Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz - proeza de somenos para uma sucuri que se preza - medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas, em compensação, menos trabalho. (p. 156).

Depois é o boi, na luta pela sobrevivência, na luta por não se entregar:

Memória de boi, mas memória que guardava muita história parecida, comentada em hora de serviço nas sonolentas estradas de carro, ou em hora de descanso, à lua e ao redor do cocho. Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri... (p. 157).

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas. (pp. 157-158).

Vai mudando o foco da narração, descrevendo o espaço, as ações dos personagens, seu pensamento, como o do Coronel Chico Belo, na Capital (cap. 19):

Sim senhor! Ali estava ele, Coronel Francisco de Oliveira Belo, em plena Capital do Estado. Hospedado em hotel de luxo, apartamento com rádio, telefone. Barbeiro no quarto - era só pedir à telefonista - com massagens, cremes, toalha quente. Manicura, também: moça conversadeira, velhaca. (p. 236).

Que falta fazia o estudo! Ele é o Dr. Carvalho, o mesmo tipo de pessoa. O outro tivera mais sorte, freqüentara boas escolas, alisara o pêlo, virara doutor... Ele precisava mas era de viajar, conviver com os chefes da Capital, desembaraçar-se mais. (p. 237).

No capítulo 21, é a vez do urubu roceiro, morador em zona de criação:

O urubu raciocina: mede o mal-inclinado do passante, calcula o tamanho e o peso da pedra, adivinha até onde pode chegar aquele meio quilo de maldade. Pensa, pensa e repensa ligeiro, e continua pousado do mesmíssimo jeito. (p. 261).

No final, no último capítulo, é o pensamento de Xixi Piriá que é revelado de dentro:

Que fazer? Os outros continuavam de copo na mão, obedientes. Nenhum armado de jeito que prestasse - só de faquinha de picar fumo por baixo das camisas encardidas... (p. 401).

Outro aspecto observado é a participação do narrador na história que, embora escrita em terceira pessoa, ou narrada por personagens, mostra com frequência o pensamento do autor, revelando suas simpatias, suas idiossincrasias, seus sonhos e esperanças.

Não há como ignorar esse fato, comprovado pelo testemunho da própria professora Maria Helena Frota, que desfrutou do convívio do romancista e declara em sua tese de doutorado – *O discurso trágico de Mário Palmério* (Nota 5).

Logo ao início da obra, nota-se o bairrismo de Palmério, o amor pelo solo pátrio, pelas próprias raízes:

Se o Sertão dos Confins é magro de boas terras, tem lá as suas compensações. (p. 10).

Gostoso, aquele sossego: abençoado banho de chuva! (p. 131).

Beleza de vida, a do Neca: sossegado, independente, dono daquele mundo de terra boa, mandando e desmandando, obedecido, respeitado... (p. 218).

Ou se não, arranchados no Bacurizal, na boa vida, seguros pelo prosão e tanto do Neca Lourenço. (p. 267).

Pelo clima temperado:

O ar, a gente podia vê-lo mover-se - lesma amarela, quente, pegajosa, a arrastar-se por sobre as ruas e telhados. (p. 73).

E confessa sua ojeriza aos hábitos da cidade grande:

Botina desgraçada! Gravata lazarenta! Porqueira de paletó! (p. 336).

As preferências alimentares:

...um ensopado de cascudo, torrado antes no borralho para se conseguir arrancar o capotão de couro duro que nem ferro, e temperado sem misérias de pimenta, é prato de muito luxo. (p. 11).

Muita gostosura de frutinha, muito broto de ramo e muita flor de finíssimo paladar. (p. 351).

A simpatia pelos amigos:

Gerôncio dos Santos, preto ainda novo e risão, especialidade de sujeito. (pp. 11-12).

...fecham logo sólida camaradagem entre o forasteiro e o simpático ribeirinho. (p. 12).

Estava abatido, o coitado do Antero! (p. 311).

E como dançava bem, o sem-vergonha! (p. 315).

Sujeito tremendo! Fora a contribuição mais valiosa que poderia o Dr. Bernardino dar aos unionistas... (p. 316).

Mas Pé-de-Meia era uma preciosidade: nem um isto de afadigado ou de implicante... (p. 366).

A amor à natureza e aos animais:

A voz ainda saía bonita, forte, alcançando longe. Pena o som meio rachado - donde o apelido de João Fanhoso, que lhe pregara a Argemira, mulatinha metediça, espevitada, mestra em botar nomes nos outros. (p. 98).

Jaguarana? Os mais afamados caçadores do sertão falavam na onça-preta, mas falavam só. Três ou quatro exemplares mortos, e isso fazia muitos, muitos anos já. (p. 105/106).

Coitado... Lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado. (p. 158).

Chora. Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo. (p. 159).

O desprezo pelas pessoas sem caráter, pelos preguiçosos, pelos negligentes e os aproveitadores:

- Para consertar caboclo, só outra conversa de caboclo. (p. 71).

- Pois esses até que não são dos piores. O senhor já ouviu falar em festa dos Santos Reis? Então, escute. Lá um dia, caboclo resolve inventar um Santos Reis. Arranja estampa de santo, convida os compadres, cata porção de mulher e menino, e sai a manada batendo lata e cantando ladainha. De fazenda em fazenda, de rancho em rancho. Todo o mundo tem de arranjar pagode para os vagabundos, dar dia santo, parar com o custeio do gado, a capina na lavoura. E se a gente faz cara boa, a caboclada vai ficando... (p. 195).

Era hora de sol quente, e o bicho estava dentro de casa, no bem-bom, todo sem-vergonho e frescoso... (p. 196).

- Seu Fiúco, a mulher do Seu Fiúco, menina, cachorrinho, papagaio, a tralha toda do Seu Fiúco se exalou. Ficou ninguém para contar a história. (p. 196).

Nada como uns bons berros, em certas horas. (p. 283).

A paixão pela pescaria.

Peixe é bicho muito inteligente: inventa modas, muda de cor para se confundir com o lodo do fundo, fabrica e esparrama em volta tinta escura... (p. 357).

Lindeza de peixe a nadar, agora, em saltos soberbos, no ar parado da tarde. (p. 378).

Grande tarde! Onze dourados – onze! (p. 379).

E, por que não dizer também? uma certa desilusão com a política cruel e desonesta do sertão:

Maldita política! Maldita eleição! Não fossem os foguetes soltados pelo pessoal do Chico Belo, justinho na hora da travessia do gado... E o Seu Nequinha Capador? Tanto luxo com a zebuzada – e lá se foi perdido, rio abaixo, o bezerro azulego, e mais quatro novilhas cabeceira, tudo raça do Lontra! Tudo engolido pelo rebojo da peroba-rosa. (p. 403).

2.1.4 – Conclusão/parecer

Obra de 1956, *Vila dos Confins* segue o modelo das produções regionalistas da década de 30, focalizando os costumes do interior, o falar próprio do sertão, o caráter do homem distante dos meios urbanos mais adiantados.

Vila dos Confins é o documento fidedigno da atividade política do interior, com todos os ingredientes das confabulações, dos pequenos interesses em jogo, numa atmosfera feita de radicalismos, de fidelidades raras e de infidelidades originadas no imediatismo dos que nada possuem e tudo jogam na cartada eleitoral que, por primeira vez, lhes bate às portas.

(Discurso de posse do Dr. Tarcício Padilha, na ABL, em 13/06/97, p. 149, in: Discursos Acadêmicos, vol. 27).

Diferentemente da obra de Guimarães Rosa, com a qual costuma ser comparada, que faz da literatura um laboratório para estudo da linguagem e da alma do homem do campo, o romance de Palmério não aprofunda as análises, optando por um plano mais horizontal, com mais incidentes, com mais histórias, com mais informações pitorescas. É o caso típico do romance de espaço, segundo a classificação proposta por Edwin Muir.

Não é provável que alguém duvide desta distinção ou que insista em que é absoluta; e confiando nisto, posso agora prosseguir minha próxima generalização: o mundo imaginativo do romance dramático está no Tempo e o mundo imaginativo do romance de personagem, no Espaço. Num, este é o argumento em linhas gerais, o Espaço é mais ou menos conhecido e a ação é construída no Tempo; no outro, o Tempo é pressuposto e a ação é um padrão estático, continuamente redistribuído e reembaralhado no Espaço. É a fixidade e a circunferência do enredo de personagem que dá às partes sua proporção e sentido; no romance dramático é a progressão e a resolução da ação. Em outras palavras, os valores do romance de personagem são sociais; os valores do romance dramático, individuais, conforme preferimos encará-los. Por um lado, vemos personagens vivendo numa sociedade, pelo outro, figuras se movimentando de um início para um final. Estes dois tipos de romances, então,

não são nem contrários nem complementos um do outro em qualquer sentido importante; são, antes, dois modos distintos de ver a vida: no Tempo, de modo pessoal e no Espaço, socialmente. (Muir, s/d, p. 36).

Pois, como afirmou o Sr. Cândido Motta Filho, no discurso de recepção ao novo acadêmico, a 22.11.68 (*Discursos acadêmicos*, p. 240):

Essa dramática impessoalização da vida revela, por sua vez, a paisagem se apossando das criaturas humanas, para que elas sirvam a vida descondicionada das regras mundanas impressas nos livros.

A linguagem usada também é bastante diferente, pois, embora com o sotaque caipira, tem maior autenticidade, reproduzindo o falar do cotidiano, sem arcaísmos, sem neologismos ou expressões produzidas.

Embora possamos aproximar mais esse romance, *Vila dos Confins*, da técnica tradicional, a linguagem com que o mesmo foi plasmado, integrando homens e coisas no "mundo" do artista, caracteriza um autêntico ficcionista. (Assis Brasil, 1957).

Parodiando as palavras de Antônio Cândido, no seu estudo sobre Guimarães Rosa, Mário Palmério também não contorna o perigo do exotismo. Mas “aceita-o entrando de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anulá-lo como particularidade para transformá-lo em valor de todos”, segundo ainda o pensamento do crítico a respeito da prosa roseana. (Cândido, 1987, p. 207).

Os ambientes focalizados são os de todo dia do autor: a vila, o campo, as fazendas, as malquerenças da cidadezinha, as caçadas, as pescarias, a criação do gado. Como o são igualmente as tramas, que refletem as intrigas políticas do interior, as espertezas eleitorais, os interesses escusos de muitos cabos eleitorais.

Palmério, entretanto, não perde em tempo em longas descrições, preferindo narrar, mostrar as pessoas atuando, o mundo em movimento.

Aquele banho exigia técnica. Simples, o aparelho: lata de querosene, carretilha e corda. Soldado ao depósito da lata, um cano com torneirinha e um chuveiro de regador; a corda passava pela carretilha, uma ponta amarrada na alça da lata e a outra solta. A Ambrosina já encheu a lata de água morna e Paulo puxou a corda, levantando o depósito até à carretilha e amarrando a outra ponta no prego da parede. (p. 34).

Parece seguir o conselho de Antônio Cândido, quando o crítico lembra que

Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento em que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa. (Cândido, 1980, p. 28).

Nem assim, porém, Palmério consegue se livrar da sanha dos críticos.

Segundo ainda a Professora Maria Helena Frota, o que distingue Palmério de outros regionalistas não é apenas a habilidade de retratar caracteres ou o talento para capturar a linguagem do sertanejo, mas a compreensão da natureza como um mito, capaz de explicar a origem do poder. (Frota, Summary, p. IX).

Apesar de grande criador de tipos (Xixi, Gerôncio, Rufino, Neco Lourenço, etc.), nota-se na obra de Palmério a valorização do espaço, mostrando que a vida no sertão flui sempre igual, independente das pessoas ou da época, ou, como disse Cândido Motta Filho no discurso de recepção ao autor na Academia Brasileira de Letras, há uma dramática impessoalização da vida para mostrar a paisagem se apossando das criaturas humanas. Opinião que é partilhada pelo Professor Eduardo Portella, que afirma:

Encontro nele (Octávio de Faria) um caso radicalmente oposto ao de Mário Palmério, autor de uma obra, *Vila dos Confins*, onde o elenco de tal forma se mistura com a paisagem que o personagem deixa às vezes de ser uma figura humana para ser um acidente geográfico, um rio, um animal, por vezes, a própria paisagem quase sempre: um fácil continuísmo onde as coisas prevalecem como que radicalmente sobre os seres. (Portella, p. 101).

Longe de retratar uma luta do bem contra o mal, o livro de Mário Palmério revela o choque cultural despertando o sertão pacífico e trabalhador, e pondo à mostra muito egoísmo,

muita inveja, a desonestidade e as intrigas. Ou, conforme definição do acadêmico Sr. José Sarney, na Folha de São Paulo:

O seu livro é *Vila dos Confins*. Escrito sem grandes pretensões, guardava na sua unidade a revelação do coronelismo, da peregrinação da política, onde ela é mais uma forma primitiva de querer mandar do que a arte do bem comum.

O romance é bem datado, já que se pode identificar o período relatado, espacialmente definido e os personagens, embora criados pela imaginação do autor, podem ter existido na Vila, ou em qualquer outra cidade pequena. Pouco, ou quase nenhum espaço é dedicado à mulher, ou ao amor. Apenas Maria da Penha, Ritinha, Ambrosina, Iaiá do Lucas e umas poucas mais, cuja ação tem limitada influência no enredo. O amor só aparece na admiração do deputado Paulo Santos por Maria da Penha, mas o namoro não se concretiza, sempre impedido por uma desgraça.

O romance, assim, é um documentário precioso, que revela, de forma bastante ampla, aspectos de uma sociedade rural e primitiva, nas suas relações com a agressividade do mundo físico e o avanço de todas as formas de progresso, que para ela se vão delineando.

Surpresos pela forma e a linguagem empregada no romance de Palmério, muitos críticos tiveram escrúpulos de enquadrá-lo dentro da Literatura, já que reservavam o selo de regionalista apenas para as obras publicadas entre 1928 (*A bagaceira*, de José Américo de Almeida, que iniciou o movimento) e 1945, ano do final da Segunda Grande Guerra, quando se considera exaurida a produção dos regionalistas de 1930, e iniciada a época áurea da ficção social na literatura brasileira. Para o professor Gomes de Almeida (*A tradição regionalista no romance brasileiro*), entretanto

a única exigência para que uma obra possa merecer o título de regionalista é a da existência de uma relação íntima e substantiva entre sua realidade ficcional e a realidade física, humana e cultura da região focalizada. (p. 314)

o que não falta em *Vila dos Confins*.

O professor Afrânio Coutinho, na *Introdução à Literatura no Brasil*, dedica todo um capítulo ao estudo e classificação do Regionalismo, que identifica como tendo duas fases bem distintas: a romântica, com Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães, que não passava de uma forma de escape do presente para um passado idealizado; e a realista, que, sem aquele saudosismo e aquele escapismo, mergulha no magma nacional à procura da compreensão de seus valores e motivos de vida, buscando nele a inspiração intelectual. Antônio Cândido (1981, p. 298) explica o regionalismo na literatura brasileira pela diferença da colonização portuguesa nas diversas províncias, citando Viana Moog, que falou de “ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas”, caracterizada cada uma pelo seu *genius loci* particular, do que decorre sua autonomia e nitidez. E o Professor Afrânio Coutinho faz também a distinção entre o verdadeiro regionalismo universalizante, que cuida do regional como parte do universal, mostrando o homem nos seus diversos aspectos, em correlação com o seu ambiente, sua linguagem, as paisagens e riquezas culturais de uma região, consideradas como meio a influenciar o comportamento dos indivíduos, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição; e outro tipo de regionalismo, que ele denomina de localismo, mais estreito e medíocre, que se limita a valorizar o pitoresco, as formas típicas, de colorido especial, as curiosidades locais, provocando a rivalidade entre as regiões uma vez que tem um conteúdo de limitação e oposição.

Não se pode, entretanto, falar de regionalismo sem lembrar a obra de Gilberto Freyre (*Manifesto Regionalista de 1926*), onde o sociólogo defende arduamente a cultura de seu estado, de sua região, afirmando que:

Regionalmente deve ser estudada, sem sacrifício do sentido de sua unidade, a cultura brasileira, do mesmo modo que a natureza; o homem da mesma forma que a paisagem. (Manifesto, p. 18).

Rubem Braga, embora lhe ressaltasse a ocorrência de "alguma cica", classifica o livro de Palmério como um "romance de costumes, e de costumes políticos", sem amargura e com certo senso pitoresco. Outros críticos tentaram rotular o romance de engajado, ou de romance

político e, ainda outros últimos, de regionalista mineiro. Wilson Martins (1957) tem uma posição bem clara, quando afirma de maneira categórica:

É o primeiro grande romance da vida política no Brasil. O Sr. Mário Palmério, que é político, mas que, felizmente, é alguma coisa mais que político, viu, também, o lado humano (no sentido quase ontológico da palavra) desse mundo desalmado. *Vila dos Confins* nem é romance regionalista, nem, ainda menos, do chamado regionalista mineiro. Ele realiza a transição universal de uma realidade local, mas neste Brasil tão cioso de suas diversidades regionais, há uma coisa que é igual em toda a parte: a vida política, ou, antes, a vida eleitoral, em que a primeira se absorve toda.

Não lhe faltam argumentos para defender a posição assumida (Nota 6), uma vez que todo romance relata os problemas de alguém, ou de algum grupo, em uma certa região, e isto sempre pode ser considerado como política regional. Entretanto, não se pode esquecer que *Vila dos Confins* também retrata a política, mas com suas características e especificidades regionais, que apesar de uma face comum, conhecida em todo o país, tem muito mais de sua, muito mais de Minas, muito mais do sertão. As mazelas eleitorais são do Brasil todo, a corrupção, as fraudes, a pressão política, a venalidade dos cabos eleitorais, etc. Mas a travessia do Urucanã, a tradição da criação do gado zebu, a caçada da onça, a sucuri devorando o boi, as pescarias, as paisagens, a linguagem caracteristicamente oral, tudo isto é bem próprio do sertão mineiro, da cultura local. Assim, a massa de que foi construído o romance é regional, como regionais são os assuntos, os tipos humanos, a linguagem e as formas de conflito social e moral. Logo, o romance é regionalista e é mineiro, e portanto deve ser estudado dentro do regionalismo mineiro, como as obras de Bernardo Guimarães, de Affonso Arinos, de Guimarães Rosa e tantos mais.

E *Vila dos Confins* chega a seu destino: e traz consigo esse escritor o Sr. Mário Palmério, trazendo sobretudo uma mensagem humana de que valoriza a vida nas suas manifestações mais tênues, que se agarra à vida com ânsia de naufrago e com consciência do escritor de hoje. (Portella, 1957).

Independente da classificação da crítica, entretanto, por muitos anos, a obra continua e continuará a encantar o público por suas qualidades e por se confundir com o sentimento popular do homem do interior.

Uma coisa, de fato, é certa: lendo sua obra, com aquelas histórias que parecem "de mentiroso, de tão saborosas", não temos a impressão de estarmos diante de um mágico na linha rosiana; a atmosfera criada, pelo acúmulo de detalhes, apainela grandes quadros sertanejos, e a ficção não transborda do estrito regionalismo entendido na linha realista. Mário Palmério traz mais uma vez à tona, com sua obra, depois de tantos outros exemplares modernistas nesse sentido, a questão da sobrevivência de certos valores estéticos passados." (Frexeiro, 1969).

Vila dos Confins é isso! Um pouco da história de um povo do fundo do Sertão, de suas lendas, de suas lutas e de suas esperanças. São bem suas, mas se parecem com as de muitas outras populações, espalhadas de norte a sul do Brasil, especialmente quando encravadas no interior. Gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova... Mas a Vila dos Confins existe.

Este, um ligeiro apanhado do Sertão dos Confins. Esqueceram-no as geografias, esqueceram-no os governos. Quem desejar pormenores, só mesmo dando um pulo até lá (p. 12).

No livro *O prazer do texto* (1989, p. 49), Barthes propõe a diferença entre o "texto de prazer, aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura e o texto de fruição, aquele que coloca em situação de perda, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor. *Vila dos Confins* e *Chapadão do Bugre* reúnem as duas visões.

Ao final, uma observação sobre a encadernação da obra, que parece ter sido causada por uma falha da editora. É que as páginas 310/312 (exceto o último parágrafo) são continuação do enredo narrado à p. 306, à qual deveria seguir, e não a p. 309, o que causa interrupção da narrativa.

2.1.5 Notas

1. Resumo da nova legislação eleitoral, após as alterações aprovadas pelo Congresso Nacional para coibir as falhas conhecidas:

Projeto n. 525, de 1955:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1. Nas eleições que obedecem ao princípio majoritário, serão utilizadas cédulas oficiais de votação, de acordo com o modelo anexo.

Art. 2. Nas eleições para Presidente, Vice-Presidente da República, Senadores e seus Suplentes, Governador e Vice-Governador, Prefeito e Vice-Prefeito, as cédulas conterão, além da designação do cargo eletivo, os nomes dos candidatos registrados.

Art. 3. A impressão das cédulas será feita pela imprensa oficial da União, dos Estados e dos Municípios, podendo, em caso de emergência, ser esse trabalho requisitado a oficinas particulares mediante indenização.

§ 1. A impressão, sob pena de responsabilidade de quem a ordenar, far-se-á, para cada eleição, em ordem variável de colocação dos nomes - em tantos grupos quantos o seu número - de tal forma que, em cada grupo, figure na cabeça da cédula nome diverso, com alteração, também, da ordem dos subseqüentes.

A distribuição das cédulas pelas mesas receptoras será feita de modo que disponham, todas elas, de vários grupos impressos, para serem entregues, indistintamente, aos eleitores no ato de votar.

2. Alguns excertos da obra de Victor Nunes Leal podem contribuir de forma importante para uma melhor compreensão do fenômeno do coronelismo, tão difundido no interior do país e tão explorado nas obras de Palmério:

a. A Guarda Nacional, criada em 1831, para substituição das milícias e ordenanças do período colonial, estabeleceu uma hierarquia, em que a patente de Coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais. (p. XIII – prefácio de Barbosa Lima Sobrinho).

b. Por isso mesmo, o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil. (...) Desse compromisso fundamental resultam as características secundárias do mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais. (p. 20).

c. É, pois, para o próprio “coronel” que o roceiro apela nos momentos de abertura, comprando fiado em seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro, nas mesmas condições, para outras necessidades. (p. 24).

d. São, pois, os fazendeiros e chefes locais quem custeiam as despesas do alistamento e da eleição. Sem dinheiro e sem interesse direto, o roceiro não faria o menor sacrifício nesse sentido. (...) É, portanto, perfeitamente compreensível que o eleitor da roça obedeça à orientação de quem tudo lhe paga, e com insistência, para praticar um ato que lhe é completamente indiferente. (pp. 35-36).

e. A falta de espírito público, tantas vezes irrogada ao chefe político local, é desmentida, com freqüência, por seu desvelo pelo progresso do distrito ou município. É ao seu interesse e à sua insistência que se devem os principais melhoramentos do lugar. A escola, a estrada, o correio, o telégrafo, a ferrovia, a igreja, o posto de saúde, o hospital, o clube, o campo de foot-ball, a linha de tiro, a luz elétrica, a rede de esgotos, a água encanada -, tudo exige o seu esforço, às vezes um penoso esforço que chega ao heroísmo. É com essas realizações de utilidade pública, algumas das quais dependem só do seu empenho e prestígio político, enquanto outras podem requerer contribuições pessoais suas e dos amigos, é com elas que, em grande parte, o chefe municipal constrói ou conserva sua posição de liderança. (p. 37).

f. A outra face do filhotismo é o mandonismo, que se manifesta na perseguição aos adversários: “para os amigos pão, para os inimigos pau”. As relações do chefe local com seu adversário raramente são cordiais. O normal é a hostilidade. (p. 39).

g. E assim nos aparece este aspecto importantíssimo do “coronelismo”, que é o sistema de reciprocidade: de um lado, os chefes municipais e os “coronéis”, que conduzem magotes de eleitores como quem toca tropa de burros; do outro lado, a situação política dominante no Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial, que possui, em suma, o cofre das graças e o poder da desgraça. (p. 43).

h. O patrimonialismo das estruturas políticas locais sobreviveu e manifesta-se de maneira curiosa. Se uma pessoa vem a ocupar um posto de comando na organização político-administrativa, não é raro presenciar-se a ascensão de grande número de pessoas da “terra dele”. Não só parentes de todos os graus, mas também amigos de infância, antigos colegas de trabalho, vizinhos, parentes e amigos desses vizinhos, que ocupam cargos de “responsabilidade” ou de “confiança” em torno do novo potentado. (p. 43).

i. O bem e o mal, que os chefes locais estão em condições de fazer aos seus jurisdicionados, não poderiam assumir as proporções habituais sem o apoio da situação política estadual para uma e outra coisa. (p. 44).

j. As eleições municipais constituem pelepas tão aguerridas em nosso país, justamente porque é pela comprovação de possuir a maioria do eleitorado do município que qualquer facção local mais se credencia às preferências da situação estadual. E esta, como já notamos, o que mais interessa é ter nas eleições estaduais e federais, que se seguirem, maior número de votos, com menor dispêndio de favores e mais moderado emprego da violência. (p. 49).

k. Tudo isso indica que o problema do “coronelismo”, aparentemente simples, apresenta no seu mecanismo interno grande complexidade. Não há dúvida, entretanto, que ele é muito menos produto da importância e do vigor dos senhores de terra, do que da sua decadência. (p. 56).

3. Longe de ser indiferente, o espaço num romance exprime-se, pois, em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir por vezes a razão de ser da obra. (Bourneuf, 1976, p. 131)

4. Fiel à nomenclatura regional, Palmério chama todas as coisas e criaturas do mundo dos Confins pelo seu nome verdadeiro, conforme reprodução abaixo.

a. Aves e pássaros:

andorinha, anuns, arara, bicudos, codornas, curiós, emas, frangos, galinhas, garças, garnisé, irerês, jaburus, jacás, jacus, jaós, João-de-barro, maritacas, marrecos, matracas, martimpescadores, morcegos, nhambus, papagaios, pássaro preto, patos, patos-do-mato, pato-trombeteiro, perdizes, pica-pau, seriema, socós, sofrês, tico-tico, tucanos, urubus, .

b. Animais:

antas, bois, besta, burro, cachorro, camundongo, capivaras, cavalo, cervos, cobras, dinossauro, égua, gambás, gato, hiena, jacarés, jaguar, jaguarana-pixuma, jaratataca, jegue, jumento, lagarto teiú leitão, lobo, mateiro, mula, onça, onça-pintada, pacas, porco, porquinho-da-índia, quati, queixadas, raposas, rato, sapo, sucuris, tatus, touros, vacas, veados campeiros, veados catingueiros, veados mateiros.

c. Peixes:

abotoados, aracus, aracus-pintados, bagres, canivetes, carás, caranhas, cascudos, corvinas, covos, curimatás, dourados, enguia, ferreirinhas, jaús, lambaris, mandi, mandi-prata, mandijubas, matrinxãs, pacamãos, pacuaçus, pacus, papa-terras, piabas, piabanhas, piapara, pias, pias-de-três-pintas, pintados, piracanjuba, piraju, piranhas, piracanjubas, pirás, pirapitingas, sardinha, surubins, tabaranas, taguaras, timburés, tingas, tinguis, traíras.

d. Plantas:

abacateiro, abóbora, alfazema, algodão, alho, ameixeira, angicos, angola, araçá, araticuns, aroeiras arroz, assa-peixe, aveia, babaçus, bacuris, bálsamo, bambu, bico-de-papagaio, brejaúva, buritis, cabaceiras, cabriúva, café, cagaiteira, cana, canelas canela-de-ema, caneleiras, capim-angola, capim-bengo, capim-gordura, capim-meloso, capim-navalha, caruru, cedros, colômbio, congonha, coqueiros, coqueirinhos indaiás, coqueiro, couve, erva-cidreira, figueira, flechão (capim), figueiras, fruteira-do-mato, fumo, gabirola, gameleiras, gameleiras-brancas, goiabas, grama-forquilha, gravatazal, guariribas, indaiás, ingá, ipê ipês-roxos jabuticabeiras, jacarandá, jaraguá, jatobás, jenipapo, juá, laranja-da-terra, laranjeira, lima-de-bico, limão-china, limão-galego, lixeira, lobeiras, losna, macaúbas, macega, macela, mamoeiros, mamona, mandioca, manga, mangaba, mangue-verdadeiro, marmelada, mata-barata, melão-de-são-caetano, membeca (capim), milho, mimoso (capim), morangos, navalha-de-macaco, paina, palmeiras, palmitos, pau-d'arco, paus-d'óleos, peroba, peroba-rosa, pés-de-pato, pimenta, pinheiro, poaia, poejo, pororoca, quiabo, sapê (capim), santa-luzia, sucupiras tabocas, tamarindo, tamboril, taquara, taquaruçu, tingui, veludeira-do-mato, vinhático,

e. Culturas

algodão, alho, arroz café, cana cebola, feijão, mandioca, milho, quiabo,

g. Raças de gado

crioulo, curraleiro, gir, guzerá, meio-sangue, mestiço, nelore, pé-duro, zebu.

h. Insetos/animais menores

abelha, arapuá, aranhas, baratinha-d'água, barbeiros, berne, besourões, carrapato, cigarras, cobra-d'água, cotó, cupins, escorpião, formigões, gafanhotos, grilo, jataí, joaninhas, lacraias, lagartixa, lesma, lombriga, louva-a-deus, mandarovás, marimbondito-tatu, minhoca, mosquitos, muçum, mutuca, pernilongo, piolho, piolho-de-cobra, vaga-lumes,

i. Instrumentos

alegre, arame, arreador, arreata, barbicacho, barrigueira, bateia, berrante, binga, bodoque, botina, bridão, buçais, cabaça, cabo-verde, cabresto, canequinha, cangalha, canivetes, canzil, capangas, carabina, cartucheira, chapéu, chicote, chilena, cilha, colcha de lã, corda, corotes, covos, cutuca, dinamite, enxada, enxadão, enxerga, espinhel, estampa de santo, facão, faquinha, ferrão, fisga, flecha, fleme, fogo-central, foice, freio água-choca, garrafa, garrucha, laço, lampião de querosene, machadinha, machado, mantas, mariquita, paris, papel de seda, pasta, picuá, piraiá, pistola, polaco, punhal, puxavante, rabicho, rabo-de-tatu, ratoeira, rebenque, rede, rede de estiva, relógio de pulso, retranca, rosário de ferraduras, sanfona, sela, sementes, serigote, serpentina, sondá, taca, tarrafa, teco-teco, telha francesa, testeiras, tortas, trator, vara de ferrão, viola, violão, zagaia.

5. Testemunho da professora Maria Helena Frota, que desfrutou do convívio do romancista e declara em sua tese de doutorado – *O discurso trágico de Mário Palmério* (p. 7) que:

Por este foi-nos contado que, na qualidade de deputado federal à época do movimentado debate na Câmara para a modificação e legalização da nova Lei Eleitoral, ele oferecera aos deputados o relatório de suas pesquisas relativas aos pleitos municipais de que participara. Foi aí, então, que o relator se dá conta de que o seu relatório oficial em muito extrapolava a veracidade dos fatos históricos: redimensionava e recriava os confins, ultrapassava os liames da temporalidade narrativa, já de todo despojada de sua pretensa fidedignidade histórica. (Frota, p. 7)

6. Esses romances cuja ação se desenvolve no meio provinciano trazem à baila o problema do regionalismo. Podem ser eles considerados regionalistas? Constituiriam uma modalidade urbana de regionalismo? Afrânio Coutinho, endossando as palavras de George Stewart, afirma:

Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte, não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc... – como elementos que afetam a vida humana da região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico. (Afrânio Coutinho, p. 202).

2.2 – CHAPADÃO DO BUGRE

2.2.1 - Apresentação

Chapadão do Bugre, o segundo livro de Mário Palmério, mostra uma estrutura mais clássica, com o desenvolvimento cronológico em planos paralelos, fazendo com que a atuação do protagonista - o processo de sua degeneração social e moral, a perda de identidade e a morte - assegure a unidade narrativa.

Também esse romance, a exemplo do anterior, traz as marcas do Modernismo. Segundo José Guilherme Merquior, no Modernismo nota-se “a emergência de uma concepção lúdica da arte, a tendência à figuração mítica e o predomínio da figura alegórica.” (Merquior, 1975, p. 83). *Chapadão do Bugre* e *Vila dos Confins* revelam essas características, mas vão mais além.

Num plano independente, denominado Mata dos Mineiros, que vai do capítulo II ao XVI, há um recuo no tempo, um *flash-back*, para a colocação espacial e a apresentação dos personagens, principalmente do protagonista, e das ocorrências que o transformaram no elemento que veio a ser.

Uma das partes da narrativa conta os incidentes da viagem sem volta de Arimatéia, para cobrar vingança à ex-noiva e ao ex-patrão, enquanto na outra parte – a que serviu de base ao autor para a criação da obra – são relatadas as ações do destacamento policial enviado pelo governo do estado para moralizar os costumes da cidade, dominada pelos coronéis.

Os acontecimentos são simultâneos. Assim, enquanto uma linha da narrativa focaliza Arimatéia seguindo através do chapadão, do outro lado é focalizada a cidade, com muitos personagens, suas lutas, seus pecados e seus medos.

Arimatéia é o cavaleiro solitário, que vence as distâncias na fria noite escura, tendo por companhia apenas a mula Camurça, com quem tenta conversar, discutir seus projetos e problemas, falando das esperanças perdidas e das frustrações deixadas no passado. Relembra tempos que também não ouviram muitas vozes, que os carapinas que lhe guiaram os primeiros passos não eram de muito falar; foi uma quadra marcada também pela ausência de amigos, de companheiros para brincar, pela falta de escolas para aprender e de perspectivas para sonhar. Camurça, a companheira inseparável, a tudo ouve em silêncio, na monótona marcha serra acima,

tropeçando em pedras e galhos, pisando em espinhos e caindo em buracos. As únicas pessoas encontradas ao curso da longa jornada são velhos camaradas de jagunçagem, companheiros de arriscadas empreitadas, que só têm a falar das táticas empregadas e dos êxitos alcançados. Principalmente com o velho Arcanjo da Barra Limpa, por quem Arimatéia nutre grande admiração e a quem dedica fervorosa amizade, tendo-o sempre como exemplo. Pois é justamente este o amigo que o haverá de trair, de entregá-lo aos soldados da captura para ser morto.

Na visão da cidade, o que importa é a corrupção dos costumes, são as lutas políticas, o poder dos coronéis, garantidos por um batalhão de jagunços e de assassinos, pelo medo dos adversários e pela leniência das autoridades constituídas. Para mudar a situação e eliminar a onda de crimes que assola a região, o governo do estado, por solicitação do novo juiz de direito da comarca, envia um destacamento da captura, a mais temida organização militar do interior, com mais de trinta soldados, comandados pelo violento Capitão Eucaristo Rosa. A chegada da força provoca o pânico dos coronéis e seus protegidos, e todas as atividades da cidade são afetadas pelo medo, pela angústia quanto ao que poderá acontecer. No meio de tudo, a hipocrisia de um juiz, que só se importa em tomar seus goles de aguardente à noite, esperando pela morte de Arimatéia, para que então possa trazer para casa a amante, que foi noiva do jagunço. O foco narrativo varia de personagens, de perspectiva, de distância mas sempre dentro do perímetro urbano, retratando os coronéis, os políticos, os soldados, os pontos de encontro, etc.

Por um artifício do autor, senhor do tempo, os soldados aparecem na cidade justamente quando Arimatéia, um dos mais temíveis bandidos, acabava de sair do município, rumo a sua terra – do outro lado do chapadão, com planos de matar a ex-noiva e o antigo patrão. O herói vence a distância, alcança o novo povoado, faz o reconhecimento do terreno, executa o fazendeiro inimigo, mas na fuga não tem tempo de pegar a ex-noiva, que consegue se salvar pela segunda vez. Na volta, ao atravessar a serra, Arimatéia é traído pelo amigo Arcanjo e abatido pelos soldados.

Em Santana, o comandante da força policial atrai os chefes políticos ao foro municipal, onde os executa da forma mais cruel, sem qualquer consideração. Os métodos usados pelos dois poderes em luta – os coronéis e o governo - são os mesmos, mas a vitória tende para o lado que dispõe do amparo legal.

2.2.2 - Resumo da história

Todo o enredo do romance *Chapadão do Bugre* está relacionado ao crime passionai cometido por José de Arimatéia – nome bíblico para um herói de origem desconhecida - que desperta velhas e adormecidas rivalidades entre poderosos coronéis do sertão mineiro. E o clima é de tragédia sertaneja, com uma parte épica e uma movimentação cinematográfica.

José de Arimatéia é um menino pobre e órfão, que desconhece a própria origem e nem sabe quem foram seus pais. Passa por tempos difíceis no início da vida, recolhido e criado por dois desconhecidos, que nem se lembram de quando ou de onde o encontraram, nem sabem para onde o estão levando, mas o obrigam a trabalhar como ajudante de carpinteiro. A morte de um de seus protetores, o chefe, Seu Joaquinção Carapina, deixa o menino ainda mais desamparado, tendo de seguir sozinho pela estrada à procura de pouso, de alimentação, de trabalho. Com uma linguagem curta, por falta do hábito de conversar, e sem uma identidade confirmada, tudo parece mais difícil, que ninguém se arrisca a dar-lhe guarida. Até que, afinal, acaba indo parar no Curral do Esteio, de Seu Valico Ribeiro, que o acolhe e oferece proteção. Seu Valico, um pequeno fazendeiro, dedicado à família e ao trabalho, avesso à política e a toda espécie de violência, é quem vai educá-lo e transformá-lo num homem de bem, dando-lhe uma profissão útil e respeitada: dentista prático, que aprende com um profissional, também arribado à fazenda. Assim habilitado e preparado para a vida, Arimatéia recebe autorização de sair pelo mundo para exercer sua atividade, chegando à fazenda Capão do Cedro. O proprietário, Seu Tonho Inácio, é um grande latifundiário, com poder político sobre toda a região, que conta com muitos empregados, mas nenhum especificamente jagunço. Para Arimatéia, a fazenda é exatamente o local que procurava para se estabelecer profissionalmente e fazer a vida, já que, apesar de centro rural, é bem avançado, contando com igreja, com escola, com armazéns para

abastecimento dos trabalhadores, e grande movimento de colonos contratados para o trabalho nas lavouras de café e de cana de açúcar e para a criação de gado. Durante mais de dois anos, Arimatéia cuida da boca do pessoal da fazenda e dos caboclos, que o procuram em busca de tratamento, e, pouco a pouco, vai conquistando o respeito e a amizade de todos, alcançando prestígio e algum progresso econômico. Mais tarde, julgando-se seguro na vida, Arimatéia adquire sua primeira propriedade - uma mula xucra, batizada por Camurça, que fora enjeitada como refugo da tropa de venda que aparecera na fazenda -, e já arrisca a pensar no futuro, a sonhar com a paz e a felicidade de uma família constituída e de um pedacinho de terra para desenvolver alguma cultura - “um punhadinho de alqueires - chãozinho pouco e despresunçoso, mas coisa sua, onde pudesse mandar e desmandar” (p. 26).

Uma das clientes mais importantes do gabinete é Maria do Carmo, ou a do Carmo, como carinhosamente é chamada, que Arimatéia atende com mais atenção, cuidando-lhe não só dos dentes como também do coração, pelo que acabam ficando noivos. Conheceu Maria do Carmo no consultório mesmo, quando chegara a primeira vez vigiada pela mãe. E se interessara por ela, sempre procurara conversar com ela, educara-a, fizera com que mudasse muitos hábitos, se tornasse uma moça bonita e asseada, despertando a cobiça de todos os rapazes. Estava perdidamente apaixonado, quando o patrão, seu Tonho Inácio, decidiu intervir, para abreviar o casamento, que tinha interesse no futuro da afilhada. Mas dona Dosolina, esposa de seu Tonho, não queria uma noivado muito demorado na fazenda, achava que não seria conveniente. Eufórico, vendo no casamento a realização de seus sonhos, Arimatéia corre ao encontro da noiva, que o esperava em casa cheia de ansiedade, e, enquanto a mãe está ocupada no tacho fazendo açúcar, ele a beija pela primeira vez, com muito fervor.

O noivado com a Maria do Carmo é uma satisfação para os fazendeiros, que prometem todo apoio aos noivos, como moradia e enxoval de graça, mas têm pressa de marcar a data. Assim, com a proteção dos patrões, a festa teria ocorrido logo, para a alegria de todos, e tudo estava programado para se realizar em poucos dias. O tempo, porém, parece conspirar contra a realização desses planos, pois uma chuva forte impede Arimatéia de chegar à casa de seu Valico, que iria convidar para padrinho, obrigando-o a desistir da viagem, e voltar no meio da

noite. Passar pela casa da noiva foi apenas um conselho da saudade, mas encontrá-la "de sinagoga" com o filho do fazendeiro foi o maior desastre que lhe poderia ocorrer. Inconformado pela traição, num ataque de ódio, Arimatéia pega o primeiro instrumento que encontra à mão - um machado -, com o qual parte ao meio a cabeça do rival:

O machado desceu - certo, um raio. As mãos de José Arimatéia sentiram o corte resvalar, batido de gume numa coisa dura e escorreguenta, antes de enterrar-se, maciço, numa junta apertada e rangente. (p. 43).

Consumado o crime, vai à procura da noiva, para completar a vingança, para acabar de lavar a honra. Mas já não mais a alcança, que, assustada, aproveitando-se de seu descuido, desaparecera no cerrado matagal. E, por muito tempo ainda, o noivo desesperado a busca, vereda por vereda, sombra por sombra, cheio de ódio, para terminar de executar a vingança. Até que, afinal, sem mais esperança de pegá-la, toma consciência da hora e da situação e, pensando na importância da vítima feita, prevê que vai ser caçado e justificado pelos fazendeiros, se não desaparecer imediatamente. "Maria do Carmo que ficasse, que esperasse... um dia ele havia de voltar." (p. 49).

Assim, Arimatéia foge em alucinada carreira, enfrentando o cansaço, o mau tempo e as estradas enlameadas, até que, com a ajuda do antigo padrinho, consegue ir para outra cidade - Santana do Boqueirão. O incidente com Maria do Carmo põe fim a todos seus sonhos e, a partir daí, sua vida entrará num processo de aviltamento e degradação, enquanto se afasta de sua região de origem.

Na nova cidade, obtém emprego e proteção, mas deve mudar de ofício, incorporar-se ao bando de jagunços, que o salvam dos assassinos contratados pelos parentes do Sr. Tonho Inácio e que o vinham caçando por toda parte. Esses mesmos assassinos já haviam matado seu Valico e o Adamastor, um antigo companheiro, que fora obrigado, sob tortura, a delatar-lhes o destino de Arimatéia.

O novo patrão, Seu Américo Barbosa, é o grande chefe político do município, com influência em toda a região, cujo poder ninguém ousa contestar.

A oposição se arregimentava, mas parecia que sem futuro nenhum. O que se ouvia, geral, em todas as rodas de Santana do Boqueirão, era que a situação acabaria por impor ao Município ainda mais esse Barbosa. E sem demasiado trabalho e despesa, que o Tancredinho ajudava – ativo e manhoso, e persistente: outra vez o pai. (p. 138).

Por cinco anos, Arimatéia serve com dedicação ao novo senhor, executando com eficiência todos os trabalhos para os quais era designado, sempre ruminando o ódio pela ex-noiva e o antigo patrão, até ver chegar a oportunidade de voltar ao Capão do Cedro para executar a sonhada vingança. A jornada serra acima pelo chapadão é longa, árdua e demorada, e só podia seguir depois de fechada a noite, tendo de fazer muitas paradas, até alcançar o Campanário, onde agora morava a do Carmo e onde se achava hospedado o velho fazendeiro, fazendo companhia à mulher doente.

São duas noites de reconhecimento da cidade, examinando todas as ruas e praças, planejando a retirada, antes de executar o serviço. Só após conhecer bem todas as saídas, armar um plano seguro e se preparar convenientemente para a fuga, resolve pegar o inimigo. E num lance de extrema audácia, invade a casa onde se achava hospedado o fazendeiro, rodeado de parentes e amigos, fuzilando-o sem piedade:

- Cachorro! ganiu José de Arimatéia, enquanto fazia fogo, o cotovelo apertado à cintura, os olhos acesos fitos nos olhos espantados de Seu Tonho Inácio. (p. 318).

Perpetrada a vingança, o assassino trata de se evadir depressa, que sabe que, tão logo recuperados da surpresa, os homens do inimigo vão sair à sua procura. Assim, mais uma vez, não pode pegar a ex-noiva, tendo que deixar para nova oportunidade. A histórica viagem tem tudo de trágica, pois que muitos companheiros e até o próprio patrão, Seu Américo Barbosa, haviam vaticinado que seria uma viagem sem retorno, prevendo a morte do herói pelo caminho.

- Tem um trem me contando, Seu Isé, que ‘ocê ‘tá caminhando mas é pra morte... O dono da sua vida porém não sou eu: que vá, já que ‘ocês ‘tão teimando tanto... Mas não me botem a culpa depois... (p. 254).

Mas tudo parece correr bem, sem surpresas, o inimigo não estava preparado para nenhuma reação. De uma corrida, Arimatéia alcança o alto do chapadão, passando pela casa do

companheiro, o preto Arcanjo da Barra Limpa, que, num ato de camaradagem, insiste em acompanhá-lo por um pedaço mais perigoso do caminho, até a Curva das Três Cruzes. Arimatéia se comove com tanta atenção do amigo:

Negro leal. E assim doente, precisado mas era de remédio e de sossego... Fazer viagem tão penosa... E aflito, toda hora se levantando, enquanto ele, José de Arimatéia, engolia correndo a comidinha feita às pressas por Siá Tuta. O Arcanjo não parava quieto, indo lá fora a todo instante, incomodado, atento à vigiância e desconfios da cachorradinha. (p. 367).

Não sabe que detrás desse gesto de amizade há uma intenção cruel, que ele será entregue ao inimigo e que a traição fora condição imposta pelo cabo da captura para não judiar de Siá Tuta, a mulher de seu Arcanjo.

Confiante, ao entrar em terrenos do Coronel Americão, acreditando ter passado todo o perigo, Arimatéia lamenta apenas não ter podido acabar de vez com toda a história, matando também a Maria do Carmo. Tudo por causa da afobação de um camarada, o tal de Seu Carício, que lhe haviam designado como companheiro, mas ainda assim parece contente com o resultado da missão.

A emboscada preparada pelo Arcanjo é na descida das Três Cruzes, onde sabia que Arimatéia sempre apeava para rezar pelas almas dos mortos. Escondidos no mato, os soldados em posição de atirar aguardaram a chegada do jagunço, que descesse para começar as orações, para então acertar-lhe muitos tiros na cabeça e matar igualmente Camurça. Só então Seu Arcanjo toma consciência da inutilidade de seu gesto, com o que esperava escapar à sanha da Volante, pois ele e Seu Clodulfo, principal idealizador da traição, também são mortos pelos soldados.

A ação das milícias comandadas pelo Capitão Eucaristo Rosa pertence a outra parte do romance, denominada Santana do Boqueirão.

Havendo chegado de surpresa, o capitão tomara de assalto o município, fechando-lhe todas as saídas, encurralando os coronéis e jagunços. Apenas o filho de seu Americão Barbosa conseguira escapar, viajando para a Capital, a pretexto de levar a esposa grávida a consultar.

Em frente ao Fórum, o Destacamento: catorze cavalos ao todo – contou Quincota - quartudos, castanhões, espalhados pelos postes-de-luz da Praça, e pelas palmeiras e magnólias do jardim. No paralelepípedo do calçamento, os mosquetões desencapados, o aço reluzente de óleo – porçãozinha de tripés armados mira com mira, parecidos com mariquitas de cozinha, dessas de fazer comida em comitiva. Cuidando das montarias – escovando pêlo, afrouxando barrigueiras, acertando estribos – os cavalarianos: talabarte apertado, cinturão com máuser, sabre-curto e cantil. (p. 140).

Ninguém ignorava a fama do Capitão Eucaristo, que todo o mundo tinha notícia de sua ação nos municípios vizinhos por onde havia passado. O oficial vivia solitário, hospedado por conta do Estado, freqüentando os locais mais populares, mas apenas como observador, sem aceitar relações com ninguém da cidade. E só conversava com o ordenança, um sargento que o acompanhava a todos os lugares e lhe obedecia de olhos fechados. E o capitão estava ansioso para começar imediatamente a mostrar a força de sua guarnição, insatisfeito de ter que esperar pelas ordens do juiz. Ao receber o telegrama com a notícia da morte de outro chefe político da região, trabalho feito por conhecido jagunço de Santana do Boqueirão, o policial decide não aguardar mais pelo juiz. Para começar a exibir sua força, manda prender o idiota do Quincota, que o seguia tentando fazer amizade, para exemplá-lo em praça pública, pondo-o sentado no gelo, junto a um poste. Uma pequena amostra de seus métodos de ação.

Por algum tempo, porém, o juiz continua a manter o controle da situação, impedindo que o capitão leve avante sua ação. O doutor Damasceno, novo na comarca, que recém chegara do Campanário, onde havia conhecido e se tornara amante da Maria do Carmo, era um fariseu que condenava as bebidas, mas não dispensava seus goles à noite; que exprobrava severamente a prostituição, mas queria tranqüilidade para desfrutar os carinhos da amante; não perdia um dia de missa e comunhão, mas queria liquidar com Arimatéia e seus amigos, para continuar vivendo com a mulher que fora sua noiva.

Sim. A coisa finalmente terminava. Lá estava, encurralado em seu palacete, o coronelão analfabeto e presunçoso, o tiranete do lugar. Juntamente com ele, os outros gaudões de Santana: a cavalgadura do Coronel Calixtrato a exibir o estúpido bengalão encarocado e a perna da ceroula amarrada junto ao botinão de elástico... (p. 340).

Os chefes do município estão perto do pânico, prevendo a inevitável tragédia. Apenas Seu Clodulfo, principal conselheiro e eminência parda do Coronel Américo Barbosa, ainda tem palavras de alento para acalmá-los e dar-lhes um pouco de esperança:

Não dar mostras de ofendido, nem tocar chocalho antes da hora, que nem cascavel. O senhor foi quem me ensinou: cobra mortal, mas barulhenta, bateadeira de caixa; por isso é que, as mais das vezes, ela própria avisa, alerta quem passa por perto... A gente escapa então, e quem acaba morrendo é ela... (p. 159).

Com o correr do tempo, fica cada vez mais difícil para o juiz impedir o furioso oficial de iniciar sua missão, prendendo ou abatendo os jagunços e detendo os coronéis. Um telegrama do Secretário, chamando-o à capital, é a senha para que o Capitão Eucaristo Rosa comece a agir.

Atraindo os chefões ao fórum para uma reunião, o Capitão os leva, um a um, à sala de audiência do juiz, onde são abatidos como reses, a machadinha. Somente o antigo chefe de polícia, Seu Valério Garcia, que se atrasara para tratar da venda de alguns produtos da fazenda, consegue escapar.

2.2.3 – Discussão e análise

2.2.3.a – A estrutura

A construção de *Chapadão do Bugre* é feita por quadros, ou partes distintas, interligadas pela ação do personagem José de Arimatéia, que atua nas três partes, denominadas “Cavaleiro e montada”, “Mata dos Mineiros” e “Santana do Boqueirão”.

A estrutura de Chapadão permite a ação simultânea. O romance se abre com Arimatéia, um fora da lei, a caminho de sua derradeira vingança. As cenas em que aparecem o cavaleiro e sua montada entremeiam a linha episódica conseqüente – e a impressão que fica é a de um mundo a ampliar-se, abarcado num só olhar. (Pólvora, 1970).

A abertura da obra é feita com a seqüência denominada “Cavaleiro e montada”, que se dedica à história de José de Arimatéia e Camurça, no tempo da narrativa, a viajar através do chapadão, de volta a Sobradinho, para a execução do inimigo Tonho Inácio e da ex-noiva, Maria do Carmo. A seqüência ocupa os capítulos 1º, 27º a 35º e 41º a 42º.

Os capítulos 2º a 16º constituem a parte denominada a “Mata dos Mineiros”, servindo para fazer a colocação espacial da história, onde são focalizados especialmente o espaço do romance, descrevendo a geografia da região, o povo que o habita, sua história e seus costumes.

Finalmente, a parte denominada “Santana do Boqueirão”, formada pelos capítulos 17º a 26º e 36º a 40º, quando é narrada a história da cidade de Santana do Boqueirão, o domínio da política exercido pelos coronéis, especialmente da família Barbosa, a formação do grupo de jagunços, fato perfeitamente inserido dentro da realidade do sertão, e a chegada e a ação dos soldados da Captura e o desbaratamento da quadrilha.

2.2.3.b – A colocação espacial

Diferentemente de muitos dos romances regionalistas, a paisagem em *Chapadão do Bugre* não oferece a alegria nem a cor como fundo dos quadros descritos. O drama exige um cenário triste e hostil, para pessoas agressivas e solitárias. Aliás, uma das principais características do romance é a ausência de luz, de cor e de comunicação, mostrando a coerência do autor.

O solo é pedregoso, cheio de atalhos alcoviteiros, de serras íngremes, onde o mau tempo agride as pessoas e os animais; o massapé carquento se transforma em feio lamaçal; o vento seco a “ressoprar tirano” queimando a face dos habitantes; o clima inconstante e imprevisível; tudo se juntando para constituir o quadro triste onde ocorrerão as ações dos homens, que se cruzam, se odeiam e se matam sem piedade.

As noites são sempre escuras, sem lua e de poucas estrelas, dentro das quais cavaleiro e montada assumem aspectos de coisas fantásticas, trazendo, nas horas velhas de calada monotonia, a moldura para o quadro triste da fuga necessária de Arimatéia, um personagem sem saudades nem esperanças.

2.2.3.c – Tratamento do tempo

A narrativa é feita no tempo pretérito - imperfeito, por narrador onisciente, com referências ao passado, que não é descrito. Embora conhecidos os acontecimentos históricos que deram origem ao romance (a história se refere à chacina dos coronéis, ocorrida na cidade de Passos, Minas Gerais, em 1909), o autor evita qualquer referência aos fatos reais, como que a fugir do julgamento de valor: “...era Presidente do Estado, na ocasião, o Dr. Figueiredo de Mendonça...” (p. 194). Segundo o jornalista Jorge Faria (Diário da Tarde, de B. Horizonte, 22/04/68, p. 17) porém:

Os acontecimentos tiveram, na época, enorme repercussão política e o então Presidente do Estado, Wenceslau Braz, foi injustamente acusado de ter permitido o extermínio de seus inimigos políticos de Passos. A identificação dos personagens não é difícil. O coronel Américo Barbosa, chefe político do município, seria o coronel José Medeiros, realmente morto a tiros por soldados da PM. O “capitão Eucaristo Rosa” seria o já falecido coronel Isidoro Correia Lia, na época alferes Isidoro. Clodulfo do Nascimento, o guarda-livros do romance, encarregado da organização do Sindicato do Crime, outro não seria que Juca Miranda, causador de toda a tragédia que arrasou o prestígio dos Medeiros em Passos, então um enorme município e de grande importância eleitoral.

Duas linhas, denominadas “O cavaleiro e a montada” e “Santana do Boqueirão” se desenrolam simultaneamente. Na primeira série, conta-se a história de Arimatéia, que viaja solitário pelo chapadão, a caminho de Sobradinho para cobrar vingança do grande inimigo Coronel Tonho Inácio pela morte do padrinho Valico e do amigo Adamastor. Sozinho, no silêncio da noite fria, Arimatéia vai recordando a própria história, desde sua origem desconhecida, passando pela infância sob os cuidados de dois carapinas, pelo trabalho na fazenda Curral do Esteio, até a preparação para o exercício da profissão de dentista prático.

Assim é que, para ele, seu princípio de vida menos infeliz, mais de gente, começava a contar daquela época de empregado da fazenda de Seu Valico. (p. 23).

Ao receber autorização de seu Valico, Arimatéia vai embora, tentando ganhar a vida como dentista prático, mas a idéia de passar a vida mudando de pouso não o seduz, seu sonho é se estabelecer em alguma fazenda, com muitos clientes e amigos. E consegue no Capão do Cedro, com a proteção do fazendeiro, Sr. Tonho Inácio, uma clientela garantida, inclusive Maria do Carmo, por quem se apaixona.

O mesmo aroma que recendia dos vestidinhos de Maria do Carmo, desde quando, ainda no gabinete do dentista, lá na casa de Seu Osorião Feitor, ela aprendia a largar de ser menina e a encorpar de moça, mulher. (pp. 278-279).

Ficam noivos e o casamento chega a ser anunciado, despertando-lhe muitos sonhos:

Casava com Maria do Carmo, punha fim naquela vida de judeu-errante, sem futuro - hoje aqui, amanhã sabe Deus aonde – acabava de vez com tal desassossego. (p. 22).

Mas tudo deu errado, que nada pôde ser realizado, seu destino era outro: “E, da noite para o dia, de instantâneo, aquele mau-sucesso, a vida demudada por completo...” (p. 10).

E, em sua cabeça, acende-se a fogueira de ódio, cresce o desejo de vingança, ao recordar os acontecimentos daquela noite, a noite mais trágica de sua vida.

Ninguém esperava tanta chuva, os rios todos transbordaram, as estradas se transformaram em um lamaçal só, nem pôde chegar à casa de seu Valico, que ia convidar para padrinho da cerimônia, tendo de voltar da beira do rio, para encontrar a noiva com o filho do patrão. E, no desatino do momento, acabou cometendo o crime para lavar a honra, tendo de fugir apressado, depois, até sem tempo de poder pegar a causadora de toda sua desgraça: ”Maria do Carmo que ficasse, que esperasse... um dia ele havia de voltar.” (p. 49).

Foi uma viagem longa, através de todo o chapadão, para ir para bem longe, se esconder em outra cidade, em Santana do Boqueirão, onde pretendia recomeçar a vida, retomar o destino, sob as ordens e a proteção de seu Américo Barbosa.

Cinco anos, quase cinco anos já passados! (p. 9).

Hoje, tudo tão diferente! (p. 10).

Ao curso da viagem, encontra apenas velhos camaradas de jagunçagem, com quem se hospeda e conversa sobre o passado, antes de seguir seu destino irreversível. No Sobradinho, não demora mais do que o tempo de fazer o reconhecimento da cidade e executar a missão, tendo de sair apressado, sem outra vez poder pegar a ex-noiva. Na volta, é traído por um companheiro e morto pelos soldados da captura, que o aguardavam de emboscada.

A segunda linha da história não evolui espacialmente. Conta a história da família do coronel Américo Barbosa, seu poder sobre a cidade, até a chegada do novo juiz de direito, dr. Damasceno Soares, e depois da Captura, comandada pelo Capitão Eucaristo Rosa. A perseguição implacável efetuada pelo capitão aos criminosos, a prisão e morte de muitos jagunços e, depois, a execução dos coronéis.

O narrador alterna o tempo da narrativa

...acabaria ficando a par de tudo, mais hoje mais amanhã.. (p. 6),

E tão claras, que era como se estivesse vivendo de novo na Fazenda do Capão do Cedro, trotejando como antigamente... (p. 9),

- Talvez que não soubessem ainda, lá na Capital, que a coisa já havia começado... ou esperassem pelo Juiz de Direito... a reunião de segunda-feira... (p. 326),

com o tempo da narração

O episódio da barricada, esse por ora o povo ignorava. (p. 219),

Muitos, muitos anos depois, e Seu Valério Garcia ainda contava, para quem quisesse ouvir, como escapara à chacina de catorze de maio, em Santana do Boqueirão... (...) E também mostrava, para quem quisesse ver, o relógio-de-argibeira – um patacão de ouro, pateque, redondão e grosso – com a bala de carabina, de chumbo, encravada bem no centro... (p. 357),

Fosse em outros tempos, talvez que não entregasse o amigo. Agora, porém, sem ânimo para fugir, quanto mais para enfrentar soldado... (p. 369),

jogando também com a ficção

Numa tarde de domingo – isso mais de um ano já que vivia José de Arimatéia no Capão do Cedro... (p. 14),

Veza em quando, muitos anos depois desse tempo, José de Arimatéia topava com um daqueles carros, conhecia. (p. 18),

e com a realidade

Parentes, amigos e admiradores do Coronel Américo Barbosa, chefe político de Santana do Boqueirão – Seu Americão, como o chamavam – alguns vivos ainda, avançados de idade mas de conservada memória... (pp. 194-195),

Por essa lembrada época, apareceu em Santana do Boqueirão... (p. 195),

Naquele mês era pequeno o movimento ali no Bugre. (p. 302).

O tempo flui de forma irregular - anos, meses, dias, horas, conforme a tensão criada pelo narrador. As referências precisas encontradas atendem apenas à necessidade de organização da narrativa, não servindo como ponto de esclarecimento real:

Onze horas, quando se deu o intervalo. (p. 126).

Quando - isso, ali pelas dez, dez e pouco da manhã - o Dr. Tancredo Barbosa... (p. 142 - notar a simultaneidade com outros fatos).

Nove horas, o último dobrado da banda-de-música no coreto, o magotezinho de gente – coisa reduzida – principiando a deixar o Largo das Mercês, escoando-se pelas ruas vizinhas. Quando a banda parou, foi que se pôde ouvir direito o batuque, a cantoria. Festão ia ser aquele treze-de-maio em Santana do Boqueirão! (p. 230).

2.2.3.d – Linguagem literária versus regionalismos

Como em seu primeiro romance, também em *Chapadão do Bugre* Palmério trabalha com a linguagem literária enriquecida de regionalismos, que dão autenticidade à obra. Os personagens falam e se comunicam usando expressões de seu dia-a-dia, a terminologia própria do sertão mineiro, referindo a coisas de seu meio. Isso, porém, não leva o autor a fazer

concessões à gramática ou a permitir solecismos. Frequentemente, a linguagem usada pelos personagens chega a parecer feita em outro dialeto, como ocorre no início do capítulo 8:

...Seu Persilva minuciava a história: - ...o mais pior foi a chuvarada: mal-mal selamos os burros, em-antes ainda de pegar o corredor, o pé-d'aguão apertou. Já tinha chovido muito de véspera, e a estrada virou num pantanal. A coisa estrangolava por completo: rasto, que era bom, bau-bau... (p. 57).

Nota-se, também, entre as expressões e termos regionais, a sobrevivência de arcaísmos, tanto vocabulares como sintáticos, o que reflete, naturalmente, o conservadorismo da fala rural, embora - isto é importante - a colocação dos pronomes átonos, na fala dos personagens, se distancie bastante das normas clássicas, para seguir o uso coloquial.

- Se atira para adonde, nessas horas? (p. 6).
- O velho, hoje, me gavou muito o senhor. (p. 14).
- Lhe chamamos hoje aqui, Seu José de Arimatéia, para um assunto reservado. (p. 19).
- Lhe espero aqui fora, Seu Persilva. (p. 78).
- Me indicaram um rapaz dum cartório: um tal Telésfro. (p. 182).
- Ora, doutor, lhe dou a minha palavra. (p. 191).
- Me acompanhe! - ríspido, feio, o Sargento Hermenegildo ordenou. (p. 355).

Refletindo sobre o assunto, Amadeu Amaral (*O dialeto caipira*) afirma que:

O caipira genuíno vive hoje, com pouca diferença, como vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéias. Daí o conservar teimosamente tantos arcaísmos - e também tantos termos especiais que, vivos embora no português europeu, são às vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, tais como cheda, tamoeiro, cambota, náfego, etc. Daí, também, não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou idéias abstratas que não atinge. (p. 63).

O estilo de Palmério é forte, marcante, com riqueza de imagens. Suas histórias são bem localizadas no tempo e no espaço, e as descrições precisas, fazendo com que o leitor veja claramente os quadros que descreve. Profundo conhecedor do falar do povo, isto é, do povo de seu cantão, sabe usar com precisão e elegância as expressões regionais, o que lhe confere originalidade.

Muitos vocábulos desafiam os conhecimentos do leitor alheio aos hábitos do sertão, mas se ajustam tão perfeitamente ao texto que facilmente se depreende o significado.

Treme-soprava: Viajinha danada de fora de horas... (p. 5).

...colocados já de indústria ali na balsa pelo Seu Americão. (p. 6).

Despropósito de trago, que teve de ressoprar, num estrebuchão de beiços, o fogo da bebida. (p. 7).

..mas em certas horas falava muito, minuciava; (p. 8).

Por conta de que patrão viageia agora? (p. 8).

Os ouvidos ouviriam um pimpingar, um vaporar que fosse de orvalho. (p. 42).

...esvaziava para ele o sortido balaio das notícias – o visto e o escutado, o inventado e o sucedido de-deveras. (p. 71).

Até que se dessopitou:... (p. 103).

E lá se foi de novo a Sabina velha, manquitando, manquitando, aguada sem mais préstimo. (p. 251).

- Pois é... Ele ficou engasthado na cerca de pau-em-pé, entalado, e nós, no escuro, não via' direito... A gente atirava e o bicho não caía... (p. 326).

...se admirava de poder ouvir, lá da torre sumida na neblina, o respirar rilhento do relógio da Matriz. (p. 350).

Alguns dos vocábulos e expressões utilizadas por Palmério estão catalogadas por Amadeu Amaral (*O dialeto caipira*), sendo interessante o cotejo:

Fogo de sabuco esquenta de vereda... (CB, p. 5).
De vereda: sem interrupção, de uma vez. (DC, p. 192).

Só me viaje escoteiro (CB, p. 7) –
Escoteiro: o que viaja sem bagagem. (DC, p. 57).
Ver também Affonso Arinos, *Os jagunços*.

Um dia repontavam, boiada trás boiada, ror de gado atropelado pelas marchas de muitos meses... (CB, p. 7) –
Repontar: Cercar pela frente e fazer voltar (o gado). (DC, p. 175).

... os peões do Sassafrás costumavam se arranchar. (CB, p. 6).
- Arranchar: armar barraca, ou “rancho”; estabelecer-se provisoriamente. (DC, p. 91).

Outras vezes, as palavras são usadas com uma conotação nova, ou é a regência que é diferente, mas completando perfeitamente o pensamento.

- Quer soprar também um pouco no berrante, hem João? (p. 6).

Mas os dois velhos se conformavam: bastantinha criação no terreiro, a lavourinha do gasto bem ali no fresco do barranco... (p. 7).

Mais tarde, quem sabe, até um sitiozinho ia de poder comprar, ali na Mata... (p. 26).

Mandou que o cujinho entrasse... (p. 53).

Meu coração ‘tá me contando que Seu Isé agiu como precisava, regeu pela vergonha, puniu pela homenagem... (p. 60).

E ter de estar se explicando, pedir contemplação... (p. 75).

E se carecer de reunir eles, meio de repente? (p. 165).

E casa pertinha do Fórum, logo ali no Beco do Cotovelo... (p. 185).

Também chama a atenção na obra de Palmério o uso dos adjetivos, que é feito com moderação, ajustado às circunstâncias e sempre para valorizar o pensamento que deseja exprimir:

E haveria de seguir assim, rendosa, conhecedora que era do meio... (p. 5).

Descalço, encolhido num resto de poncho campanheiro, João da Preta apareceu. (p. 5).

O rio já amanhecia com os barrancos esbranquiçados de orvalho, a água vagarosa e fumacenta - certos sinais de geada lá pela lua de junho. (p. 7).

Foi rodando, foi rodando, descansadona e bandoleira, até que se sumisse no enfumaçado da neblina. (p. 9).

Naquele passo desjeitoso pelo atoleiro em que virara a estrada... p. 36).

Enfiara-se mesmo pelo mandiocal afora, a desbriada... (p. 44).

Os verbos são outra classe de palavras que merece a atenção de Palmério, que às vezes lhes muda a conotação, às vezes a regência, às vezes usa neologismos e outras usa arcaísmos.

Mal salvou e foi dizendo... (por saudar, cumprimentar - p. 5).

...apanhou o guampo no prego da parede e chocalhou-o. (por balançar- p. 6).

Despropósito de trago, que teve de ressopar. (p. 7).

O patrão devia de saber porque regia assim o mandado. (p. 8).

...a besta douradilha logo atrás - essa a mesquinhar orelhas... (desconfiada - p. 9).

José de Arimatéia logo astuciou. (p. 14).

Todos gavavam, mas a mulher, de pouco falar... (elogiar - pp. 19-20).

Já lá envinha a maldita rima a fazer o Juiz confundi-lo com o Dr. Ataulfo, o maior inimigo do Presidente do Estado! (por vinha - p. 188).

Nota-se, também, no *Chapadão do Bugre*, o uso do diminutivo para mostrar afetividade ou ironia:

Viajinha danada de fora de horas. (ironia: viagem dura, difícil, aborrecida - p. 5).

Era na meiagüinha do porto que os peões do Sassafrás costumavam se arrancar. (afetividade, esperança de calor e repouso. - p. 6).

Camurça, adomadinha de pouco, mas já apreciada e cobiçada. (afetividade p. 9).

E ele, José de Arimatéia, menininho de tudo ainda, mas já agarrado no serviço. (afetividade - p. 17).

De outra parte, suas metáforas são vivas e justas, evocando a impressão que se propõe para caracterizar as cenas descritas ou narradas. E é por todos conhecida a importância da metáfora na composição deste romance pois

Mesmo as metáforas mais ingênuas são constituídas com detritos de outras metáforas, língua que fala por si só, e os limites entre os primeiros e os últimos tropos são extremamente tênues, não são matéria de semântica, mas de pragmática da interpretação. Em todo o caso, por muito tempo pensou-se que, para entender as metáforas fosse necessário conhecer o código (ou a enciclopédia): a verdade é que a metáfora é o instrumento que permite entender melhor o código (ou a enciclopédia). (Eco, 1984, p. 193).

E Palmério explora a metáfora, levando o leitor a conhecer o código, a tomar parte do mundo encantado do chapadão:

Se no porto o tempo andava assim tirano, quanto mais depois de escalado o espigão - a ventania a galopar, solta de tudo, pelos ermos da chapada. (p. 7).

A serra se empinava, começava a apertar o mau-tempo, e José de Arimatéia teve de abaixar mais ainda por sobre os olhos a aba do chapéu para protegê-los das unhas geladas da ventania. (p. 10).

...e o cheiro murcho de coisa velha... (p. 17).

No arruado da colônia, as casinhas brancas, barradas de vivo azul, eram como que comprida fieira de roupa de menina quarando ao céu... (p. 27).

Pelos escuros da serra, piscava, insistente, um relâmpago; remoto, um trovão rosnava. Ainda longes, mas certos avisos de mais e muito chuva. (p. 50).

...esvaziava para ele o sortido balaio das notícias – o visto e o escutado, o inventado e o sucedido de-deveras. (p. 71).

Cianim, nas últimas, destampa num chorinho minguado, tal-e-qual pintinho de perdiz esquecido no chuvisco. (p. 251).

Tudo, tudo silencioso como em-antes. Só o mormaço a espreguiçar-se vagarento, e os mudos, os malditos ferrões de fogo das mutucas do Chapadão. (p. 262).

Já madurava a manhã, mas José de Arimatéia não conseguia dormir. (p. 278).

Lá ao longe, a tira escura, onde brilhava a unhazinha à-toa de lua e as estrelas se afundavam, era o vazio, o fim do chapadão, o esquisito pedregoso por dentro da mataria. (p. 370).

Com relação à coloquialidade, vale notar ainda o uso de certas expressões por Palmério, como o da conjunção *mas*, com significação bem diferente:

Diabo ia ser *mas* era nas outras noites, quando ganhasse o chapadão - calculava. (Situação muito pior ia ser nas outras noites... p. 10).

...gostava *mas* era de prestar atenção na paciência e leveza de mão de Seu Custodinho... (gostava mais era de prestar atenção... p. 24).

Pelo visto, a do-Carmo andava *mas* era já de esperança... (o que a do Carmo tinha era esperança... p. 40).

O fogão-de-forno com as beiradas forradas de folhas de lata, areadas ver um espelho; (p. 276).

E, com igual finalidade, a duplicação da negativa, que Amadeu Amaral afirma ter sido vulgar na sintaxe portuguesa quinhentista e hoje desusada na língua popular de Portugal, e na língua culta tanto lá como cá, é obrigatório no falar caipira:

A senhora pode crer que eu não ando empachando a moça não, Dona Dosalina. (p. 20).

E não era nada feia não, a diabinha da do-Carmo. (p. 28).

Mas não aconteceu nada não. (p. 34).

E mais, nas comparações usa o a forma popular, com expressões bem familiares:

...e gostava de obrigar o camarada a repetir depois, feito menino de escola, as explicações que recebia... (como menino de escola. p. 8).

Animal de gênio que nem Camurça, ele declarou, só peão de muita queda e calejo para desenqueixar assim no primeiro arranco. (que nem = como a Camurça. p. 14).

O quintal, que nem havia aprendido de uma conversa de Seu Valico Ribeiro... (da mesma forma como - p. 26).

Outro cuidado do autor é com o ritmo - não fosse ele um compositor admirado, mostrando saber jogar com os efeitos dos sons para colorir a linguagem, sem sacrificar a harmonia, o vigor ou a clareza. As impressões que procura produzir são vividas e sentidas, passando ao leitor as sensações experimentadas na realidade, de fatos que o marcaram, e por isso ficaram gravados em sua memória.

Refletindo a crueldade da tragédia, a natureza participa apenas pelo aspecto funcional, nunca pelo decorativo, as paisagens são poucas e sempre tristes, a vegetação pobre e hostil, a terra é roxa, o tempo desagradável, o vento tirano, tudo agredindo as personagens.

Quanto à técnica, é, às vezes, expressionista, quando traduz, esteticamente, as sensações captadas no mundo real ou imaginário e reconstruídas e traduzidas, tal qual se apresentam; e ora impressionista, ao invocar as sensações percebidas sem, entretanto, analisá-las nem investigá-las, com relação aos estímulos, se reais ou ilusórios, retendo simplesmente a impressão, tal qual ela é pressentida (Nota 1). Esta variedade de processos, longe de representar uma insegurança do autor, deve ser creditada à sua capacidade de usar todos os recursos para aprimorar sua literatura, oferecendo um produto de qualidade aos leitores.

Sobre o assunto, vale lembrar as palavras da professora Neli Alves de Almeida:

Considerando o aspecto lingüístico, grande é o valor do romance: revivências arcaicas, aliadas a valores sinestésicos e a forças semânticas, unificam-se em

amalgamento sólido, oferecendo campo vasto para estudo emocionante. (Almeida, 1985, p. 310).

2.2.3.e – A construção dos personagens

Para a análise dos personagens, procurou-se levantar-lhes o tipo físico, humano e o psicológico, e sua história de vida, para melhor compreensão de seu comportamento, de seu caráter e de sua reação às situações de que participaram. Há, além disso, o verniz aplicado pelo autor, que induz o leitor, fazendo-o gostar ou odiar determinados elementos, cuja ação em muito pouco se diferem, como é o caso de José de Arimatéia, o herói da história, e do Zito do Adão, um assassino covarde. Ambos jagunços, ambos matadores profissionais, que agem covardemente de emboscada, matando pessoas muitas vezes inocentes. Mas, enquanto no Zito do Adão só se vê a covardia, a traição e a ambição por dinheiro, em Arimatéia, o leitor participa de suas tristezas e angústias, partilha de seu sofrimento e admira sua valentia, sua coragem e sua personalidade forte.

I. José de Arimatéia

Figura central, o protagonista, é quem garante a unidade do romance. Surgido do nada, pois sequer sabe quem foram seus pais ou onde foi que nasceu, mas apenas que foi criado por dois velhos carpinteiros cheios de deficiências, que mal conversavam e nada lhe podiam ensinar. E as coisas ficam ainda piores com a morte do chefe, que o outro não quis tomar sozinho a responsabilidade e desapareceu, deixando o menino perdido no mundo.

Depois que Seu Joaquinção morreu, começara outra vida: candeeiro, boieiro de lavoura, capinador de enxada. Largado hoje aqui, largado ali amanhã, corrido a mor parte das vezes da maldade dos mais grandes. (pp. 18-19).

Somente obtive algum amparo e amizade na fazenda Curral do Esteio, de seu Valico Ribeiro, que o acolheu de coração, tomou a si a responsabilidade de criá-lo e de lhe dar alguma educação.

Não tem descrição física – sabe-se apenas que é moço novo e bem afigurado - e seus princípios morais são os que adquiriu ao curso da vida, especialmente ao longo dos anos passados na fazenda de Seu Valico.

...a regra principal para quem desejava prosperar na vida e merecer a estima alheia – Seu Valico sempre repetia – era obediência ao patrão e respeito. “ - Destino de vaca maninha é cutelo” - explicava; (p. 23).

Foi na fazenda de seu Valico que aprendeu a profissão de dentista, com Seu Custodinho Dentista, pessoa estudada e maneirosa, que ainda, a pedido do fazendeiro, lhe deu um bom repasse de cartilha e escrita, nas horas de folga, depois da janta.

- Gosto daquele menino, ‘ocê sabe, Seu Eulálio. Cresceu aqui, virou gente comigo, nunca me deu um desgosto... nunca respondeu de maus modos – bem-mandado, obediente, reconhecedor de favor e benefício. Depois, ‘cê vê: vinha me convidar mais a Domingas para apadrinhar o casamento dele... prova de que não é nenhum mal-agradecido; (p. 60).

E assim, pronto para enfrentar a vida, saiu para o mundo, indo aportar em outra fazenda, o Capão do Cedro, onde, moço apresentável e de bons modos, soube grangear a estima do patrão e dos empregados, prosperando no serviço e ganhando o respeito de todos. E é exatamente nessa fazenda que conquista a Camurça, fiel até na morte, e a Maria do Carmo, que traiu com o filho do patrão, causando-lhe todas as desgraças que haverá de sofrer. E que começam pela fuga desesperada, chapadão acima, indo parar em Santana do Boqueirão, onde, sem emprego, sem poder exercer a profissão, e contando apenas com a amizade do Clodulfo, acaba se transformando em jagunço, matador profissional, a serviço do Coronel Americão, o que haverá de lhe causar a morte.

Seu código de honra, o heroísmo, todas as suas aspirações mais caras são resultantes da falta de perspectivas na vida, da constante fuga do passado, da ausência de valores partilhados com o resto da sociedade, de uma consciência distorcida sem conhecimento da verdadeira liberdade. Arimatéia, desde as mais remotas origens, traz na alma seu trágico destino, a propensão à obediência cega, ao respeito à palavra do superior, à falta de diálogo, de

comunicação, ao silêncio, criado que foi por dois velhos que quase não falavam: um surdo e outro gago. Uma marca importante de Arimatéia é a fidelidade a seus patrões e aos amigos e companheiros, apesar da seqüência de traições sofridas, desde o nascimento, quando foi abandonado pelos pais; depois pelo ajudante de carapina que o criava; por Maria do Carmo; pelo Clodulfo e pelo Arcanjo da Barra Limpa, que insiste em acompanhá-lo por um pedaço mais perigoso da estrada, exatamente para entregá-lo aos soldados que vieram matá-lo. Outra faceta de seu destino é que todos seus patrões morrem assassinados e justamente na ordem em que os conheceu: Seu Valico, abatido pelos jagunços, no circo; Seu Tonho Inácio, morto por ele mesmo, Arimatéia, em Sobradinho; e Seu Americão, abatido como uma rês, pelos soldados do Capitão Eucaristo da Rosa, no fórum de Santana.

E, tal como Xixi Piriá, o surpreendente mascate de *Vila dos Confins*, José de Arimatéia é o anti-herói, que se agiganta em momento de decisão, realizando as mais destacadas proezas. Mas, diferentemente de Xixi, Arimatéia amou abertamente, e se desiludiu ante a traição da mulher amada.

II. Maria do Carmo

Principal figura feminina, a do Carmo é marcada pela volubilidade e a traição.

Como o noivo, a do Carmo também evolui ao curso da história, passando de menina boba e feiosa, para moça bonita e mulher fatal, até conquistar o coração do juiz de direito, doutor Damasceno.

Merece todo o carinho do narrador, que a descreve com amor, sendo das poucas personagens que sobrevivem em toda a obra.

Tão limpinha, tão cuidada, tão vistosa! No primeiro dia em que fora ao gabinete, ela mais Siá Gorgota, dava até pena ver o desmazelo: as unhas pretas e roídas, o ouvido entupido de cera, o pescoço encoscorado de sujeira... (pp. 27-28).

Ao ser flagrada em traição, fugiu desesperada: “Enfiara-se mesmo pelo mandiocal afora, a desbriada – José de Arimatéia logo descobriu...” (p. 44). E, depois de tomar consciência da

hora, do perigo de ser apanhado pelos empregados de Seu Tonho Inácio, Arimatéia vai embora, mas jurando voltar um dia para executá-la, concluindo a vingança.

III. Camurça

Única amizade verdadeira com que José de Arimatéia pôde contar, até na hora da morte. Está presente em todos os momentos alegres e amargos de sua vida, levando-o a toda parte, cheia de terna amizade, sofrendo com ele as agruras da viagem na escuridão da noite, sob o açoite do vento e a frialdade das chuvas. Como a linguagem do amo, a de Camurça também é restrita, que se entendem melhor sem palavras.

Passou por tudo, sofreu tudo, sem nunca ter qualquer sentimento de rancor pelo seu dono (Nota 2), que sabia orgulhava-se dela.

Camurça fizera mesmo um bonitão, ali no curral-de-grama da fazenda, na hora de receber, pela primeira vez, arreo e cavaleiro. Valente que só ela, se entregara mas somente quando a espuma da boca virava em sangue, e a pobre não podia mais parar em pé de tão estrompada. Não mostrara a raça apenas em fortaleza e valentia, mas no jeito de picar as mãos e balancear a marcha, no aprumo do pescoço e na soberba da cabeça, também. (p. 15).

IV. Juiz Damasceno Soares

Nomeado para a comarca de Santana do Boqueirão, fazia questão de se mostrar exigente e neurastênico, sempre inclinado a condenar todo o mundo, obcecado pela idéia fixa de moralizar a cidade, embora, fora do cargo, não passasse de um homem até que de certo trato, não muito difícil de se lidar com ele. Religioso até a beatice, comungava todos os dias, acompanhava todas as procissões, mas falso que nem um judas, pronto a trair todos os amigos.

- O Dr. Damasceno gostava que o vissem assim no desconforto, mal-acomodado – a cama de solteiro, os ternos de sair poucos e à vista nos cabides das paredes, a mala de roupa-de-dentro a um canto, o baú; e os livros – muito livro e papel esparramados por toda parte. (p. 184).

Sua principal preocupação era se livrar de José de Arimatéia, para poder ficar com a Maria do Carmo, que sabia ter sido noiva do jagunço. E foi este exatamente o motivo de

solicitar ao governo do estado a ajuda das forças militares para a cidade, do que decorreu toda a tragédia.

V. Capitão Eucaristo Rosa

Figura recorrente nas obras de Palmério, o comandante do batalhão da captura tem tratamento especial. É forte, veste-se com algum cuidado, procura conhecer a vida das cidades por onde passa, mas mostra uma educação social deficiente.

O Capitão Eucaristo, sem dispensar o palito, chupava o dente, repuxado de boca que lhe deixava à mostra a dentadura de caranha. Quase uma braça de alto, a cinta mal podia com a carnadura maciça, de visíveis saliências. (p. 183).

Truculento, de caráter demoníaco, com uma história de violências e prepotências, moralmente, o capitão representa o conservadorismo exacerbado e certo espírito de justiça, dando combate sem tréguas ao crime. Incorruptível, não aceita favores nem a amizade de ninguém, procurando cumprir rigorosamente as ordens recebidas. Tal zelo, porém, é que o leva a cometer alguns excessos, inclusive fazendo justiça com as próprias mãos, extrapolando as funções policiais e os próprios objetivos da missão que lhe fora delegada.

VI. Seu Americão Barbosa

Principal chefe político de Santana do Boqueirão, herdeiro de uma dinastia muito antiga, que sempre deve o domínio da cidade, controlando os demais coronéis e estendendo sua influência pelos municípios vizinhos. Por sugestão de seu guarda-livros, o Clodulfo Nascimento, montara um exército de capangas e pistoleiros, cujos serviços eram locados aos companheiros de partido de toda a região.

Tantos anos de domínio em Santana do Boqueirão, a vida inteira naquela luta sem parada, desde menino a brigar ao lado do pai e dos tios, a fim de poder sustentar a posição da família e dos amigos! E , agora, a reviravolta: a ameaça do desprestígio, a perda do mando político da cidade – a derrocada.” (p. 157).

Ante as dificuldades de se sustentar no poder, após a chegada das milícias do capitão Eucaristo, Seu Americão Barbosa ainda tenta manter algum controle sobre a situação, “...mas os outros, apavorados com as nuvens penduradas sobre Santana do Boqueirão, somente se encontravam seguros – parecia - debaixo do teto do Coronel, o único dentre eles a saber impor autoridade e disciplina em horas de confusão e perigo.” (p. 169). Mas o Coronel também acaba envolvido pelo militar, que o liquida junto com outros companheiros.

VII. Seu Clodulfo Nascimento

Guarda-livros e gerente de Seu Americão Barbosa, de quem goza de irrestrita confiança. Por muitos anos administra com eficiência o grupo de matadores profissionais, implantando o terror em toda a região do Estado.

Inteligente e sorrateiro, sabe apresentar as sugestões, que serão aceitas pelo coronel, tornando-se leis, que todos haverão de obedecer.

Uma das qualidades que o Coronel Américo mais apreciava no Clodulfo era dizer o que sentia – delicado, respeitoso, mas dizendo... (p. 158).

VIII. Tonho Inácio

Descendia dos antigos da Mata, que colonizaram aquelas terras. Poderoso, exigente, mas homem de coração aberto, que fazia tudo pelos amigos, e quem andava direito com ele sempre acabava com a vida arranjada. Sabia apreciar o que era bom, gostava de luxar e se intimar, mas não permitia brincadeiras, que se fizesse pouco dele.

Embora coronel e prepotente, não mantinha - pelo menos não está exposto no enredo - jagunços ou matadores e, quando a família quis vingar a memória do filho assassinado, teve de contratar profissionais de fora. Seu grande erro foi supor que pudesse casar a afilhada, que o filho havia desonrado, com o dentista apaixonado.

IX. Seu Persilva

Encarregado das tropas da fazenda de seu Tonho Inácio, o exibido do Seu Persilva guardava despeito pelo dentista, que declarara, ao saber que o próprio iria domar a besta que

adquirira dos ciganos, não acreditar que ele, José de Arimatéia, fosse capaz de agüentar o primeiro negaciado do animal, quanto mais o rojão do que viria depois. Mas, após o sucesso de Arimatéia, tivera de se chegar, morto de sem graça.

Descobriu a trilha seguida na fuga por Arimatéia, passando a informação ao cunhado do patrão, que preparou a vingança contra seu Valico Ribeiro e o Adamastor, para obrigá-lo a contar o destino tomado pelo fugitivo.

X. Zito do Adão

Assassino profissional contratado por Seu Joãozinho, cunhado de Seu Tonho, para matar José de Arimatéia. Primeiro, assassina seu Valico Ribeiro, que teria dado proteção ao fugitivo, e depois pega o Adamastor, amigo de Arimatéia, torturando-o até a morte para obrigá-lo a confessar o destino do companheiro.

Zito do Adão levantou a garrucha – pretona, enorme, de dois canos – armou um cão, armou o outro, encostou a boca gêmea, filipe, da ferramenta às costas de Seu Valico, bem à alturinha dos rins. E puxou, de uma vezada só, os dois gatilhos. (p. 132).

Portador de um defeito físico, era “encroado daquele jeito, pequerrucho tal-qual garnisé. E rouco, a voz esquisita, meio assobiada...”

O Zito, Seu Persilva, não é filho de Adão nenhum, nem parente... O senhor não reparou no colarinho da camisa dele, sempre abotoado, alto, quase que esbarrando no queixo? Não notou a voz dele, meia apagada, esquisita? Pois aquilo foi uma facada que ele levou, um lanho feio que carregou com mais da metade do gogó, do adão dele... Eu nunca vi não, mas dizem que ainda tem o buraco. Então, foi, botaram o apelido... ficou... (p. 114).

2.2.3.f – Ponto de vista e envolvimento do narrador

Embora escrito na terceira pessoa, o narrador não consegue se manter neutro, alheio à trama que se desenrola. São freqüentes as passagens em que usa a primeira pessoa, comumente na pessoa de algum personagem.

A gente encontrava aquelas trançazinhas por toda parte: na parideira das porcas, na ceva... (p. 17).

Assunto muito lá entre os dois, reservadíssimo, deve de ter sido esse particular do Clodulfo do Nascimento com o Coronel Américo Barbosa - o que dificulta sua fiel reprodução. (p. 196).

As pessoas que se encontravam no salão-de-jantar da Pensão da Carvalhosa – e eram muitas naquele sábado de casa cheia, de quartos todos ocupados – tais testemunhas narravam como havia sido o cerco, a invasão e a prisão do homem. (p. 232).

Um inferno, os caracóis da serra! (p. 247).

Pagava a pena a gente ficar escutando o Arcanjo, sempre de caso novo, nunca esquecido de um caso antigo. Esses, até que o negro ia encorpendo de reconto a reconto, acrescentando de improviso novidades. (p. 249).

É que, também, assumia vez ou outra o ponto de vista de algum personagem, usando desse recurso para fazer alguma crítica ou expressar uma opinião.

Será que José de Arimatéia alcançara o Bugre, são e salvo, lá onde morava Seu Torquato? Andaria ele ainda escondido por ali, ou continuara a viagem para Santana do Boqueirão? E Seu Persilva, teria o capataz do Tonho Inácio voltado ao Cural de Esteio para especular de novo e apertar com mais insistência Seu Eulálio, agora que o velho ficara sozinho na fazenda? (p. 118).

As mãos da frente, mais altas que as pernas traseiras, as ancas escorridas - postura de quem já estava por fazer alto e se sentar, caso precisasse - semelhava. (p. 120).

Parentes, amigos e admiradores do Coronel Américo Barbosa, chefe político de Santana do Boqueirão – Seu Americão, como o chamavam – alguns vivos ainda, avançados de idade mas de conservada memória... (pp. 194-195).

O episódio da barrica, esse por ora o povo ignorava. (p. 219).

À porta da Matriz, aquilo que parecia procissão – perdão de Deus! – na hora de recolher-se à igreja. (p. 233).

Competente e de toda confiança, Seu Americão e mais companheiros de política não o dispensavam em épocas de eleição – naquele tempo já tido e havido como o melhor de todos os cabos do Partido. (p. 236).

Muitos, muitos anos depois, e Seu Valério Garcia ainda contava, para quem quisesse ouvir, como escapara à chacina de catorze de maio, em Santana do Boqueirão... (p. 357).

Algumas vezes o narrador assume a consciência de outros, até mesmo de animais, para analisar algum fato, alguma situação:

Culpa de quem, se às vezes sofria tanto assim – do patrão, do Nego da Castorina, dela mesma? – Camurça se indagava. Não, Seu Isé não tinha culpa, nem o Nego, tampouco ela.

2.2.4 – Conclusão/parecer

Com o mesmo estilo e repetindo a técnica que assegurara o sucesso de sua primeira obra, Mário Palmério faz de *Chapadão do Bugre* um romance vivo, interessante, que prende o leitor, ao tempo em que lhe passa preciosas informações sobre a vida do sertão de Minas, dos costumes de seu povo, das práticas boas e das condenadas, para inserir a região no mapa nacional. Palmério conta sua história, expõe os fatos e, dissimuladamente, veladamente, faz sua crítica. É assim no episódio do assassinato dos coronéis, feito em nome da lei e da moral pela autoridade constituída, contado simplesmente como mais uma ocorrência, para o leitor, ferido em sua sensibilidade, fazer o julgamento.

E, como a *Vila dos Confins*, também o Chapadão nasceu de um relatório - ou do relato de um fato histórico, para se tornar romance. Sim, os fatos constitutivos do romance não são ficcionados, pois realmente ocorreu a matança dos coronéis:

Chapadão do Bugre, o segundo sucesso literário de Mário Palmério, nunca foi apenas um romance, fruto da imaginação fértil de seu autor. Para escrever o livro, Mário Palmério teria se baseado num fato ocorrido em Passos, no ano de 1909, quando um chefe político foi assassinado por um soldado, com golpe de machadinha na cabeça. Houve outras mortes, a tiros e não a machadinhas, como diz o romance, mas alguns personagens do livro são demasiadamente semelhantes aos envolvidos no fato real, para que se aceite sem discussão a

afirmativa de que “qualquer semelhança é mera coincidência”. (Jorge Faria, no Diário da Tarde, de Belo Horizonte, de 22.04.1968).

Era o método usado por Palmério, que acreditava que o artista poderia modificar a realidade, recriá-la com sua genialidade. Palmério não partia da inspiração, não confiava somente nela para encetar suas obras. Antes, colecionava fatos, levantava dados, pesquisava, estudava, analisava tudo com cuidado e, somente quando tinha completo domínio sobre o assunto, deixava viajar a imaginação, mas obedecendo sempre aos limites do real. Preparando a criação de um livro sobre a vida na Amazônia, foi para a região, passando oito anos num barco, conhecendo todos os recantos, estudando a fauna e a flora, convivendo com todos os moradores, aprendendo sua língua e partilhando de seus problemas. O resultado desse levantamento chegou a causar pasmo àqueles que o puderam ver.

Só depois então o autor encetava a escrita, trabalhava seus livros, impondo-lhes uma autenticidade peculiar, uma fluência própria, que prende o leitor, que jamais esquecerá de sua leitura.

Chapadão do Bugre, ao lado de outras obras também gigantes, talhadas no mesmo gênero, é a literatura do Centro-Oeste, rica, poderoso, arabescando de valor esse imponente "Ciclo da Pecuária", que se levantou no panorama literário brasileiro, colorindo nossa ficção." (Almeida, 1985, p. 307).

De qualquer maneira, como já escreveu Bakhtin (1981, p. 329):

O enunciado cria sempre alguma coisa que, antes dele, nunca existiu, algo de novo e de não reprodutível e algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, o belo, etc.). Entretanto toda coisa criada se cria sempre a partir duma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que na sua visão de mundo pertence ao concluído, etc.). O dado se transfigura no criado.

Todas as histórias narradas no livro - e são muitas - têm força extraordinária, porque se integram num todo único, completando o episódio maior. Assim, a lenda das três cruzes profetizando a tragédia de Arimatéia; a captura da cobra pelo Tônico Cascavel, antecipando a captura do Coronel Américo Barbosa; o defeito físico do Zito do Adão, para explicar seu

caráter; a festa do circo, preconizando o destino trágico de seu Valico, etc. tudo nos leva a vê-lo como um romance de personagem, onde esta tem realmente o condão de conduzir a narrativa.

Pela linguagem usada, pelos assuntos tratados, pelo tipo de abordagem efetuado, o *Chapadão do Bugre* pode ser incluído entre as obras neo-regionalistas, de um cultor das corruptelas idiomáticas.

2.3 – SEMELHANÇAS DE PLANO, ESPAÇO E LINGUAGEM

Fiel ao estilo adotado, Mário Palmério trabalhou em suas obras da mesma forma, usando esquemas parecidos (a história dividida em três planos narrativos), desenvolvendo temas decorrentes quer da experiência vivida, quer do que lhe chegou ao conhecimento através de amigos ou afins. Assim é que, partindo de dados reais (em *Vila dos Confins*, do relatório sobre fraudes nas eleições municipais de sua região; no *Chapadão do Bugre*, usa prospectos publicados sobre o crime, denominados *A chacina dos coronéis*), constrói suas obras, cuidando de disfarçar a realidade sob os traços de sua ficção; os personagens são bem próximos, perfeitamente enquadrados dentro do modelo encontrado em todas as cidadezinhas - coronéis, jagunços, políticos, fazendeiros, padres, etc.; a linguagem é bem semelhante, com riqueza de termos regionais, a sintaxe tradicional do campo, o uso da repetição de vocábulos, o tom coloquial, etc.

Outra figura recorrente nos romances de Palmério é a do filho de criação, ou do agregado. O fazendeiro, de bom coração, sempre recebe alguma criança para tomar conta, para fazer dela um homem à sua imagem e semelhança. Neca Lourenço é um exemplo, na *Vila dos Confins*.

Doido? Me chamou de coisa muito pior. O senhor sabe: ele era uma espécie de pai para mim e eu tinha um respeito danado por ele. (p. 204).

Enquanto eu chorava as mágoas para o Seu Ricardo, comadre Donana me olhava morrendo de pena. A velha gostava de mim: quase que me tinha criado, me protegia muito desde os meus tempos de peão... (p. 204).

No *Chapadão do Bugre*, José de Arimatéia foi criado por Seu Valico Ribeiro, que o educou e sempre o protegeu.

Tudo, por seguir os bons conselhos de Seu Valico Ribeiro – via José de Arimatéia. Se tinha aprendido a criar ambição e se resolvido a virar homem de verdade, essa sorte ele devia àquele antigo patrão do Curral de Esteio. Assim é que, para ele, seu princípio de vida menos infeliz, mais de gente, começava a contar daquela época de empregado na fazenda de Seu Valico. (pp. 22-23).

Nos dois romances, o tema é quase exatamente o mesmo, sobre a vida do sertão, a prepotência dos coronéis e o desamparo do homem do campo.

2.4 – ANÁLISE FINAL

Por um feliz acaso, Mário Palmério entrou para a Literatura, como já havia entrado para o magistério, para a música, para a política e para a diplomacia. Mas não foi por acaso que construiu uma obra admirável, que o levou à cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, como não foi por acaso que se tornou um dos mais respeitados deputados das três legislaturas de que participou; como não foi por acaso que conquistou o Paraguai quando lá serviu como embaixador do Brasil; nem foi por acaso que edificou o maior centro universitário do oeste mineiro.

Palmério era um gênio, tinha o poder de transformar em sucesso todas as iniciativas que tomava, porque punha toda a alma em tudo o que fazia, porque se dedicava inteiramente a seu mister. O relatório que apresentou a seu partido (PTB/MG) sobre as eleições municipais de sua região tinha muito de realidade e muito de ficção, mas tudo de literatura. Assim, bastou-lhe reorganizar alguns capítulos, incluir outras histórias, mudar o nome dos personagens e tornar a linguagem menos burocrática para conquistar o público e a crítica. Mais tarde, em meados dos anos sessenta, usou de igual processo para transformar alguns prospectos sobre a tragédia ocorrida em Passos, Minas Gerais, no ano de 1909, para criar outro romance de sucesso. Admirado com a história da morte dos coronéis, Palmério foi a campo, alargou as pesquisas, levantou dados, consultou testemunhas e fez o romance, acrescentando alguns casos e trocando o nome dos principais participantes.

E teria feito o mesmo com outra obra - *O Morro das Sete Voltas*, que nunca se soube exatamente porque não foi publicado, e - *Atanásio - Confissões de um assassino perfeito* - que, segundo palavras do próprio autor, estava pronto para ir para o prelo. Demorou um pouco, refazendo as pesquisas, enriquecendo a obra, e, infelizmente, a vida não quis esperar, e não lhe deu mais tempo. Também planejava fazer um romance sobre a Amazônia, para o que já possuía copioso material levantado durante oito anos no próprio local.

Palmério não foi um escritor engajado, apesar de sua militância política e do grande interesse social que punha em todas as suas obras, pois, como já escreveu Barthes, “a literatura

é sempre irrealista e é irrisório pedir a um escritor que engaje sua obra (...). (Barthes, 1970, p. 33). Seus romances apenas mostram a vida do sertão, a luta do homem e sua forma de pensar. E isto se explica pelo conceito que o autor fazia da arte literária, que deveria ver, mostrar e denunciar os fatos, para que o país lhes desse solução:

Sobre a função da literatura, diz que é favorável àquela que contribua para o aprimoramento da mentalidade e consiga comunicar e provocar reformas. Citou o seu romance *Vila dos Confins*, em que denunciou a política eleitoral. (...) O livro serviu para reformar a legislação eleitoral brasileira, pois foi citado na câmara e no Senado. – Já o *Chapadão do Bugre* é um protesto contra a violência do coronelismo." (JB, 1968).

Como literato, como artista da palavra, Palmério precisava fazer obras de arte, ver além do que pode o homem comum e dizer isso de forma artística, reverenciando a língua, respeitando a gramática, mas também inovando, mas também resgatando o falar de sua gente, não deixando que morressem no esquecimento as expressões regionais, a cultura do povo. E os regionalistas sempre tiveram a preocupação de resgatar essa cultura, pesquisando a linguagem do homem do campo e fazendo renascer, com ela, os ruralismos trazidos de além-mar pelos primeiros imigrantes e colonizadores. E foi isso que ele fez, “ajudando a conservar, com o mesmo viço e frescura, aquilo que aconteceu ontem, como se tivesse acontecido hoje, mesmo que esse acontecer nunca tivesse acontecido” (Motta Filho, 1968).

Afinal, a Literatura é uma arte, e arte é a realização do belo. E Palmério o alcança, transportando a vida, os costumes, a cultura regional para um âmbito maior, universal, capta de maneira extraordinariamente bela toda a riqueza do ambiente sertanejo.

3 – CONCLUSÃO

Palmério estreou na Literatura em 1956, com a *Vila dos Confins*. E, exatamente no mesmo ano, surgia *Grande Sertão: Veredas*, de seu conterrâneo e amigo, Guimarães Rosa. E Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Adonias Filho e muitos outros autores também escreviam sobre a vida, mas com a perspectiva do povo de sua terra. Seria o caso de se falar, como chegaram a aventar alguns críticos, num movimento neo-regionalista? Quais os pontos comuns entre tais obras? Talvez as únicas semelhanças fossem a localização espacial (na terra do autor) e o falar característico, já que falam de temas bem diversos e têm mensagens nada parecidas. Discutindo o assunto, a professora Neli Almeida assinala ainda que

Outra face interessante no escritor regionalista é o personalismo evidente que revela e que não o prende ao formalismo gramatical: usa de maneira irregular a colocação dos pronomes: o verbo ter pelo impessoal haver; não observa a concordância com o sujeito coletivo geral; a preposição em com verbos de movimento; o pronome reto como objeto direto e muitos pontos mais que a linguagem clássica não admite. Se porém, de um lado, descuida, propositadamente, do apuro da língua, por outro distingue-se pelo alento que dá às idéias, à maneira simples de expressar, trazendo o espírito liberto de qualquer norma sintática rígida. (Almeida, 1985, p. 27).

Palmério não veste exatamente esse número. Usa o coloquialismo, sim, por uma questão de estilo, e a linguagem do sertanejo porque sentiu que era a que melhor se quadrava a suas obras, e porque não desejaria fazer de outra forma, falseando a realidade “O homem fala a língua de seu meio, de sua profissão.” - Almeida, 1985, p. 24). E uma das propostas dos regionalistas era precisamente a de recriar a língua, estilizando-a à maneira própria, de forma bem pessoal; ou seja, dinamizando-a, tornando-a elástica, enriquecendo-a. Senão, vejamos Guimarães Rosa, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, etc.

São por todos conhecidas as dificuldades de se fixar uma definição precisa de romance regionalista. Assim, nas palavras de José Maurício Gomes de Almeida:

Antes de mais nada, a quase impossibilidade de se fixar, de um modo estável e definitivo, um conceito estrito de romance regionalista que atenda a toda aquela ampla gama de obras tidas geralmente pela crítica como tais. (Gomes de Almeida, 1999, p. 315).

Estava encerrado o período da literatura inspirada na economia da cana-de-açúcar, que se propunha focalizar as transformações econômicas do homem do Nordeste e viveu principalmente da inspiração de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, que exauriram as discussões do assunto e não deixaram sucessores. Esgotara também o ciclo do café e a literatura criada pela produção e exportação do cacau sobrevivia apenas na obra de Jorge Amado. Era natural, então, que essa linha se renovasse, procurando inspiração em outras atividades essenciais, marcadamente ligadas à nossa tradição rural. Bernardo Elis publicou *O tronco*, em 1956, depois *Caminhos e descaminhos*, em 1965, e *Veranico de janeiro*, em 1966. Adonias Filho surgiu com *Memórias de Lázaro*; José Condé, em 1951, lançou *Histórias da cidade morta*; Herberto Sales, lançou *Cascalho*, em 1954, e Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, em 1956, e *Corpo de baile*, também no mesmo ano. Estava preparado o terreno, e Palmério iniciou o ciclo do gado, procurando manter uma conversa quase informal, usando a linguagem popular, bem característica de seu rincão, para falar desta fonte nova de inspiração literária, da nova aristocracia que estava surgindo – a dos criadores de gado, com a cultura do zebu – principalmente na região do Triângulo Mineiro.

Para o romancista, os campos significam um pouco mais do que um cenário e um tempo para a sua ficção. É o seu mundo preferido, sua aventura, sua fuga, sua integração na própria harmonia íntima. (DN, 1970).

Nota-se na crítica certo constrangimento de classificar qualquer romance como regionalista, como se tal fato representasse algum demérito para a obra. Tal não é, porém, o conceito do professor Gomes de Almeida, inteiramente apoiado por Alceu Amoroso Lima, quando afirma que:

Com frequência vemos a classificação de regionalista encarada por escritores e críticos quase como uma pecha, contra a qual alteiam-se vozes indignadas de defesa. Semelhante preconceito tem sua origem em uma atitude equivocada, que

vê no regionalismo um localismo reductor, antítese do universalismo e conseqüentemente um rebaixamento de valores estéticos e humanos da criação. Grave engano. Regionalismo coloca-se no pólo oposto a cosmopolitismo, que encerra uma colocação de desenraizamento cultural, nunca a universalismo”. (Alceu Amoroso Lima, na orelha do livro *A tradição regionalista*).

E ainda não é só. Outra restrição dos críticos ao regionalismo é que o rótulo possa ser confundido com um levantamento do folclore, com a intenção de simplesmente mostrar alguma espécie de curiosidade local, sem nenhuma preocupação social.

E, outra vez, estão sem razão, que uma das faces mais importantes do regionalismo é a denúncia social, é revelar as chagas da sociedade decadente, limitada em seu pequeno mundo, e contribuir para uma revisão das desigualdades sociais existentes, como fizeram Rachel de Queiroz, Graciliano, José Américo, Jorge Amado e muitos outros. E tanto isto é verdade, que a tradição regionalista sempre esteve presa à existência de valores culturais bem diferenciados e sedimentados às peculiaridades da região, mostrando suas características próprias (como o cacau, a cana, etc.) e como isso afeta os costumes da população.

Para o professor Antônio Houaiss (1958, p. 154), porém, não há dúvidas, Mário Palmério é regionalista e localista, sobretudo no seu discurso direto seletivo:

A grandeza do romance brasileiro regionalista está, em verdade, além de revelar certo Brasil conhecido apenas (e mal) racionalmente, em haver legitimado, em padrão generalizável pois que integrado no comum, um sem número de regionalismos, vocabulares, ideológicos e conceptuais, de possível curso nacional. Mário Palmério, quando ostensivamente regionalista e localista – sobretudo no seu discurso direto seletivo -, não deixa de consigná-los nas roupagens comuns, já por convenções gráficas, como o seu característico uso do apóstrofo, a orientar o leitor, alguns de cujos exemplos vimos acima em saudações e afins, já por encobrir, pura e simplesmente, o dialectal fonético...

Concluindo, podemos afirmar com a unanimidade da crítica que, como regionalistas ou não, os romances de Palmério são literatura da melhor qualidade, que vieram para ficar, para se integrar à Literatura Brasileira, para satisfação do público, que sempre haverá de se deleitar com o que de melhor se tem produzido em nossa terra.

4. BIOGRAFIA DO AUTOR

Mário de Ascensão Palmério, filho de Dr. Francisco Palmério e de D. Maria da Glória Palmério, nasceu em Monte Carmelo, Minas Gerais, pequeno município a 142 km de Uberaba, a 1º de março de 1916. Seu pai, o doutor Francisco Palmério, engenheiro civil e advogado, era homem de cultura e largo prestígio em toda a região triangulina (Triângulo Mineiro), exercendo, nos últimos anos de sua vida, o cargo de Juiz de Direito em várias comarcas do Estado.

Mário Palmério fez os seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari, concluindo-os em 1933. Em 1935, matriculou-se na escola Militar do Realengo, no Rio, de onde se desligou, no ano seguinte, por motivo de saúde.

Nunca foi de muita leitura, mas os portugueses clássicos ele os conhece bem. Lê e traduz do inglês, francês e espanhol. (DN, 1978).

Em 1936, Mário Palmério ingressou por concurso no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, sendo designado para servir na sucursal de São Paulo. É também nessa cidade que inicia a carreira do magistério, como professor de Matemática do Colégio Pan-Americano, mantido pela Escola Paulista de Medicina, adquirindo experiência e tomando amor pela educação.

Cheio de projetos, volta a Uberaba em 1940, onde funda o Lyceu Triângulo, na Rua Cel. Manoel Borges, transferido posteriormente para um conjunto de edifícios, onde hoje está o Campus I da Universidade de Uberaba. O Lyceu, depois chamado de Colégio Triângulo, provocou transformações na educação da cidade, por ser um colégio misto, que recebia alunos de ambos os sexos, e por oferecer formação polivalente direcionada para o ensino das Ciências Exatas, Biológicas, Humanas, além de priorizar a prática de esportes.

Apesar do sucesso do colégio, ou exatamente por isso, Palmério não estava satisfeito, vendo que poderia oferecer maiores oportunidades à juventude de sua terra. Foi assim que, em 1945, num gesto de coragem e ousadia, criou a Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro, completando a experiência necessária para a criação de uma escola superior, que não

deveria demorar. A primeira foi em 1947, quando o governo federal autorizou a abertura da Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro.

A partir de então, Mário Palmério não mediu mais esforços para criar outras unidades. Em 1950, foi a vez da Faculdade de Direito; em 1953, a Faculdade de Medicina; e não parou mais, até constituir a grande universidade de hoje.

Como professor e homem da educação, Palmério não tardou a ser atraído pela política. Assim, levado pelo desejo de fazer mais pela educação de sua região e de todo o país, em 1950, foi eleito Deputado Federal por Minas Gerais, na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro e, durante todo seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados (1950-1954), exerceu a vice-presidência da Comissão de Educação. Reeleito em 1954, passou a integrar a Comissão de Orçamento e a Mesa Diretora da Câmara. Por indicação do Presidente da Câmara dos Deputados, matriculou-se, em 1955, na Escola Superior de Guerra, onde concluiu o Curso Superior de Guerra.

Em 1956, fundou a Escola de Engenharia do Triângulo Mineiro.

A exemplo de Graciliano Ramos, estreou na vida literária não propriamente tarde, mas a meio-caminho: só aos 40 anos aparece seu primeiro livro, *Vila dos Confins*, fruto quarentão de aventura intelectual, cujo propósito era bem outro, isto é, a política: *Vila dos Confins* nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance.

- Eu quis relatar o que conhecia de ver e sentir no interior de Minas. Fiz um relatório, para ser mimeografado e distribuído pela Câmara Federal. Mas senti que a coisa estava dura, fria. Transformei o que vi em seis crônicas, que me foram solicitadas por Odilo Costa Filho para serem publicadas. - Logo senti que os personagens das crônicas se repetiam, o cabo eleitoral, o coronel, etc., donde concluí que poderia partir para um romance, um livro sobre as eleições no Brasil. Assim nasceu *Vila dos Confins*: um relatório, com jaguarana-pixuna e tudo. (Mário Palmério, para o *Diário Comércio & Indústria*, de São Paulo, 07/08/1971)

Em 1958, reelegeu-se pela 3ª vez deputado federal por Minas Gerais e, em 1962, desejoso de se afastar da política partidária, foi nomeado pelo Sr. Presidente João Goulart para o cargo de Embaixador do Brasil no Paraguai. No exercício da diplomacia, trabalhou pela união

das duas culturas, criando escolas, promovendo eventos, estimulando a construção da Ponte da Amizade, merecendo, ao final, o reconhecimento por parte do governo paraguaio.

E foi lá, também, naquele país, do convívio com os principais aficionados da música paraguaia, que nasceu o compositor Mário Palmério, autor de maior expressão do meio artístico-musical de Assunção. São de sua autoria muitas guarânias e polcas paraguaias, destacando-se entre elas, as já citadas *Saudade*, *Noches de Assunción*, *No Digas No*, *Función Patronal*, além de outras que compõem um LP que se tornou um dos maiores êxitos musicais dos países sul-americanos.

De regresso ao Brasil após a revolução de 1964, Mário Palmério reencetou suas atividades literárias, isolando-se na fazenda de sua propriedade, no sertão sudoeste de Mato Grosso, para escrever o *Chapadão do Bugre*, também publicado pela José Olympio Editora, em 1965, que repetiu o êxito de seu romance de estréia.

A 4 de abril de 1968, Mário Palmério foi eleito para a cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras, vaga com a morte de seu dileto amigo e conterrâneo Guimarães Rosa. Tomou posse a 22 de novembro de 1968, sendo recebido na Casa pelo acadêmico Cândido Mota Filho.

De fevereiro de 1969 a fevereiro de 1970, visitou a Amazônia, por onde viajou, levantando material, em busca de novos temas e novos ambientes para seu ofício de novelista.

O conhecimento de Mário Palmério sobre a Amazônia foi motivo de extraordinário interesse por parte de universidades e outras instituições culturais. De março a agosto do ano de 1971, as atividades do escritor foram intensas em virtude dos convites que recebeu para pronunciar conferências na Europa.

Em janeiro de 1978, Mário Palmério voltou à Amazônia, desta vez para uma permanência bem mais demorada. Acabou ficando por lá durante nove anos, vivendo em um barco construído por ele próprio, com as características necessárias às viagens fluviais por toda a bacia Amazônica. Esse barco, que ele batizou de Frey Gaspar de Carvajal, foi motivo de inúmeras visitas de cientistas e naturalistas de quase todo o mundo, interessados em estudos da fauna e da flora amazônica, muitos deles participando das incursões fluviais pelos longínquos e pouco conhecidos rios e afluentes do extremo ocidente do norte brasileiro, como o rio Javari,

Curuçá, Jutaí, Iça, Japurá, Tefé, Coari, Rio Branco, Catrimami e muitos outros, quase todos eles povoados de tribos indígenas, muitas delas ainda totalmente sem contato com os missionários, indigenistas e demais pessoas especializadas na aproximação, conhecimento e integração da cultura indígena à nossa civilização.

Mário Palmério regressou a Uberaba em 1987, reassumindo a direção das Faculdades Integradas de Uberaba, fundadas por ele. Em outubro de 1988, assistiu, em Brasília, no Gabinete do Senhor Ministro da Educação, à assinatura do reconhecimento da Universidade de Uberaba, assumindo, logo em seguida, a Reitoria da novel instituição de ensino superior.

Sua gestão à frente da Universidade de Uberaba foi marcada pela criação de novos cursos universitários e pela regionalização da Instituição, com a criação de campus nas cidades de Frutal e Monte Carmelo.

Em abril de 1996 afastou-se novamente da Reitoria da Universidade de Uberaba, só que, desta vez, para cuidar da saúde e para se dedicar à literatura e à pintura, outra de suas paixões, tendo sido eleito para substituí-lo seu filho Marcelo Palmério, que assumiu aquelas funções.

Definindo o romancista, disse o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, em 1968, quando de sua posse na ABL:

Ele é um homem simples, alto e forte, que gosta muito de andar, de conversar e de uma boa pinga mineira. Usa sempre gravata borboleta e paletó aberto, não parece ter a idade que tem. Não gosta muito de poesia e de pintura, mas adora música. Toca piano de ouvido, e já compôs melodias paraguaias. (JT, 1968).

Mário de Ascensão Palmério era casado com dona Cecília Arantes Palmério e teve dois filhos: o Professor Marcelo Palmério, seu sucessor na Reitoria da Universidade de Uberaba, e a artista plástica Marília Palmério Assumpção.

Em 1996, faleceu em Uberaba, no dia 24 de setembro, aos oitenta anos de idade.

5 - NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Com relação à técnica, encontrei-a ora expressionista, ora impressionista. A primeira, isto é, a expressionista é a que traduz, esteticamente, as sensações captadas do mundo real ou imaginário.

Recolhidas, sensorialmente, as percepções são reconstruídas e traduzidas, tal qual se apresentam, através do esforço dedutivo, isto é, de uma consequência tirada de um princípio que parte da causa pelo efeito.

Exemplo - O perfume, vindo do jardim, embalsamou o ar e Maria, abrindo a janela, aspirou-o, contente da vida. Técnica expressionista. Neste exemplo prevalecem sensações olfativas e visuais.

Pela segunda, isto é, pela técnica impressionista, o escritor invoca as sensações percebidas sem, entretanto, analisá-las nem investigá-las, com relação aos estímulos, se reais ou ilusórios.

Esteticamente, aqui, as sensações são traduzidas sem exame consciente, dispensando-se a análise. Traz, sempre, materialização do abstrato, dinamização das emoções, das cousas estáticas. Retém simplesmente a impressão, tal qual ela é materialmente presentida.

Exemplo - É o fim. O vento que açoita a noite parece levar-me para longe de tudo. Materialização do abstrato. Personalizado, o vento concede força à percepção. Impressionismo. (Neli Almeida, 1985)

2. Em *Chapadão do Bugre*, a mula Camurça, que carrega no lombo a vindita potencial de seu dono, constitui personagem de relevo na trama romanceada, chegando ao extremo de externar afeição por José de Arimatéia, e repúdio por Seu Persilva. Em *Vila dos Confins*, a presença da natureza é patente, mas se diversifica. Em *Chapadão do Bugre*, parece concentrar-se no animal que livrou da morte o personagem principal em mais de uma oportunidade, mas não pode evitar o desfecho dramático do romance. (Discurso de posse do Sr. Tarcísio Padilha na ABL, a 13/06/97 – In: *Discursos Acadêmicos*, vol. 27, p. 150).

6 - BIBLIOGRAFIA

- 001 - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Anuário de 1980* – Rio de Janeiro, ACBL, 1988
- 002 - ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. 2. ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999
- 003 - ALMEIDA, Neli Alves de. *Estudo sobre quatro regionalistas*. 2a ed., Goiânia, Ed. da UFG, Imprensa da UFG, 1968
- 004 - ALVES, Henrique L. "Papel & tinta & livros". In: *A gazeta esportiva*. São Paulo, 09/04/1972
- 005 - ----- "Palmério conquista vaga de Rosa". In: *Papel & tinta & livros*. In: *A gazeta esportiva*. São Paulo, 07/04/1968
- 006 - AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo, Hucitec, 1982
- 007 - ASSIS BRASIL. "Vila dos Confins", In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24/02/1957
- 008 - ATHAYDE, Austregésilo. "Discurso de boas-vindas ao acadêmico Mário Palmério". In: *Revista da Academia*, vol. 122, de 1971, na sessão de 12.08.1971 – Rio de Janeiro, ABL, 1971.
- 009 - ÁVILA, Afonso. "Os limites da Vila dos Confins". In: *Estado de São Paulo* (Suplemento literário), São Paulo, 09/03/1957
- 010 - BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981
- 011 - BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970
- 012 - -----, *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- 013 - BENJAMIN, Walter. "O narrador" in BENJAMIN, Walter et alii. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural (*Os pensadores*), 1975.
- 014 - BOURNEUF, Roland e OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra, Almedina, 1976

- 015 - BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo, Cultrix, 1993
- 016 - BRAGA, Rubem. "Costumes", in: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16/12/1956
- 017 - BRAIT, Beth. *A personagem*. 4a. ed. São Paulo, Ática, 1990
- 018 - BRITO, Mário da Silva e outros. Direção de Afrânio Coutinho. *A literatura no Brasil*. Volume V – Modernismo. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1970
- 019 - CANABRAVA, Dalton. *Minas Gerais*. Diário Oficial do Estado, com pronunciamentos feitos na Assembléia Legislativa Estadual, em 19/03/1968. Belo Horizonte, Minas Gerais, 22/03/68
- 020 - CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970
- 021 - ----- . *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987
- 022 - ----- . *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956
- 023 - ----- . *Formação da literatura brasileira*. 6ª ed. 2º. vol. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981
- 024 - ----- . *Literatura e sociedade*. 7ª. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985
- 025 - CHIMANOVITCH, Mário. "Remexendo os baús do nariz de Minas". In: *Correio Braziliense*. Brasília, 28/09/1988
- 026 - COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976
- 027 - CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 5a. ed. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966
- 028 - DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971

- 029 - DIÁRIO COMÉRCIO & INDÚSTRIA. "*Quando um caçador não conta mentiras*". São Paulo, 07/08/1971
- 030 - DIÁRIO DA NOITE – Edição matutina. *Palmério hoje no canal 4 para falar da Amazônia*. São Paulo, 27/05/1970
- 031 - DIÁRIO DA NOITE – "*Nem sempre os caçadores mentem*". Recife, 31/07/1971
- 032 - DIÁRIO DE NOTÍCIAS – "*Palmério: um bugre aventureiro*". Entrevista a Ary Quintela. Rio de Janeiro, 05/05/1974
- 033 - DIAS, Etevaldo. "Palmério terá reencontro com Rosa em Cordisburgo". In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10/04/1968
- 034 - DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. "Veludo, araçá lima-de-bico". In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14/04/1968
- 035 - EAGLETON, Terry. *Introdução à teoria literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- 036 - ECO, Umberto. "Metáfora e semiose". In: *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ática, 1984.
- 037 - FARIA, Jorge. "A verdade sangrenta no Chapadão de Mário Palmério". In: *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, 22/04/1968, p. 17
- 038 - FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Tradução de Leandro Konder. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1971
- 039 - FREIXEIRO, Fábio. "O sertão e a estética dos Confins". In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26/07/1969
- 040 - FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação (Os cadernos de Cultura, 80), 1955.
- 041 - FRANCO, Affonso Arinos de Melo. *Os jagunços*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1969

- 042 - FROTA, Maria Helena de Arantes. *O discurso trágico de Mário Palmério*. Tese de doutorado de filosofia em português junto à Universidade de Stanford (USA), 1988
- 043 - GARCIA, Antônio. Pesquisa fornecida pela ABL.
- 044 - GENETTE, Gerard. *Nouveau Discours du Récit*. Paris: Seuil, 1983.
- 045 - GODOY, Roberto de. "Mário Palmério fala de escolas, ecologia, literatura, passarinhos (nas páginas centrais, seu novo livro). In: Suplemento literário de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8/10/72 N. 793, Ano XVII
- 046 - HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986
- 047 - HOUAISS, Antônio. Sobre a linguagem de Vila dos Confins. In *Revista do Livro*, n. 10. Rio de Janeiro, INL/MEC, junho de 1958.
- 048 - JORNAL DA TARDE. "O herdeiro de Guimarães Rosa". São Paulo, 05/04/1967.
- 049 - JORNAL DO BRASIL. "Palmério vê mundo enganado sobre extermínio de índios". Rio de Janeiro, 29/08/1972
- 050 - JORNAL DO BRASIL. "Escritor Mário Palmério é favorável à literatura que permite participação". Rio de Janeiro, 06/04/1967.
- 051 - KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 6a. ed. portuguesa. Revista por Paulo Quintela. Coimbra, Arménio Amado, 1976
- 052 - LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed São Paulo: Martins Fontes, 1991
- 053 - LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo: enxada e voto*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976
- 054 - LIMA, Ébion de. *Lições de Literatura Brasileira*. 2ª. ed. São Paulo: Livraria Editora Salesiana, 1963.
- 055 - MARTINS, Wílson. "Um escritor de raça". In: *Estado de São Paulo* (Supl. Lit.), São Paulo, 11/05/1957

- 056 - MERQUIOR, José Guilherme. "Os estilos históricos na literatura ocidental". In: PORTELLA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- 057 - MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Vol. V – Modernismo. São Paulo, Cultrix, 1989
- 058 - MELO, Wálter Santiago de. *Os discursos direto e indireto livres e sua realização na obra de Mário Palmério*. Dissertação de Mestrado elaborada sob a orientação do Professor Celso Ferreira da Cunha. UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 01 semestre de 1974.
- 059 - MONTEZUMA DE CARVALHO, Joaquim de. "Mário Palmério, romancista". In: *A Tribuna*. Santos, 07/10/1972
- 060 - MOTA FILHO, Cândido. "Discurso de recepção ao acadêmico Sr. Mário Palmério". In: *Discursos acadêmicos*. Vol. 9. Rio de Janeiro, ACBL, 1988
- 061 - MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Tradução de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, s/d
- 062 - NATAL, Eduardo. "Mário Palmério – Ao tamborilar da chuva, nasce a literatura". In: *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17/06/1973(?)
- 063 - NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988
- 064 - O GLOBO (Sucursal de Uberaba-MG) – "Mário Palmério eleito na vaga de Guimarães Rosa". In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 05/04/1968
- 065 - O GLOBO (Sucursal de Uberaba-MG) – "O mundo quase encantado do mineiro Mário Palmério" Rio de Janeiro, 17/06/1973
- 066 - OLAC - Oficina Literária Afrânio Coutinho – *Enciclopédia de Literatura Brasileira* – (Vol. 2, pp. 1020-1021), Brasília: MED/FAE, 1995
- 067 - PADILHA, Tarcísio. "Discurso de posse na ACBL". In: *Discursos acadêmicos*. Vol. 27. Rio de Janeiro, ACBL, 1997
- 068 - PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*. Rio, José Olympio, 1965

- 069 - ----- . "Discurso de posse na ACBL". In: *Discursos acadêmicos*. Vol. 9. Rio de Janeiro, ACBL, 1988
- 070 - ----- . *O núcleo central brasileiro (Região centro – leste)*.
Monografia apresentada à Escola Superior de Guerra pelo Estagiário
Deputado Mário Palmério. Rio, setembro de 1955.
- 071 - ----- . *Vila dos Confins*, Rio, José Olympio, 1956
072. ----- . *Vila dos Confins*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,
1984
- 073 - PEIXOTO, Celina Vargas do Amaral. "Coronelismo, enxada e voto". In:
O Globo, Rio de Janeiro, 10/02/2000
- 074 - PIÑON, Nélida e outros. Sessão da saudade, em memória do
acadêmico Mário Palmério". In: *Anuário de 1996*, sessão realizada a
26.09.1996. Rio de Janeiro, ACBL, 1988
- 075 - PORTELLA, Eduardo. "Vila dos Confins ou a ficção livre". In: *Jornal do
Commercio*, Rio de Janeiro, 30/06/1957
- 076 - ----- . *Dimensões II*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- 077 - QUINTELA, Ary. Entrevista com Mário Palmério. In: *Jornal do
Commercio*, Rio de Janeiro, 11/04/99
- 078 - RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro, Martins Editora,
1955
- 079 - RABELLO, Sylvia. *Euclides da Cunha*. 2ª. ed. Rio: Civilização Brasileira, 1966.
- 080 - REVISTA CONVERGÊNCIA. Órgão da Academia de Letras do Triângulo
Mineiro. Nº 18, de 15/11/1997
- 081 - SALLES FILHO. Antônio. *A negação e sua expressão sintática em Vila
dos Confins, de Mário Palmério*. Tese apresentada para concurso de livre-
docência de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1976.

- 082 - SANTAYANA, Mauro. "As confissões de um assassino perfeito, segundo Mário Palmério". In: *Estado de Minas*, de Belo Horizonte, 03/10/1973
- 083 - SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978
- 084 - SANTOS, Homero. "Homenagem póstuma a Mário Palmério". In: *Ata n° 38, de 25.09/1996, do TCU*.
- 085 - SARNEY, José. "O abade Mário Palmério que navegava os igarapés da Amazônia". In. *Folha de S. Paulo*, de 26.09.96, transcrito da Revista da Academia, n. 170, p. 123-124)
- 086 - SILVA, Victor Manuel Aguiar. *Teoria da literatura*. 2. ed Coimbra, Almedina, 1969
- 087 - SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969
- 088 - TODOROV, Tzveton e DUCROT, Oswald. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- 089 - VASCONCELLOS, Paulino Cícero de. Discurso na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, em 19.02.1967. Belo Horizonte, Minas Gerais, 22/03/68

Disponível em: <www.babellivros.com.br/cataperm.htm>

Acesso em: 15.jun.2005